



EMPOWERMENT: UMA ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO EM MEIO RURAL – O CASO DE S. SEBASTIÃO DA GIESTEIRA

**Dissertação apresentada para a obtenção de grau de mestre em Educação Social
e Intervenção Comunitária.**

Márcia Lima

Orientador:

Professor Doutor Paulo Coelho Dias

Setembro, 2020



EMPOWERMENT: UMA ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO EM MEIO RURAL – O CASO DE S. SEBASTIÃO DA GIESTEIRA

**Dissertação apresentada para a obtenção de grau de mestre em Educação Social
e Intervenção Comunitária.**

Márcia Lima

Orientador:

Professor Doutor Paulo Coelho Dias

Setembro, 2020

Ao meu filho, Lourenço.

Pelos momentos que não lhe dediquei...

Resumo

Os espaços rurais são, por norma, territórios deprimidos, com uma baixa densidade populacional e com a existência reduzida, ou ausência, de serviços e equipamentos essenciais. Não obstante, são também realidades marcadas pela diversidade. Assim, para cada realidade concreta impõem-se processos e dinâmicas igualmente concretas, que respeitem as especificidades locais e partam de soluções produzidas pela própria comunidade. Neste sentido, afigura-se o conceito de desenvolvimento comunitário em estreita relação com os processos de *empowerment* incrementados por organizações locais. O objetivo central deste estudo é perspetivar em que medida as ações dinamizadas por organismos locais podem assumir-se enquanto instrumento potenciador de desenvolvimento comunitário em meio rural, pela geração de processos de *empowerment* nos seus públicos. Para isso, escolheram-se três associações locais de S. Sebastião da Giesteira, analisando-se as mesmas sobre duas perspetivas: as de quem idealiza/executa os projetos/ações e a dos(as) sócios(as) que usufruem das atividades. Este é um estudo qualitativo de carácter exploratório que não pretende comparar a eficácia da intervenção comunitária de cada uma das associações, mas sim apurar de que forma essas práticas se verificam. Para o efeito realizou-se junto de interlocutores privilegiados o levantamento de dados em duas óticas distintas: por um lado, a perspetiva institucional obtida mediante a utilização de entrevista semiestruturada aos técnicos e dirigentes das associações, e por outro, a perspetiva da comunidade (sócios das associações) através de dados recolhidos em questionários.

Esta investigação permitiu verificar que as associações locais em S. Sebastião da Giesteira têm um papel imprescindível ao atuar enquanto ponte que aproxima o indivíduo e a comunidade, impulsionando e facilitando a participação dos intervenientes locais na sua comunidade, na construção de soluções viáveis para problemas coletivos.

Palavras-chave: espaço rural, desenvolvimento comunitário, *empowerment*, intervenção comunitária, mudanças sociais.

Abstract

Rural areas are, as a rule, depressed territories, with a low population density and with the reduced existence, or absence, of essential services and equipment. However, they are also realities marked by diversity. Thus, for each concrete reality, equally concrete processes and dynamics are required, respecting local specificities and starting from solutions produced by the community itself. In this sense, the concept of community development appears in close relationship with the empowerment processes increased by local associations. The main objective of this study is to envisage the extent to which actions promoted by local organizations can be seen as an instrument to enhance development based on rural areas, by generating training processes in their audiences. So, this reason three local associations of S. Sebastião da Giesteira were chosen, analyzing them from two perspectives: to idealize / execute the projects / actions and those of the partners who enjoy the activities. This is a qualitative study of an exploratory nature that does not intend to compare the community intervention of each of the associations, but to investigate how these practices are verified. For this purpose, data collection from two different perspectives is carried out with privileged interlocutors: on the one hand, an institutional perspective obtained through the use of semi-structured interviews with technicians and leaders of associations, and on the other, the perspective of the community (members associations) through data collected in questionnaires.

This common investigation verifies that the local associations in S. Sebastião da Giesteira have an essential role in acting as a bridge that brings the individual and the community closer together, boosting and facilitating that of local actors in their community participation, in building viable solutions for collective problems.

Keywords: rural space, community development, empowerment, community intervention, social changes

Índice geral

Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Índice geral.....	iv
Índice de Gráficos.....	vii
Índice de Tabelas.....	vii
Índice de Figuras.....	vii
Siglas.....	viii
Agradecimentos.....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
CAP. 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
1. 1. Espaço rural: o velho mundo rural e a «nova» ruralidade.....	5
1.2. Desenvolvimento e desenvolvimento comunitário.....	6
1.2.1. Desenvolvimento.....	6
1.2.2. Desenvolvimento comunitário.....	8
1.3 <i>Empowerment</i>	12
1.3.1 Relações de poder e <i>empowerment</i>	12
1.3.2. Definições de <i>empowerment</i>	15
1.3.2.1. Categorias e níveis do <i>empowerment</i>	16
1.4 O educador social e a intervenção social.....	19
CAP. 2 - PROBLEMA DE PESQUISA E METODOLOGIA.....	21
2.1 Problema de pesquisa.....	21

2.2. Objetivos da investigação	23
2.3. Opção metodológica.....	25
2.4 Técnicas de recolha de dados	27
2.4.1 Pesquisa bibliográfica e documental.....	27
2.4.2 – Observação e Diário de Bordo	27
2.4.3. - Conversas informais.....	27
2.4.4 - Entrevista semiestruturada	28
2.4.5. – Inquérito por questionário	28
CAP. 3 – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	30
3.1. S. Sebastião da Giesteira	30
3.2 – Objeto de estudo	31
3.2.1 Associação de Proteção dos Idosos e Reformados de S. Sebastião da Giesteira	32
3.2.2 Associação Juventude Giesteirense	32
3.2.3. Grupo Desportivo Unidos da Giesteira	33
3.3 - Amostra	34
CAP. 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA	35
4.1. Entrevistas semiestruturadas	35
4.1.1. Características sociodemográficas dos entrevistados	35
4.1.2. Projetos/ações.....	36
4.1.3. Definição e execução das atividades.....	41
4.1.4 Parcerias.....	433
4.1.5 Impacto dos projetos/ações	44
4.1.5.1 Nos participantes	44

4.1.5.2. Nas organizações	47
4.2. Inquéritos por Questionário.....	50
4.2.1. <i>Características sociodemográficas dos sujeitos</i>	50
4.2.2. Resultados do Inquérito por Questionário	52
4.3 Cruzando dados.....	63
4.4. Conclusões e linhas futuras.....	66
Considerações finais.....	70
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICE 1: MODELO GUIÃO DA OBSEVAÇÃO DO CAMPO	77
APÊNDICE 2: MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO	78
APÊNDICE 3: GUIÃO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	79
APÊNDICE 4: INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO	81
APÊNDICE 5: GRELHA SÍNTESE DOS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO	86
APÊNDICE 6: REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DE CAMPO	89
APÊNDICE 7: TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS	101

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Idade - resultados do Inquérito por Questionário	49
Gráfico 2 - Habilitações escolares- resultados do Inquérito por Questionário.....	50
Gráfico 3 – Estado civil- resultados do Inquérito por Questionário	50
Gráfico 4 - Situação profissional - resultados do Inquérito por Questionário	51

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Níveis de <i>empowerment</i> e seus domínios	18
Tabela 2 - Participantes segundo o critério da amostra	34
Tabela 3 - Características sociodemográficas dos entrevistados – resultado das Entrevistas Semiestruturadas	35
Tabela 4 - Síntese dos projetos/ações, objetivos e público-alvo das associações em estudo...36	
Tabela 5 – Total de respostas dos Inquéritos por Questionário.	52
Tabela 6 – Médias das questões dos Inquérito por Questionário, segundo a escala de <i>Likert</i>	61

Índice de Figuras

Figura 1 – Eixos temáticos da pesquisa	25
--	----

Siglas

APIR – Associação de Proteção dos Idosos e Reformados

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

CATL – Centro de Atividades de Tempos Livres

AJG – Associação Juventude Giesteirense

GDUG – Grupo Desportivo Unidos da Giesteira

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Agradecimentos

A todos aqueles que cruzaram o meu caminho e que me influenciaram com o seu conhecimento, experiência e sensibilidade. A todos vós devo um pouco do que sou e do percurso que tenho traçado.

Um agradecimento especial ao Professor Doutor Paulo Coelho Dias que nesta trajetória algo longa, se manteve sempre à distância de uma mensagem de correio eletrónico, portanto perto! Obrigada pelos seus conhecimentos, pelo exemplo de competência, pela paciência e encorajamento.

Agradeço ao Fábio, à Catarina e à Vera. Sem a vossa preciosa ajuda nunca teria sido tão divertido!

Um enorme agradecimento aos 6 entrevistados e 65 inquiridos que de forma tão gentil aceitaram colaborar nesta investigação.

Aos amigos que nos dão a mão, carregam e alegam os dias. Obrigada Ana e Natália, por tudo!

INTRODUÇÃO

O presente trabalho destina-se à apresentação da dissertação de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, e intitula-se “*Empowerment: uma estratégia de desenvolvimento comunitário em meio rural – o caso de S. Sebastião da Giesteira*”. Tendo como suporte empírico de referência a aldeia de S. Sebastião da Giesteira, este trabalho trata a problemática do desenvolvimento comunitário em meio rural através da implicação do conceito de *empowerment*.

Este tema tem ganho forma ao longo dos últimos anos, mais precisamente desde que, por motivos familiares, a autora da presente dissertação passou a residir em S. Sebastião da Giesteira. Esta localidade é uma aldeia rural que dista cerca de 18 km da sua sede de concelho – Évora, e que, como tal apresenta características típicas de espaço rural em que se regista uma densidade populacional reduzida, uma população envelhecida e onde a paisagem e atividade agrícola predominam. Por outro lado, a proximidade de S. Sebastião da Giesteira à sua sede de concelho não minimiza o fosso que existe entre o espaço urbano e o espaço rural.

Na verdade, seja em termos económicos, sociais, estruturais e/ou institucionais vivem-se as consequências provocadas pelo afastamento geográfico dos grandes centros urbanos. A falta/baixa instrução e qualificação profissional da população, os condicionalismos como as crenças e os preconceitos enraizados e a mentalidade quanto à mudança e inovação assumem-se como elementos fraturantes do desenvolvimento. Acontece frequentemente que as comunidades com menos rendimentos per capita, envelhecidas e/ou geograficamente mais isoladas não possuem informação adequada, nem ferramentas que lhes permitam refletir, de forma crítica sobre a sua real situação e conseqüentemente ponderar possíveis mudanças. Erradamente, a mudança é vista como algo a evitar.

Nestes contextos, e com o destaque crescente atribuído, tanto na esfera política, como mediática e científica, por um lado existe a questão do desenvolvimento comunitário em espaço rural, e por outro verifica-se a preocupação com as pessoas e com o desenvolvimento das suas competências e habilidades. Nestes ambientes/zonas rurais emergem vários projetos e iniciativas que diagnosticam a necessidade de iniciar com a população processos de reflexão sobre a sua situação atual, permitindo-lhes ponderar os seus problemas específicos. Reconhece-se que é somente a partir das necessidades identificadas pela população e da

consciência que adquirem de que o desenvolvimento opera transformações profundas nos indivíduos e coletividades, que o desenvolvimento comunitário assenta a sua ação, sempre numa lógica de iniciativa, responsabilidade e liberdade de escolha por parte daqueles que dele irão beneficiar.

É determinante a questão: como apoiar os indivíduos neste processo individual e coletivo de auto percepção do seu papel enquanto agente ativo promotor de mudança, bem como a consciência do outro numa ótica de união de esforços num processo comum de satisfação de necessidades coletivas?

É neste encadeamento de ideias e sucessivas questões que se afigura o conceito de *empowerment* enquanto uma possível estratégia-técnica, que ao aprimorar certas competências pessoais, impõe uma mudança de atitude nos indivíduos; de uma postura passiva a ativa. De facto, o conceito *empowerment* ganhou expressão nas últimas décadas e representa um dos principais paradigmas de desenvolvimento, sendo utilizado por técnicos de intervenção social em várias áreas de ação (educação social, serviço social, animação sociocultural, psicologia, etc.).

Comummente, esta intervenção social a que nos referimos surge enquanto resposta institucional, intencional e sistemática a uma determinada realidade social, com o intuito de promover a participação ativa e voluntária dos indivíduos, na resolução dos problemas identificados no seu contexto. Nesta lógica, o *empowerment* das pessoas surge como instrumento de eleição neste processo de (re)construção dos espaços e relações sociais. Contudo, talvez incorramos no perigo de ficar naquele “lugar-comum” em que o uso desmesurado e indiscriminado de determinado conceito o banaliza e diminui.

Deste modo, entendendo o *empowerment* enquanto instrumento de inclusão social, cultural, económico e político pretendemos aferir qual o papel que as organizações locais assumem enquanto promotoras de processos de *empowerment*. Para este efeito, foram selecionadas três associações locais que procuram promover com alguma regularidade um conjunto de atividades que vão ao encontro dos interesses dos seus(uas) associados(as). Embora as três associações tenham como raio de ação a comunidade giesteirense, cada uma das entidades associativas trabalha para um público muito específico.

A Associação de Proteção de Idosos e Reformados de S. Sebastião da Giesteira (doravante designada APIR) é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), com a resposta social de Centro Comunitário e, como o nome indica, desenvolve o seu plano anual de atividades considerando sobretudo esta faixa etária. Em 2018, a associação ganhou uma nova

dinâmica com a integração de uma nova resposta social: Centro de Atividades de Tempos Livres.

A Associação Juventude Giesteirense (doravante designada AJG) é uma associação juvenil que promove atividades essencialmente para jovens. Abordam temáticas associadas a problemáticas atuais dos jovens, mas sem esquecer as tradições da terra num intento de revitalização de usos e costumes antigos, alguns já perdidos. Destacam-se também as atividades de cariz intergeracional, solidário e ambiental, sempre numa perspetiva de transmitir e inculcar boas práticas, contribuindo para construção de jovens mais conscientes e participativos.

O Grupo Desportivo Unidos da Giesteira (doravante designado GDUG) é uma coletividade desportiva e cultural que desenvolve atividades para toda a comunidade. O maior volume de atividades desenvolvidas referem-se ao desporto e à atividade física, embora também se realizem atividades culturais. O GDUG enfrenta um momento de reinvenção após o cancelamento da atividade futebolística do clube, que já existia desde a sua fundação em 1954.

Este trabalho foi estruturado em quatro capítulos, sendo que no primeiro aprofunda-se o estudo teórico apresentando-se algumas características dos espaços rurais, e transformações que estes vêm sofrendo ao longo das últimas décadas, assim como as suas potencialidades, nomeadamente através do turismo que permite uma certa revitalização destes territórios deprimidos. Ainda neste capítulo, tratam-se também os conceitos de desenvolvimento e desenvolvimento comunitário, enquanto processos que operam profundas mudanças e transformações na sociedade, e que parte da implicação direta e comprometida da população em todos os momentos, desde o diagnóstico das necessidades e conceção de uma proposta de solução, até a avaliação das ações implementadas. Num paralelo a estas ações a que nos referimos aprofundamos igualmente o conceito de *empowerment* como possível plano de ação que por potenciar o desenvolvimento de competências individuais e coletivas na comunidade poderá ser uma estratégia viável para promover o seu desenvolvimento. Neste ponto, abordou-se de forma breve a questão do poder na sociedade, na medida em que os processos de *empowerment* centram-se no ganho de poder por parte dos indivíduos, de forma a que controlem todos os aspetos importantes que afetem as suas vidas.

No segundo capítulo apresenta-se o percurso metodológico escolhido, tratando-se este estudo de uma investigação mista (qualitativa e quantitativa) que apresenta como principal objetivo aferir em que medida as ações dinamizadas por organismos locais de S. Sebastião da Giesteira podem assumir-se enquanto instrumento potenciador de desenvolvimento comunitário em meio

rural, pela geração de processos de *empowerment* nos seus públicos alvo. As técnicas de recolha de dados utilizadas foram observação participantes, com registos em diário de bordo, entrevistas semiestruturadas aos dirigentes/técnicos das associações e inquéritos por questionário aplicados a sócios das organizações.

No terceiro capítulo contextualiza-se a pesquisa, realizando-se uma breve descrição da aldeia de S. Sebastião da Giesteira, assim como das associações alvo deste estudo.

No quarto capítulo ampliam-se os resultados do estudo ao apresentar as conclusões alcançadas através do confronto e análise dos dados recolhidos nas entrevistas semiestruturadas e nos inquéritos por questionário.

CAP. 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. 1. Espaço rural: o velho mundo rural e a «nova» ruralidade

As zonas rurais sofreram lentas, mas profundas transformações ao longo das últimas décadas. Se na década de 50 Portugal era essencialmente um país rural que apresentava como principal função a produção de alimentos e a agricultura como principal atividade económica, após a Segunda Guerra Mundial verifica-se uma diminuição da importância atribuída à agricultura, aliado a uma diminuição populacional.

As regiões rurais ficam, então, conotadas como “realidades arcaicas” (Ferrão, 2000) e envelhecidas e os centros urbanos tornam-se tentadores locais de oportunidades e possibilidade de melhor qualidade de vida. Assiste-se a uma vaga de êxodo rural.

Perto dos anos 80 cria-se “uma nova realidade: o mundo rural não agrícola” (Idem.) assente essencialmente na ideia de património, desenvolvimento sustentável e da necessidade de proteção e conservação da natureza. Acompanhando a emergência de novas preocupações relativamente à importância da ocupação adequada de tempos livres, assiste-se a uma expansão do turismo nestas zonas motivada sobretudo pela fruição das paisagens.

A procura pelo autêntico, pelo típico e genuíno facilitou o incremento do turismo nas zonas rurais, pois quem procurava este tipo de produto reconhecia-o enquanto património natural e património histórico-cultural. De facto, o turismo nas zonas rurais assume um papel importante ao tentar revitalizar estas regiões deprimidas.

Segundo Reis e Lima (citado por Alves, 2015, p. 59), esta revalorização económica e social dos espaços rurais traduz-se numa “redefinição de ruralidade”, ou outra ruralidade, agora entendida “como princípio de organização e um sistema de valores que, a par com a visibilidade social das questões ambientais, se reforça na componente do que podemos designar por reserva de qualificação ambiental (...)” que tem como protagonistas e portadores deste processo “os grupos sociais urbanos ou urbanizados” (Idem, p. 59), e não apenas os grupos sociais rurais.

De acordo com Reis e Lima (Idem, pp. 59 - 60) podemos falar, então, de uma nova ruralidade que não se esgota na dimensão ambiental, mas também trata a dimensão da defesa do

património e cultura rurais que contribuem para a revalorização social e simbólica dos espaços rurais. A introdução de elementos exteriores nos espaços rurais (grupos urbanos, novas preocupações agroambientais, movimentos cívicos de defesa do património histórico, cultural e natural) transfere para estes espaços novos referentes sociais, culturais e simbólicos que se vão instalando e interiorizando nas comunidades, acabando por assumir-se enquanto “ponte entre as áreas rurais e o mundo exterior” (Ferrão, 2000, p. 9). Contudo, a consciência destas novas complementaridades não se sobrepõe, ou não deveria, à verdadeira e principal urgência de revalorização dos espaços rurais: “servir as necessidades de quem aí vive e trabalha (Idem, p. 9).

1.2. Desenvolvimento e desenvolvimento comunitário

1.2.1. Desenvolvimento

“O desenvolvimento deve ser encarado como um processo complexo de mudanças e transformações de ordem económica, política e, principalmente, humana e social.”
(Oliveira, 2002)

Pensar o desenvolvimento implica considerar-se primeiramente que existe uma “situação que afeta um número significativo de pessoas e é julgada por estas ou por um número significativo de outras, como uma fonte de dificuldade ou infelicidade e considerada suscetível de melhoria”; e “alegada situação incompatível com os valores de um significativo número de pessoas as quais concordam ser necessária uma ação transformadora” (Rubington e Weinberg, 1995, citado por Carmo, 2007, p. 74). Importa então analisar duas premissas importantes: a primeira ser uma situação que afeta um número considerável de pessoas (entendido assim a nível macro) e a segunda que este número considerável de pessoas tenha consciência que essa situação traz dificuldade, e que pode ser melhorada. Esta consciência de que é possível e necessário mudar determinada situação remete-nos para a ideia de mudança social, subjacente ao conceito de desenvolvimento, sem a qual este não ocorre.

Ao longo das últimas décadas o conceito de desenvolvimento tem gerado inúmeras polémicas na busca de consensos, beneficiando de contributos de várias disciplinas. É por isso um conceito multidimensional, transversal a dimensões como a económica, a política, a cultural, a social, a ambiental, etc. Contudo, a grande controvérsia reside essencialmente na relação entre o conceito de desenvolvimento e crescimento económico, sendo atualmente consensual que o desenvolvimento resulta do crescimento económico mas também de melhoria na qualidade de vida dos indivíduos.

De facto, as preocupações mundiais com problemáticas como a guerra, a miséria, o desemprego, a discriminação racial, as desigualdades políticas, económicas e sociais, etc., culminaram na elaboração de documentos como a primeira Declaração Inter-Aliada e a Carta do Atlântico, ambas em 1941, “que expressavam o desejo de criar condições para que todos os homens possam desfrutar de seguridade económica e social” (Idem, p. 38). Logo de seguida, em 1942, com representantes de 26 países, é expresso na Declaração das Nações Unidas o desejo de difundir o progresso e o desenvolvimento económico. É em 1945, na Conferência de São Francisco, que se elabora o documento mais importante desta época - a Carta das Nações Unidas cuja “finalidade primava pela manutenção e melhoramento dos níveis de qualidade de vida, ou seja, tinha como propósito contribuir para a elevação dos níveis de desenvolvimento em todos os sentidos do termo” (Idem, p. 39).

Assim, corroborando esta ideia de desenvolvimento, o relatório publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (doravante designado PNUD), em 1990, amplia o conceito de desenvolvimento humano enquanto

(...) un processus qui conduit à l'élargissement de la gamme des possibilités qui s'offrent à chacun. En principe, elles sont illimitées et peuvent évoluer avec le temps. Mais quel que soit le stade de développement, elles impliquent que soient réalisées trois conditions essentielles: vivre longtemps et en bonne santé, acquérir un savoir et avoir accès aux ressources nécessaires pour jouir d'un niveau de vie convenable. Si ces conditions ne sont pas satisfaites, de nombreuses possibilités restent inaccessibles. (Rapport, 1993, citado por Carmo, 2007, p. 76).

De facto, este relatório atribui maior importância às vidas humanas que às economias, e também neste sentido, realiza-se em 2000 a Cimeira do Milénio reafirmando a necessidade de construção de um mundo mais equitativo.

Entretanto, 25 anos depois do primeiro Relatório do Desenvolvimento Humano, a PNUD elabora em 2015 um novo Relatório que à riqueza das vidas humanas associa a importância do trabalho, considerando-o como um meio tanto para aumentar a riqueza das pessoas como da economia. A relação entre o trabalho e o desenvolvimento parte da convicção de que o trabalho reforça o desenvolvimento humano. Este reforço apenas será conseguido, segundo as conclusões deste Relatório, através da implementação de políticas e estratégias que passam pela criação de oportunidades de trabalho, pela garantia do bem-estar dos trabalhadores e no desenvolvimento de ações específicas (nomeadamente através do trabalho sustentável).

Efetivamente, acompanhando o ritmo acelerado das mudanças mundiais, desencadeadas principalmente pela globalização e pela revolução tecnológica, o conceito de desenvolvimento tem sido mutável e permeável, construindo-se e (re)construindo-se a par das transformações mundiais. É então compreensível, e até expectável, que este tema gere (e continue a gerar) debates e reflexões sobre a sua amplitude e os desafios a ele associados.

1.2.2. Desenvolvimento comunitário

“(...) o conjunto de processos pelos quais uma população une os seus esforços aos dos poderes públicos com o fim de melhorar a situação económica, social e cultural e bem assim integrar-se na vida da nação e contribuir para o progresso nacional geral” (Silva, 1963)

Abordar o conceito de desenvolvimento comunitário na atualidade como estratégia de intervenção social impõe realizar uma retrospectiva histórica e social do seu surgimento e evolução ao longo dos tempos. Em termos práticos, podemos considerar o desenvolvimento comunitário um método norteado para a identificação das necessidades sentidas por uma determinada comunidade, bem como para a implicação desta em todas as fases do desenho de uma estratégia de solução (como seja, o diagnóstico, recursos existentes, possíveis soluções, execução e avaliação do processo).

Segundo Ander-Egg (1980) e Baptista (1973) as raízes do desenvolvimento comunitário situam-se no período que mediou as duas guerras mundiais, mais concretamente depois da segunda guerra mundial, uma vez que se compreendeu que este seria um método de intervenção social

bastante viável para combater os problemas sociais característicos da conjuntura que então se vivia (Idem, p. 85)¹.

Com efeito, foi em 1950 num documento das Nações Unidas intitulado “O progresso social através do Desenvolvimento Comunitário” que o conceito de desenvolvimento comunitário é reconhecido e definido como “um processo tendente a criar condições de progresso económico e social para toda a comunidade, com participação ativa da sua população e a partir da sua iniciativa”. Em 1956 realizou-se em Baarn (Países Baixos) um Seminário que estabeleceu a noção de **região - problema** como conceito fundamental do desenvolvimento comunitário, porquanto permite identificar as zonas socioeconomicamente mais afetadas, e investir nelas por forma a minimizar tais situações.

Contudo, foi a partir da década de 1990, no seguimento das crises de 1970 e 1980, que o desenvolvimento comunitário se dissemina e institucionaliza com a necessidade de responder de forma inovadora aos problemas sociais que então se viviam, como o desemprego, a pobreza e a exclusão social. Entretanto, em 2008 assiste-se a uma revitalização política do conceito através do Relatório Barca que “reforça a importância de políticas públicas sensíveis à dimensão territorial, conciliando a eficiência económica e a coesão social” (Barca, 2009, citado por Ferreira & Raposo, 2017).

Ao longo dos últimos 60 anos muitos têm sido os projetos (macro e micro) de desenvolvimento comunitário implementados, que permitiram multiplicar e diversificar as experiências e assim melhor compreender o conceito, a sua abrangência e aplicabilidade, definindo-se, de acordo com Carmo (2007), os seguintes princípios inerentes ao desenvolvimento comunitário: **a) o princípio das necessidades sentidas** (as necessidades devem ser sentidas e identificadas pela população); **b) o princípio da participação** (a população deve necessariamente envolver-se ativamente no processo de desenvolvimento); **c) o princípio da cooperação** (colaboração entre setor público e privado); **d) o princípio da auto-sustentação** (os processos de mudança devem ser planeados e equilibrados); **e) o princípio da universalidade** (se os projetos de desenvolvimento pretendem alterar as situações de subdesenvolvimento que determinadas regiões experienciam, estes devem abranger determinada população na sua globalidade).

De facto, em todos os países existem regiões que não acompanharam o ritmo de crescimento de zonas limítrofes, situação tanto mais evidente quanto menos desenvolvido for o país.

¹ Para esta aceção do termo muito contribuíram as experiências desenvolvidas no sistema colonial britânico, com a prática de formação de líderes, bem como a experiência americana de organização comunitária no sentido de solucionar os problemas sociais que se verificavam.

Segundo Maria Silva (1963) as causas que podem explicar o atraso de umas regiões relativamente a outras são múltiplas, destacando-se razões de ordem geográfica, económica, histórica e sociocultural. As razões de ordem geográfica prendem-se com as características da própria região, como o solo, o clima e a localização geográfica. Relativamente às razões de ordem económica destaca-se frequentemente uma economia de autoconsumo, a exiguidade de capital, a falta de instrução e qualificação profissional da população, a falta de poder de compra interno e a não utilização de técnicas mais produtivas. As razões de ordem histórica e sociocultural têm igualmente grande influência no não desenvolvimento de uma região. Falamos de preconceitos contra a técnica e o progresso, etc. Por último apresentam-se as razões de ordem psicológica que se prendem com a atitude das populações perante o progresso (ceticismo, atavismo, etc.). Em zonas socioeconomicamente mais desfavorecidas as populações vivem isoladas e frequentemente não reconhecem a necessidade de desenvolvimento por não conhecerem outras realidades (seja por falta de meios de comunicação, falta de diálogo entre classes de diferentes estratos sociais, etc.). Efetivamente, como refere Silva (1963) “o desenvolvimento não é um fenómeno meramente quantitativo, uma questão de - «mais ter»; é, igualmente, um fenómeno qualitativo – deve traduzir-se, portanto, por «mais ser» ou «melhor ser». Só um progresso que mergulhe as suas raízes na mentalidade da população e seja capaz de operar nela uma transformação suficientemente profunda terá garantia de ser eficaz e de ter continuidade”.

As razões apresentadas podem explicar o atraso económico e social das regiões mais atrasadas, mas principalmente auxiliam na compreensão de que estas regiões para progredirem necessitam de intervenção externa; que estas populações só por si não terão possibilidade de progredir.

De facto, nestas **regiões – problema** o desenvolvimento comunitário pode potenciar uma aceleração do desenvolvimento, porém paulatina. Não esqueçamos que partindo do pressuposto de que o desenvolvimento comunitário assenta a sua ação na participação voluntária e implicada dos intervenientes locais – a própria população – e que obriga a transformações profundas nos indivíduos, devemos compreender que cada um tem o seu ritmo próprio de evolução. O desenvolvimento comunitário parte, então, das necessidades sentidas e identificadas pela população e conta, desde o começo, com a iniciativa, participação, responsabilidade e liberdade de escolha dos indivíduos que dele irão beneficiar; daí que opere efetivamente transformações importantes no modo de viver das comunidades, ao mesmo tempo que as torna mais recetivas à mudança e ao progresso.

Segundo Silva (1964) se o grande objetivo do desenvolvimento comunitário é a aceleração do processo geral de desenvolvimento económico-social de uma região ou país, ele procurará:

- ▶ Criar/melhorar condições de trabalho local;
- ▶ Incrementar a educação de base generalizada a todos os setores de população e particularmente aos jovens;
- ▶ Acelerar a transformação das condições de vida das famílias (nutrição, habitação, tempos livres, etc.).

No entanto, se é fundamental que as populações sejam agentes ativos e interventivos nos processos de mudança desencadeados pelo desenvolvimento comunitário, também o é o papel que o governo central e regional tem no incremento de projetos desta índole. Como corrobora Silva (1963)

(...) pode afirmar-se que a solução ideal para a aceleração do processo de desenvolvimento das regiões atrasadas é a que permite combinar as vantagens de uma programação global com os benefícios de uma participação voluntária do povo no progresso, isto é, a conjugação do plano central que define as grandes linhas da política de fomento com o desenvolvimento comunitário (p. 545).

Urge, então, que ao envolvimento implicado das populações se concilie o apoio técnico e financeiro do governo, de forma a que os processos de revitalização destas regiões subdesenvolvidas tenha possibilidades mais alargadas de se efetivar concretamente.

1.3 *Empowerment*

1.3.1 Relações de poder e *empowerment*

“(...) o poder consiste na tomada de decisões e pertence aos que as tomam.”
(Zygmund Bauman, 2003)

O termo *empowerment* está definitivamente vulgarizado e é difícil escapar-lhe. Segundo Carla Pinto (2011) este é um conceito polissêmico, multidisciplinar e multidimensional, mas também ambíguo e controverso. O *empowerment* assume atualmente um grande protagonismo, embora não seja compreendido e experienciado de igual modo por todos os sujeitos. Não sendo uma realidade homogênea o mais justo será falar-se em diferentes ações de *empowerment* e não numa definição única e concreta (Adams, 1996, citado por Pinto, 2011).

A palavra inglesa *empowerment* é formada a partir do radical power (poder), o que implica considerar o poder como algo intrínseco aos processos de *empowerment*, ou/e o *empowerment* “como processos de acréscimo de poder” (Pinto, 2011, p. 19). Assim, considerando o *empowerment* como um **processo de acréscimo de poder**, de “detenção de poder” podemos encará-lo como uma estratégia alternativa à forma tradicional de promover o desenvolvimento, como uma forma de “humanizar o sistema e, o seu objetivo a longo prazo, é transformar a sociedade incluído as estruturas do poder” (Monteiro, 2008, p. 60). Tal apenas ocorrerá, segundo Friedmann, (1996, citado por Monteiro, 2008, p. 62) se existir acesso e controlo de três tipos de poder: a) **o social** - acesso à base da riqueza produtiva (informação, conhecimento, as técnicas, participação em organizações sociais e os recursos financeiros); b) **o político** – acesso dos indivíduos aos processos de tomada de decisão, principalmente naquilo que afeta o seu futuro. Não apenas o poder de votar, mas também de “ter voz” e participação coletiva e c) **o psicológico** – entendido como a capacidade individual para agir.

Porém, no processo de expansão do conceito alguns autores acreditam ter-se perdido a verdadeira essência do termo, pois “à medida que o *empowerment* se tornou uma buzzword na área do desenvolvimento, um objetivo essencial dos projetos, a sua característica radical, desafiadora e transformadora foi-se perdendo. O conceito de ação passou a ser individualizado, o *empowerment* despolitizado” (Cleaver, 2001, citado por Pinto, 2011, p. 47).

O significado etimológico da palavra poder vem do latim *potere* (ou no latim clássico *posse*, de possuir). No dicionário de Língua Portuguesa poder significa ter a faculdade ou a possibilidade de, ter o direito, ter influência ou força, ser capaz, facto de dispor de meios que possibilitam uma ação, força política na sua relação com o cidadão, governo de um Estado. Esta definição apresenta-nos duas perspetivas de compreensão: **o poder de fazer algo** ou/e **o poder sobre algo**. De acordo com Wartenberg (1990) o poder de é o poder como capacidade de intervir no mundo do sujeito, provocando alterações na realidade vivenciada. Por sua vez, o poder sobre é o poder como forma de dominação de um agente sobre outros, ou sobre os recursos da sociedade (Pinto, 2011, p. 21).

Segundo Norberto Bobbio (1985, citado por Cavalieri, 2017, p. 8) podem distinguir-se três teorias fundamentais do poder: teoria substancialista, teoria subjetivista e teoria relacional.

Nas teorias substancialistas o **poder é visto como algo que se possui** e se usa como qualquer outro bem (sejam dotes naturais ou adquiridos). Na interpretação subjetivista o poder não é possuir algo que serve para alcançar determinado objetivo, mas antes a **competência do sujeito de obter resultados**. A teoria relacional estabelece que o poder resulta da **relação entre dois sujeitos**, dos quais o primeiro obtém do segundo um comportamento que, na ausência do poder, não obteria.

Segundo Cavalieri (2017) as relações de poder não são estanques nem imutáveis, antes variam e dependem da cultura, do lugar e do tempo. O poder é então integrado numa prática social complexa, na qual a **agência humana**² tem qualidades estruturais, e a **estrutura social** faz parte da atividade humana que se cria e assegura a sua continuidade. Como referem Alsop, Bertelsen e Holland no seu livro *Empowerment in Practice*:

Empowerment is defined as a group's or individual's capacity to make effective choices, that it, to make choices and then to transform those choices into desired actions and outcomes. (...) this capacity is primarily influenced by two sets of inter-related factors: agency and opportunity structure. (Alsop et. Al., 2006, p. 29)

O *empowerment* é um processo em que intervém a agência humana e a estrutura social, ou seja, por um lado a capacidade/habilidade de cada indivíduo de influenciar o mundo que o rodeia e, por outro, a sujeição de cada um a estruturas de dominação que determinam a sua

² A agência é definida como a capacidade ou habilidade de cada indivíduo agir de acordo com a sua vontade, de forma livre e independente. Por sua vez, por estrutura social entendem-se os fatores de influência que determinam ou limitam o agente e as suas ações (como por exemplo, crenças, classe social, religião, costumes, etc.).

capacidade para influenciar o mundo que o rodeia, respetivamente. Na verdade, os indivíduos podem até possuir capacidades (capabilities) para realizar escolhas e concretizá-las, e tal não suceder por influencias exercidas pelo contexto social em que estes vivem e trabalham (estruturas de dominação/sujeição). Assim, e de acordo com Romano e Antunes (2002), quando falamos em capacidades não nos referimos apenas às habilidades que os indivíduos possuem mas também às **oportunidades reais** que têm para fazer o que querem. Desta forma, parece inegável a interação entre agência humana e estrutura social, enquanto processo dinâmico que permite potenciar as capacidades dos indivíduos e grupos para optar por escolhas transformadoras, da sua vida e do meio em que se inserem.

Nesta lógica, importa mudar as estruturas de poder que condicionam e impedem a ação dos atores sociais pois “Empowerment as an intervention involves strengthening people’s asset-based agency on the one hand and changing the institutional rules that shape human behavior and interaction on the other” (Alsop, et al., 2006, p. 29).

O *empowerment* pretende, então, provocar **mudança nas relações de poder existentes** e, por isso mesmo, não se pode dissociar da noção de *poder*. Naturalmente, para alguém ganhar *poder* é necessário que alguém o perca, e este não é um processo neutro, mas antes acompanhado da conflituosidade associada a mudanças profundas no modo de ser, estar e agir. O conflito não só é inerente ao processo de *empowerment*, como é mesmo necessário. Como referem Romano e Antunes (2002):

A abordagem de empoderamento não pode ser neutral nem ter aversão aos conflitos e a seus desdobramentos. O desdobramento dos conflitos significa que o processo de mudança, uma vez deslanchado, permeia e se infiltra em outras dimensões vividas pelas pessoas e grupos sociais. Empoderamento implica contágio, não assepsia (p.11).

Assim, esta abordagem é a) **relacional**, na medida que pressupõe a interação com outros indivíduos, em diferentes contextos nos quais existem diferentes relações de poder; e b) **Conflituosa**, pois procura mudar as relações de poder existentes, e tal não ocorre sem conflitos (Idem.).

1.3.2. Definições de *empowerment*

“Empowerment significa o aumento do poder e da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações inter-pessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão, discriminação e dominação social.”
(Vasconcelos, 2004)

Em termos históricos é difícil identificar a origem do conceito *empowerment* mas acredita-se que tanto os movimentos feministas como o Movimento American Blacks³, em 1960, terão sido os grandes pioneiros no desenvolvimento e disseminação deste conceito através da luta contra a discriminação e preconceito, nomeadamente de minorias. Em 1970 o conceito desenvolve-se quer a nível teórico, quer enquanto instrumento de intervenção e começa a ser utilizado associado ao trabalho social norte-americano que, de forma breve, procurava ser emancipatório e antipaternalista, defendendo que nas relações de ajuda seria necessário igualdade e parceria entre o profissional e o cliente. A partir de 1980 o *empowerment* sofre influências da psicologia comunitária, e em 1990 por movimentos que afirmavam o direito de cidadania em várias esferas sociais, presente portanto na luta contra a pobreza e exclusão. Nas últimas décadas o termo *empowerment* começou a ser utilizado de forma frequente, não só por organizações sociais e políticas, como também a nível académico nomeadamente no campo do desenvolvimento.

O *empowerment* enquanto processo dinâmico, intencional e contínuo pressupõe que as pessoas ganhem “(...) controlo sobre as suas vidas, a participação democrática na vida da comunidade e uma compreensão crítica do seu ambiente” (Perkins & Zimmerman, 1995, citado por Cavalieri, 2017, p. 12). Implica, portanto, uma estreita e consciente relação entre os indivíduos e a sua comunidade, assente em sentimentos de autoperceção, confiança, integração e compreensão social e política, em que os sujeitos procuram mudanças desejáveis e tal implica transformar competências em escolhas, implica agir.

Enquanto processo de intervenção, Pinto (2011, pp. 48-51) reúne definições de autores que aprofundaram este conceito e salienta alguns aspetos fundamentais para uma melhor compreensão. O *empowerment* enquanto:

- ▶ Processo de acréscimo de poder pessoal, interpessoal e coletivo;

³ Movimento organizado que lutava pela igualdade e o fim da segregação racial nos Estados Unidos da América.

- ▶ Processo de acréscimo de controlo através do qual os indivíduos, grupos e/comunidades controlam as suas circunstâncias de vida;
- ▶ Processo de aumento de participação, através do qual os indivíduos se integram;
- ▶ Processo que promove o acesso e redistribuição dos recursos, uma vez que o poder dos sujeitos condiciona o acesso aos recursos;
- ▶ Processo que promove a melhoria da eficácia do exercício da cidadania,
- ▶ Transformação das relações de poder e dominação;
- ▶ Manifestação de poder – melhora o exercício do poder, através do exercício do poder.

Considera-se o *empowerment* enquanto perspectiva que “(...) coloca as pessoas excluídas dos processos prevelecentes de desenvolvimento e do poder (sua distribuição e exercício) no **centro do processo de desenvolvimento**” (Romano & Antunes, 2002, p. 47). É um processo que visa o aumento das capacidades internas dos indivíduos para que adquiram controlo sobre si mesmos e sobre as circunstâncias que afetam as suas vidas.

É então um **processo interno**, relacionado com a melhoria de capacidades internas, como a autoestima, autoperceção e confiança, mas também um **processo externo**, relacionado com o controlo e influência sobre o meio em que se insere. É um processo induzido, impulsionado, **socialmente construído** pois, embora deva partir de dentro para fora, necessita frequentemente de ser estimulado por elementos externos, nomeadamente através da criação de um ambiente favorável para o desenvolvimento de capacidades.

1.3.2.1. Categorias e níveis do *empowerment*

Segundo Rich, Edelstein, Hallaman e Wandersman (1997, citado por Cavalieri, 2017, p.14) é possível identificar quatro categorias de *empowerment*. *A saber*:

- ▶ **empowerment intrapessoal** refere-se à competência do próprio indivíduo perante determinadas situações e corresponde ao grau de confiança individual para a participação em ações;

- ▮ **empowerment instrumental** refere-se à capacidade individual para participar e influenciar processos de tomada de decisão;
- ▮ **empowerment formal** refere-se às instituições que apresentam mecanismos que além de influenciarem decisões públicas relacionadas com os cidadãos e suas instituições sociais, também criam oportunidades para que estes participem nos processos decisórios;
- ▮ **empowerment substantivo** refere-se à habilidade para tomar decisões que resolvam problemas e produzam os resultados desejados.

Por sua vez, em 2003 William Ninacs apresenta um modelo conceptual que defende que o *empowerment* compreende três níveis de análise e intervenção:

- ▮ **empowerment individual** – corresponde ao processo de apropriação do poder por uma pessoa ou grupo;
- ▮ **empowerment organizacional** - corresponde ao processo de apropriação do poder por uma organização, dentro da qual uma pessoa, grupo ou outra organização são empoderadas;
- ▮ **empowerment comunitário** – corresponde à apropriação da comunidade pelo coletivo.

De acordo com Pinto (2011) cada nível de *empowerment* manifesta-se através de vários planos em constante interação, como sintetiza a tabela 1.

Nível de <i>empowerment</i>	Domínios
Empowerment individual	<ul style="list-style-type: none"> - autoestima: confiança em si mesmo; redefinição de identidade e sentimento de competência pessoal. - consciência crítica: capacidade de análise e reflexão social; consciência coletiva, social e política. - competências: capacidades que permitem a participação e execução de ações. - participação: envolvimento nos processos de decisão e percepção das consequências da participação.
Empowerment organizacional	<ul style="list-style-type: none"> - reconhecimento: legitimidade por parte dos seus membros como da própria comunidade. - consciência crítica: capacidade de análise da organização. - competências: dos seus membros, com posições decisórias ou não. - participação: da organização em outras organizações, e/ou na comunidade.
Empowerment comunitário	<ul style="list-style-type: none"> - comunicação: interação positiva, circulação de informação, transparência dos processos de decisão, expressão de pontos de vista. - capital comunitário: sentimento de pertença e consciência de cidadania. - competências: identificação e reconhecimento das forças da comunidade. - participação: laços que permitem/facilitam a participação efetiva dos indivíduos na sua comunidade.

Tabela 1 – Níveis de *empowerment* e seus domínios

Os processos de *empowerment* são paulatinos e desenrolam-se em etapas pelas quais os indivíduos têm necessariamente que passar neste caminho de capacitação e ganho de sentimento de poder. Poder para decidir livremente, poder para agir, e poder para influenciar.

Efetivamente, verifica-se que a **participação** é uma componente fundamental do *empowerment*, imprescindível para que ocorram transformações concretas na vida das pessoas. Transformações individuais que posteriormente são difundidas à comunidade, transformando-a também. A participação assenta na troca, na partilha, em objetivos comuns, em identificação. O grau de participação dos intervenientes permite-nos inferir a sua integração social.

1.4 O educador social e a intervenção social

O conceito de Educação Social está alicerçado ao “contexto social, às formas políticas dominantes, à cultura existente, ao modelo económico, à realidade educativa e, tudo isto, como é lógico, em relação a um espaço e a um tempo concretos” (Díaz, 2016, p. 98). De facto, a educação social está situada no ponto onde o educativo e o social se cruzam e, deve considerar-se que a socialização **pode acontecer em todos os contextos em que o ser humano se desenvolve** (“educação ao longo da vida”).

Importa, então, considerarmos as comunidades enquanto espaço de intervenção prática do educador social, atribuindo ênfase total às interações que se estabelecem entre os indivíduos e a sua comunidade pois,

(...) quanto melhor compreendermos as atitudes e a história pessoal dos indivíduos, estaremos também em melhores condições para conhecer a comunidade em que eles vivem. Por outro lado, quanto mais soubermos sobre o meio no qual o indivíduo vive, ou vivem, mais o seu comportamento se torna inteligível (Capul & Lemay, 2003, p.32).

Esta visão sistémica da realidade permite compreender os grupos nos quais se intervém e não cair em apreciações e juízos de valor precipitados, assentando a intervenção na interdisciplinaridade e transversalidade dos saberes, numa reflexão contínua sobre a ação.

Desta forma, considera-se a Educação Social enquanto metodologia de intervenção social, que possibilita/facilita a dinamização das comunidades de uma forma global. Esta intervenção passa sobretudo pela necessidade de educar para a valorização da cultura local (elemento central da ideia de comunidade), sensibilizando os indivíduos para a importância do seu papel no processo do seu próprio desenvolvimento, mas também enquanto protagonistas comunitários, através de participação direta e ativa.

Segundo Rotger (1994) a Educação Social pretende, fundamentalmente: a) **potenciar os recursos pessoais** dos cidadãos; b) potenciar e **estimular o desenvolvimento** e o uso dos recursos comunitários; c) **Facilitar o acesso** a esses recursos; d) possibilitar e facilitar o **crescimento pessoal e comunitário** dos indivíduos; e) ser um agente/fator de **mudança social**; f) adotar estratégias de intervenção a fim de **colmatar desequilíbrios sociais** e g) desenvolver **sentido crítico** perante a pluralidade de situações sociais.

Assim, pode considerar-se que a intervenção do Educador Social se encaixa no desígnio do desenvolvimento comunitário, sendo o Educador Social uma a pessoa capacitada para **facilitar a interação** (socialização) e **integração** dos indivíduos no meio no qual se inserem, procurando através de ações concertadas, facilitar o seu bem-estar “(...) etendiendo este bienstar como tener satisfechas sus necesidades sociales y educativas básicas y tener, a su vez, la posibilidad de desarrollar sus propias capacidades” (Rotger, 1994, p. 187).

Com efeito, a mutabilidade e diversidade das realidades sociais impõe a necessidade de multiplicidade de respostas e de capacidade de criação e adequação dessas mesmas respostas a cada realidade específica. Assim, espera-se do Educador Social uma atitude flexível e criativa, incitadora de mudança social, capaz de analisar e refletir a realidade em que se inscreve enquanto espaço de interdependências entre indivíduos e meio social, acompanhando as cada vez maiores exigências por parte dos indivíduos e grupos, o educador social deverá através de ações inovadoras e empreendedoras tentar promover a participação ativa e voluntária dos indivíduos no desenvolvimento comunitário e na melhoria da sua qualidade de vida. Neste sentido, refere-se a metodologia participativa de projeto que parte da conceção e planeamento participado, flexível e que valoriza a multiplicidade de perspetivas dos vários intervenientes nos processos de planeamento de mudança social

CAP. 2 - PROBLEMA DE PESQUISA E METODOLOGIA

2.1 Problema de pesquisa

“ O que explica que não há desenvolvimento é também o facto das comunidades rurais não só estarem enquadradas por poderes exógenos, que as condicionam, como revelarem incapacidade de exercer, até mesmo, os poderes que possuem: aos poderes que não têm juntam a dificuldade de reconhecer, e fazer valer, os poderes que têm.”
(Correia et. al.,2004)

Refletir sobre o meio rural implica reconhecer que estes territórios, embora apresentem uma certa homogeneidade, são também uma realidade marcada pela diversidade. Cada território (ou, neste caso, cada comunidade) rural possui a marca indelével do seu passado, as suas crenças, as suas tradições e costumes e são estes fatores que influem na forma de interpretar a realidade social em que os indivíduos se circunscrevem. Assim, para cada realidade concreta impõem-se processos e dinâmicas igualmente concretas, que respeitem as especificidades locais e partam de soluções produzidas pela própria comunidade.

Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento “O desenvolvimento comunitário é uma técnica pela qual os habitantes de um país ou região unem os seus esforços aos dos poderes públicos com o fim de melhorarem a situação económica, social e cultural das suas coletividades, de associarem essas coletividades à vida da Nação e de lhes permitir que contribuam sem reserva para os progressos do País” (PNUD, citado por Silva, 1963, p. 1).

De facto, é partindo do princípio de que o desenvolvimento comunitário apenas é exequível se derivar da implicação de vários intervenientes de uma determinada realidade, que se desenha o objeto de estudo deste trabalho: associações de S. Sebastião da Giesteira, que através do desenvolvimento de habilidades e competências nos seus utilizadores, contribuem para que estes alcancem um maior controlo de aspetos fundamentais da sua vida, o que influi na melhoria de qualidade de vida, em estreita relação como o desenvolvimento da comunidade.

Efetivamente, é inegável o papel que as instituições locais podem desempenhar na promoção do desenvolvimento comunitário através do incremento de atividades e projetos que implementem dinâmicas territoriais nas quais se envolvam o máximo de atores sociais, criando

as condições necessárias para favorecer a participação das comunidades no seu próprio processo de desenvolvimento pessoal e comunitário. É, então, crucial que os grupos não sejam meros utilizadores de serviços, mas atores e autores de práticas de desenvolvimento comunitário; que se impliquem e sejam implicados em todo o processo de transformação da realidade. Na verdade, esta transformação sustenta-se na “capacitação das pessoas para o exercício de uma cidadania ativa e transformadora da vida individual e em comunidade” [de forma a que adquiram] “competências sociais e operativas válidas, que lhes possibilite uma autonomia cultural, política e económica” (Viveiros & Luís, 2008, p. 2).

Se é um facto que as áreas rurais são, por natureza, territórios desfavorecidos que apresentam um conjunto de aspetos que condicionam o seu desenvolvimento, torna-se imperioso reconhecer a importância das **redes de cooperação**, como forma eficaz de os minimizar. A constituição de uma rede de cooperação pressupõe uma livre adesão e relações de solidariedade alicerçadas a interesses comuns. Nestes contextos as redes de cooperação são de uma importância manifesta, favorecendo novas práticas geradoras de desenvolvimento, das quais podemos apontar alguns benefícios:

- ▶ Maximiza recursos, humanos e materiais;
- ▶ Facilita o acesso à informação;
- ▶ Potencia a possibilidade de inovação e empreendedorismo social através da partilha de conhecimentos, experiências e técnicas (ampliando as possibilidades de criação de soluções mais adequadas);
- ▶ Promove a difusão de inovação tecnológica, muito potenciada no âmbito de uma rede.

Pensar em estratégias de promoção do desenvolvimento comunitário poderá passar por considerar o *empowerment* como um seu objetivo nuclear que, segundo Friedmann (1996), impõe (...) a necessidade de redefinir os papéis dos atores sociais, reclamando para estes a sua capacitação para construir um desenvolvimento alternativo, baseado nos interesses particulares de cada localidade que de forma genuína, valoriza a redemocratização e participação política dos cidadãos (citado por Costa & Silva, 2018, p.132).

É neste cenário de transformação social em que a interação de vários atores não só acontece, como é mesmo imperiosa, que decorre este estudo na procura de compreender em articulação direta com os intervenientes locais: 1) como estes se implicam nestes processos de mudança e como os interpretam e assimilam e 2) o papel das associações locais na promoção e criação de ambientes favoráveis ao desenvolvimento individual e comunitário.

2.2. Objetivos da investigação

O **objetivo central** desta investigação é perspetivar em que medida as ações dinamizadas por organismos locais podem assumir-se enquanto instrumento potenciador de desenvolvimento comunitário em meio rural, pela geração de processos de *empowerment* nos seus públicos alvo. Os objetivos específicos diluem-se tanto no papel das instituições locais enquanto promotores e facilitadores de processos de *empowerment* da comunidade, como na forma como a própria comunidade os interpreta e assimila. Inerentes a este problema de pesquisa estão as seguintes questões:

- ▶ Que projetos/ações desenvolvem as associações e que promovem o *empowerment* individual dos participantes?
- ▶ Qual o nível de participação dos públicos-alvo nos projetos desenvolvidos pelas diferentes instituições? Participam apenas em atividades definidas *a priori*, ou são envolvidos em fases anteriores como levantamento de necessidades e opiniões e questões associadas à própria operacionalização dos projetos?
- ▶ Qual a opinião dos públicos alvo das instituições relativamente à sua própria participação nos projetos? Os projetos desenvolvidos acompanham as suas expectativas?
- ▶ Que mudanças ocorrem na vida dos públicos alvo, na sequência da sua participação nos projetos? Mudanças individuais e/ou coletivas? De que forma as instituições avaliam essas mudanças?
- ▶ As ações desenvolvidas pelas diferentes instituições procuram beneficiar apenas os seus membros ou pretendem gerar influência política e social e, assim, favorecer a comunidade?

▮ As instituições locais estabelecem redes de cooperação?

Alcançar respostas para estes questionamentos implica considerarem-se as definições de *empowerment*, nomeadamente, as suas categorias e níveis, contextualizando-os no âmbito da intervenção das instituições em estudo. Pretende-se, assim, entender como a operacionalização dos projetos desenvolvidos por cada instituição torna real a possibilidade de *empoderamento* dos seus públicos alvo, gerando mudanças internas e externas, promovendo a capacitação dos indivíduos para que se impliquem nos processos de transformação da realidade em que se inserem.

Procurará, então, compreender-se a interação de relações e desdobramentos que se estabelecem entre quatro eixos principais: **associações locais** (ação desenvolvida); **empowerment** (desenvolvimento de competências); **desenvolvimento comunitário** (melhoria das condições e qualidade de vida) e **redes de cooperação** (acesso a soluções, aprendizagem e inovação, relações sociais e redução de riscos e custos), como sintetiza a figura 1.

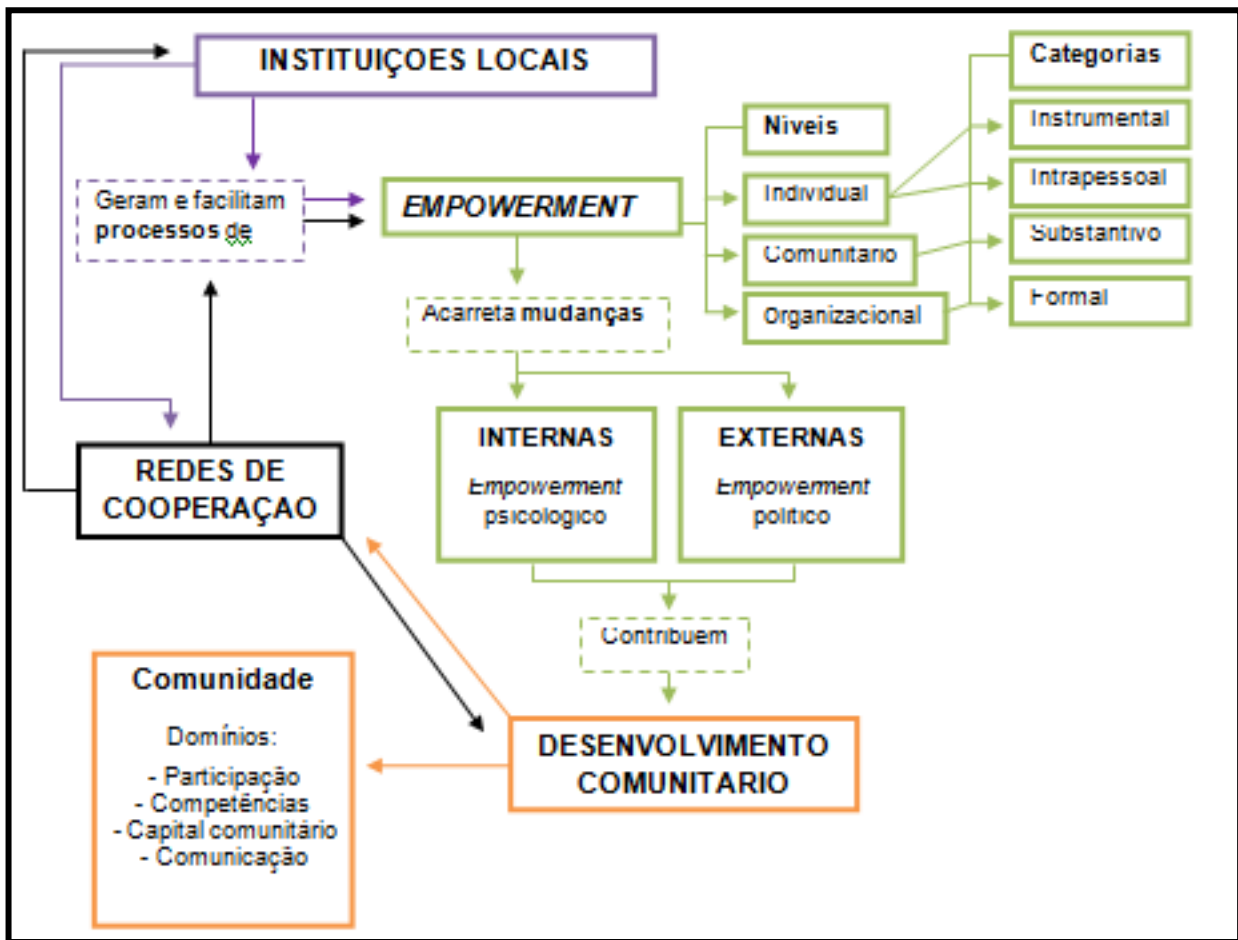


Figura 1 – Eixos temáticos da pesquisa

2.3. Opção metodológica

Nas pesquisas qualitativas uma vez que se o grande objetivo é compreender a forma como os sujeitos interpretam a sua realidade social, e que segundo Lopes (2008), se baseia

(...) no papel que o investigador assume ao elaborar conceitos a partir de dados, não se limitando, portanto, à sua simples recolha para encontrar informação; ação das pessoas nas suas manifestações são analisadas numa perspetiva holística e não submetidas a uma lógica de quantificação distribuída por variáveis; a

investigação é feita a partir do mundo real, estudando-se os processos sociais de modo flexível, construindo, reconstruindo e adaptando o modelo de análise e rejeitando posturas predefinidas; as pessoas, para a investigação qualitativa, têm rostos e nome, pois, o investigador interage com elas, para a obtenção da informação (...) (p. 75).

Esta é, então, uma investigação mista numa vertente mais exploratória que confirmatória, que possibilita uma grande proximidade entre o investigador e o tema em estudo. Este é também um estudo de caso que, de acordo com Yin, (1987, *citado por Bulgacov, 1998, p.62*), investiga “fenómenos contemporâneos dentro de seu contexto real; em situações em que as fronteiras e os fenómenos não estão claramente estabelecidos; e onde se utilizam múltiplas fontes de evidência”. Trata-se de um estudo realizado mediante observação participante que se considera, segundo Woods (1987)

(...) como un medio para llegar profundamente a la comprensión y explicación de la realidad por la cual el investigador “participa” de la situación que quiere observar, es decir, penetra en la experiencia de los otros, dentro de un grupo o institución (citado por Serrano, 1994, p. 286).

Aqui, o objetivo não é tanto comparar a eficácia da intervenção comunitária de cada uma das associações, mas sim apurar de que forma essas práticas se verificam. Para o efeito realizou-se junto de interlocutores privilegiados o levantamento de dados em duas óticas distintas mas que indiscutivelmente estão entrosadas: por um lado, a perspetiva institucional obtida mediante a utilização de entrevista semiestruturada aos técnicos e dirigentes das instituições, e por outro, a perspetiva da comunidade (sócios das associações) através de dados recolhidos em questionários, mas também em conversas informais.

2.4 Técnicas de recolha de dados

2.4.1 Pesquisa bibliográfica e documental

O estudo iniciou-se com a pesquisa e revisão bibliográfica que permitiram uma melhor compreensão dos conceitos em estudo e suas relações de interdependência. Como fontes documentais utilizou-se material fornecido pelas instituições como planos e relatórios de avaliação de atividades dos últimos anos.

2.4.2 – Observação e Diário de Bordo⁴

A observação permite contactar diretamente com a realidade que se estuda, e compreender fenómenos que, de outra forma, não conseguiríamos apreender. Assim, optou-se pela observação participante, nomeadamente, durante a realização de algumas atividades promovidas pelas associações. Os aspetos registados em diário de bordo⁵ resultaram de observação direta realizada no decorrer de algumas atividades das três associações, e procuraram destacar aspetos como a participação, a comunicação, o sentido crítico, as competências e o capital comunitário, atribuindo especial atenção às interdependências que os sujeitos estabelecem com outros sujeitos e com os contextos.

2.4.3. - Conversas informais

Estas conversas aconteceram maioritariamente com os sócios das organizações e desenrolaram-se essencialmente no final das atividades. Ocorrendo em ambiente informal, e em contextos diversos, os intervenientes expressavam-se de forma simples e descontraída permitindo a recolha de muita informação que de outra forma não seria possível obter, nomeadamente no que respeita às relações de poder e hierarquia.

⁴ Ver Apêndice 2 – Guião de observação de campo

⁵ Ver Apêndice 6 – Registos observação de campo

2.4.4 - Entrevista semiestruturada

Segundo Aires (2015, citado por Alves, 2017) “A entrevista nasce da necessidade que o investigador tem de conhecer o sentido que os sujeitos dão aos seus atos e o acesso a esse conhecimento profundo e complexo é proporcionado pelos discursos enunciados pelos sujeitos”. Optou-se por entrevista semiestruturada, baseada em perguntas abertas, que decorreu através de conversação informal, sendo a colocação das questões alterada sempre que necessário. Realizaram-se 6 entrevistas a dirigentes/técnicos das associações e estas decorreram em locais escolhidos pelos entrevistados, para sua maior comodidade. A todos(as) os(as) entrevistados(as) foi entregue o Consentimento Informado⁶ antes da realização da entrevista, assim como a possibilidade de ler o guião da entrevista⁷. As entrevistas decorreram durante junho de 2020, tendo a duração média de 25 minutos. Foram gravadas, posteriormente transcritas integralmente⁸, atribuindo-se a cada uma um código.

2.4.5. – Inquérito por questionário

De acordo com Quivy & Campenhoudt (1992) o inquérito por questionário consiste na colocação, a um conjunto de inquiridos representativos de uma população, de uma série de perguntas relativas:

(...) à sua situação social, profissional o familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores (p. 136).

Ao contrário da Entrevista, que referimos atrás, que é pela sua natureza de pendor intensivo, aplicada, portanto, a um número restrito de respondentes, raramente acima de 15, o questionário é de natureza extensiva devendo ser usado quanto pretendemos inquirir um número elevado de respondentes, geralmente a partir de 50 para cima. Sendo o objetivo inquirir

⁶ Apêndice 1 – Consentimento Informado

⁷ Apêndice 3 – Guião da entrevista

⁸ Apêndice 5 – Transcrição entrevistas

os sócios das associações, cujo número é elevado, a técnica do questionário revelou-se adequada. Aplicaram-se, assim, 65 inquéritos por questionário⁹ aos(às) sócios(as) das organizações entre junho e julho de 2020, aos quais também se atribuiu um código diferenciador. O questionário utiliza a escala de Likert e é constituído maioritariamente por questões fechadas, em que o(a) inquirido(a) responde de acordo com as opções apresentadas; excetuando-se duas questões em que houve a possibilidade de manifestar-se livremente.

⁹ Apêndice 4 – Inquérito por questionário

CAP. 3 – Contextualização da pesquisa

3.1. S. Sebastião da Giesteira

Topónimo considerado interessante por conjugar a devoção do povo Eborense a um dos primeiros santos do Cristianismo, e a característica giesta, uma planta muito típica da ruralidade alentejana. São Sebastião da Giesteira é uma freguesia rural pertencente ao concelho de Évora que dista 18 Km da sua sede de concelho, assim como da cidade de Montemor-o-Novo e da vila de Arraiolos.

É uma aldeia ainda com interessantes traços de ruralidade, embora nas últimas décadas se tenha começado a verificar que devido ao facto de grande parte da população estar ligada à “cidade” por motivos profissionais, apenas uma pequena parte da população ativa se dedica às atividades rurais/agrícolas.

Em 2013, no âmbito da reforma administrativa nacional, formou-se a União de Freguesias de S. Sebastião da Giesteira e Nossa Senhora da Boa-Fé, pela agregação das duas freguesias. A freguesia conta assim com 1080 habitantes (segundo censos de 2011). Contudo, para este trabalho vamos cingir-nos somente à localidade de São Sebastião da Giesteira.

Na **área da educação** existe na aldeia uma escola do 1º Ciclo (com 21 alunos) e um Jardim de Infância (10 crianças), que, acompanhando a tendência nacional da baixa natalidade, correm o risco de encerrar. Ambos os equipamentos são públicos.

No âmbito das **respostas de proteção social** existe: um Centro Social com resposta social de Estrutura Residencial para Idosos, Centro de Dia, Serviço de Apoio Domiciliário; a Associação de Proteção dos Idosos e Reformados de S. Sebastião da Giesteira, que funciona como Centro Comunitário, com a resposta social Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL).

Na **área da saúde** existe um posto médico, mais propriamente uma extensão de saúde do Centro de Saúde de Évora. Aqui, uma médica e uma enfermeira prestam serviços 2 manhãs por semana. Existe também um Posto Farmacêutico que funciona também três vezes por semana.

Na aldeia existe ainda um campo de futebol com estruturas de apoio de balneários e pequenas bancadas; um pequeno polidesportivo; dois parques infantis e uma igreja.

À semelhança de outras freguesias do concelho, na área da arqueologia encontraram-se alguns vestígios do período Megalítico, com a existência de antas e menires, e do período Romano com achados da época alto-imperial (materiais de construção e cerâmica comum).

Embora nos últimos anos se tenha assistido a uma diminuição significativa da participação da comunidade no movimento associativo, este tem sido ao longo do tempo muito vincado nas práticas comunitárias, como o comprova a existência de um número considerável de Associações:

- ▶ Grupo Desportivo Unidos da Giesteira;
- ▶ Centro Social e Paroquial de São Sebastião da Giesteira;
- ▶ Associação de Jovens “Juventude Giesteirense”;
- ▶ Associação de Proteção dos Idosos e Reformados de S. Sebastião da Giesteira;
- ▶ Associação de Caça e Pesca de S. Sebastião da Giesteira;
- ▶ Agrupamento de Escuteiros 1112 do C.N.E. (Corpo Nacional de Escutas).

3.2 – Objeto de estudo

A escolha de três associações locais não foi aleatória, mas antes resultado de um conhecimento *in loco* da ação que desenvolvem e da sua abrangência. As três associações contemplam nos seus estatutos uma ação comprometida com o desenvolvimento comunitário, através da promoção de atividades que vão ao encontro das necessidades, em primeiro plano dos seus associados, e em segundo da comunidade em geral.

Relativamente a cada associação pretende-se analisar duas perspetivas: a de quem idealiza e executa os projetos/ações e a dos(as) participantes (sócios(as)), que usufruem das atividades.

Apresentam-se de seguida as associações alvo desta investigação.

3.2.1 Associação de Proteção dos Idosos e Reformados de S. Sebastião da Giesteira

A Associação de Proteção dos Idosos e Reformados de S. Sebastião da Giesteira é uma Instituição Particular de Solidariedade Social e foi constituída em 1994 com o objetivo de promover a integração social e comunitária e o desenvolvimento de atividades de animação comunitária. Em 2018 obteve a reposta social CATL o que veio imprimir uma nova dinâmica à associação que tinha as suas atividades muito direcionadas para a população idosa.

Atualmente a APIR tem **quatrocentos e treze sócios(as)** (duzentos e seis de sexo masculino e duzentos e sete de sexo feminino).

3.2.2 Associação Juventude Giesteirense

A Associação Juventude Giesteirense viu os seus estatutos aprovados a 7 de janeiro de 2005. Em 2014, após cedência do espaço pela Câmara Municipal de Évora, conseguem sede própria ao recuperar umas instalações sanitárias públicas que estavam ao abandono e já em avançado estado de degradação. Salienta-se que este trabalho de restauro foi todo realizado pelos jovens envolvidos no projeto.

“Nós com os nossos braços, as nossas mãos, a ajuda dos sócios, muita ajuda dos sócios, conseguimos de umas casas de banho a cair... vandalizadas, conseguimos erguer a nossa sede física, que atualmente é onde fazemos as nossas reuniões e... e onde qualquer sócio pode ir, pode...pode visitar” (Entrevistado 4, 2020).

A associação procura assim promover a integração dos jovens da freguesia, nomeadamente através de trabalho colaborativo entre as várias associações que existem.

“(...) uma das missões promover... a inclusão de todos os jovens da aldeia e da freguesia (...) também temos muito interesse em fazer parcerias com vários... com as várias entidades existentes na aldeia e na freguesia” (Entrevistado 4, 2020).

A associação desenvolve atividades diversas, dirigidas principalmente aos jovens, mas também à comunidade em geral.

“(...) no sentido de criar condições e atividades para que os jovens da aldeia se sintam bem, se sintam integrados, convivam uns com os outros, mas pronto... não propriamente só pós jovens, mas também p’ró resto da população” (Entrevistado 5, 2020).

Atualmente a AJG tem **oitenta e três sócios(as)** (cinquenta e seis de sexo masculino e vinte e sete de sexo feminino).

3.2.3. Grupo Desportivo Unidos da Giesteira

O Grupo Desportivo Unidos da Giesteira foi fundado em 1954 e possui sede social (desde 2005) e campo de jogos. As receitas desta entidade são auferidas através de quotas, rendimentos das compilações desportivas, rendas de aluguer das suas instalações e/ou subsídios.

Atualmente, promove atividades desportivas associadas à corrida e caminhada “*Correr em Giesta*”, aulas de ginástica e futebol amigável entre antigos jogadores do clube (departamento de Veteranos do GDUG). Na área cultural e recreativa realizam-se festas, bailes, assim como outro tipo de atividades diversas de acordo com as efemérides, destinadas não apenas aos sócios como a toda a comunidade.

Em 2019 por razões financeiras, o grupo viu-se forçado a encerrar a atividade futebolística que já existia desde a fundação do clube. Na verdade, os altos custos associados, a praticamente nula existência de adeptos a assistir aos jogos, o facto de a maioria dos jogadores serem recrutados de outros locais (pouquíssimos jogadores da terra), ditaram o seu fim.

“(...) Grupo Desportivo Unidos da Giesteira participou com uma equipa de futebol de onze. (...) Face a circunstâncias de poder talvez económico não, não, não, não tivesse sido possível... o... prosseguir porque... (...) Pelos custos e um pouco também por, por... equipamento, ou seja, nomeadamente o campo. O... tá um bocado ultrapassado, é um campo pelado e hoje em dia, como é óbvio, os atletas

procuram boas condições, e nós... No momento não as temos” (Entrevistado 2, 2020).

O grupo está agora num processo de revitalização, após perder a sua imagem de marca: o futebol. Atualmente o GDUG tem **cento e trinta e oito sócios(as)** (cento e vinte de sexo masculino e dezoito de sexo feminino).

3.3 - Amostra

Nas amostras não probabilísticas (por julgamento) a “(...) definição é feita a partir da experiência do pesquisador no campo de pesquisa, numa empiria pautada em raciocínios instruídos por conhecimentos teóricos da relação entre o objeto de estudo e o *corpus* a ser estudado” (Fontanella et al., 2011, p. 389).

A amostra é constituída pelos intervenientes diretos nas associações acima identificadas: por um lado os dirigentes/técnicos aos quais se aplicou entrevista semiestruturada e, por outro lado os sócios das associações que realizaram um inquérito por questionário, procurando-se aqui atingir uma amostra representativa de 10% do total de sócios de cada organização (ver tabela 2).

Outra questão que se teve em linha de conta nesta seleção foi a de conseguir uma amostra que abrangesse diferentes faixas etárias, por considerar que esta divergência poderá gerar informação útil e permitirá analisar o mesmo fenómeno sob perspetivas diferentes, influenciadas por diferentes estados de maturação, posicionamentos na vida, expectativas e ambições.

Associação	Critério	Participantes
(AJG)	a) Dirigentes	a) 2
	b) Sócios	b) 9
(GDUG)	a) Dirigentes	a) 3
	b) Sócios	b) 14
(APIR)	a) Técnico	a) 1
	b) Sócios	b) 42

Tabela 2 – Participantes segundo o critério da amostra

CAP. 4 – Apresentação e análise dos resultados da pesquisa

4.1. Entrevistas semiestruturadas

4.1.1. Características sociodemográficas dos entrevistados

Realizaram-se seis entrevistas, das quais cinco dos entrevistados sempre viveram em S. Sebastião e apenas um não é natural nem vive na aldeia. Curiosamente, este é o único que aí trabalha. A média de idade dos entrevistados é de 40 anos, com idade mínima de 29 anos e máxima de 57 anos, como demonstra a tabela 3.

Informação / Entrevistado	Organização	Idade	Sexo	Situação Profissional	Outras organizações às quais pertence	Onde mora
Entrevistado 1	GDUG	44	H	E	- CNE	SSG
Entrevistado 2	GDUG	45	H	E	- NAVN	SSG
Entrevistado 3	GDUG	57	H	E	- CNE - CSPSSG - APIR	SSG
Entrevistado 4	AJG	32	H	E	-----	SSG
Entrevistado 5	AJG	29	H	E	- APIR	SSG
Entrevistado 6	APIR	33	M	E	-----	Alcáçovas
Legenda						
Sexo	H – Homem M – Mulher					
Situação Profissional	E – Empregado					
Membro de outras organizações	- CNE - Corpo Nacional de Escutas (Agrupamento 1121) - NAVN - Núcleo de Árbitros de Vendas Novas - CSPSSG – Centro Social e Paroquial de S. Sebastião da Giesteira					
Onde mora	- SSG - S. Sebastião da Giesteira					

Tabela 3 – Características sociodemográficas dos entrevistados – resultado das Entrevistas Semiestruturadas

A diferença de idades e a formação evidenciam características discursivas bem distintas. Realmente, constata-se que os entrevistados mais jovens têm um discurso mais fluente e respondem de forma mais concreta às questões que lhes são colocadas, porém o discurso dos entrevistados mais velhos é marcado por experiências várias adquiridas através da larga experiência de trabalho associativo. Os cinco entrevistados que vivem em S. Sebastião da Giesteira revelam ligação a outras organizações, todas elas locais à exceção do Núcleo de Árbitros de Vendas Novas. Este facto revela por um lado identificação, por outro, ligação afetiva. Os entrevistados reconhecem a importância que as associações locais assumem na comunidade enquanto únicos elementos passíveis de imprimir alguma dinâmica neste contexto.

4.1.2. Projetos/ações

Uma vez que o objetivo deste estudo é verificar se as associações de S. Sebastião da Giesteira impulsionam o desenvolvimento comunitário, nomeadamente através dos projetos/ações que desenvolvem, apresentamos na tabela 4 informação sintetizada relativamente aos projetos/ações que cada organização promove, aos seus objetivos e público-alvo.

Organização	Projeto/ações	Objetivos	Público-alvo
GDUG	“Correr em Giesta” (1)	- Promover a prática da atividade física através da corrida e caminhada;	- População em geral
	Secção cultural (2)	- Dinamizar atividades que promovam estilos de vida saudáveis; - Dinamizar atividades culturais e recreativas para toda a comunidade.	- População em geral - Algumas atividades com vantagens para sócios
APIR	Atelier de costura (3)	- Valorizar o saber fazer; - Combater a ociosidade; - Prevenir o isolamento social; - Combater o sentimento de inutilidade.	- Idosos(as) e/ou reformados(as)
	Apoio social comunitário (4)	- Apoiar a comunidade na resolução dos seus problemas; - Capacitar os indivíduos para que sejam	- População em geral

		autónomos na resolução dos seus próprios problemas.	
AJG	“Tradições das gentes e dos costumes” (5)	- Recuperar e reproduzir algumas tradições antigas; - Dar a conhecer aos mais jovens costumes antigos; - Valorizar o passado da comunidade; - Promover atividades intergeracionais.	- População em geral - Algumas atividades exclusivas para sócios

Tabela 4 – Síntese dos projetos/ações, objetivos e público-alvo das associações em estudo – resultado das Entrevistas Semiestruturadas

Embora as três associações em estudo tenham um público muito específico, constata-se que constroem a sua ação no sentido de favorecer a comunidade, promovendo frequentemente atividades dirigidas à população em geral, embora em alguns casos concretos possam existir atividades exclusivas para sócios.

“(...) temos sempre atividades exclusivas p’ra sócios há... por... até porque... os sócios têm um papel muito importante na Associação e têm que ser... vá lá... compensados de alguma forma. Há... porque a Associação há... é uma Associação sem...sem fins lucrativos ... (...) e... o valor das quotas que os nossos sócios se disponibilizam a pagar é importante para colmatar as despesas que temos com a nossa sede física... algumas deslocações...” (Entrevistado 4, 2020).

“E é, por exemplo: a gente temos uma carrinha que vamos às provas... Os primeiros que vão para a carrinha são os sócios, né? (...) Tem que haver ali sempre uma diferenciação que a pessoa que paga... que paga cotas tem que ter mais alguns direitos, né? Hum, hum... Também para sentir alguma vantagem... Claro, mas também não queremos excluir ninguém que queira fazer desporto” (Entrevistado 1, 2020).

Todos os entrevistados destacam a importância dos sócios quer enquanto fonte de receita para as associações quer como sujeitos que, através do vínculo que têm com a organização, garantem alguma da dinâmica existente. Outra das razões para o alargamento das atividades à

comunidade, entendida mediante conversas informais, prende-se com a baixa densidade populacional. De facto, numa freguesia rural com população maioritariamente envelhecida, torna-se difícil ter um número de participantes nas atividades que torne viável a execução das mesmas, se estas forem restritas a um grupo específico.

Neste sentido, apresentam-se sumariamente os projetos/ações dinamizados(as) pelas associações.

O “*Correr em Giesta*” já existe há cerca de cinco anos mas enquanto grupo informal. Neste processo de reestruturação do GDUG após o término da equipa de futebol, chegou-se a um entendimento com os idealizadores do projeto no sentido de integrá-lo no GDUG.

“Nós pensámos em realmente inserir a parte do “Correr em Giesta” onde dialogámos com essas pessoas que tavam à frente e...e... e... e em várias assembleias achámos por bem convidá-los, de certa maneira. Eles abraçaram este projeto. Foi um projeto que foi pá frente e... tá a ter, posso dizer se calhar tou-me a adiantar já um pouco, mas posso dizer que tá ter uma dinâmica bastante, bastante boa... Há... Tá a ser um incentivo muito bom pá alguns jovens que nós temos também a correr... Há... E tá a ser, acho que tá a ser uma experiência boa porque dinamiza o convívio, o tal bem-estar e já temos ido a algumas provas e mobiliza realmente as pessoas... e tá a ser um... um... Um processo bom” (Entrevistado 2, 2020).

O “*Correr em Giesta*” operacionaliza-se em dois treinos semanais com dias e horário fixo (3ª feira e 6ª feira, às 19h) e um ao domingo às 8:00h com caminhada e corrida longa, e pretende através da promoção de uma prática desportiva melhorar a qualidade de vida da comunidade.

“Trazer o desporto a quem queira e melhorar o estado de vida das pessoas da nossa comunidade (...)” e “Tentamos, há... Dinamizar e tentamos pôr toda a gente a mexer (...)” (Entrevistado 1, 2020).

De acordo com as entrevistas mas também com as conversas travadas no terreno constata-se que a anexação do “*Correr em Giesta*” foi tão benéfico para o GDUG (na medida em que

atualmente é a atividade que mais pessoas envolve) como para o “*Correr em Giesta*” que ganhou uma nova visibilidade e apoio financeiro para empreender outro tipo de ações.

“Sim, agora já é uma forma muito mais organizada, já também com o apoio oficial do Grupo Desportivo e a ligação que houve ao Grupo Desportivo agora já mais... muito mais a sério, né? Outras... outra...outras...outras facilidades, já com outras coisas que se fazem. Outro tipo de treino também, né?” (Entrevistado 3, 2020).

A secção cultural desenvolve semanalmente duas aulas de ginástica à 3ª feira e 5ª feira, às 19:30h. Estas aulas têm um custo mensal de 10€ para sócios e 20€ euros para não sócios. Existe ainda a possibilidade de pagamento por sessão, sendo que neste caso sócios pagam 2,50€ e não sócios 5€ por aula. Paralelamente esta secção programa ainda atividades culturais e recreativas. Embora a fraca adesão às aulas de ginástica preocupe alguns dirigentes da associação, como se pode verificar através dos registos nas grelhas de observação, a verdade é que continua a ser uma mais – valia.

“Também a formação do grupo de ginástica, também tem trazido mais alguma atividade, mas... Podia haver mais... Sinceramente” (Entrevistado 3, 2020).

“Eu falo da última atividade que houve que foi um mercado de natal da parte cultural que foi um sucesso. Falo também de uma festa de verão que fizemos que foi da parte cultural, foi também um sucesso. E aí as pessoas participam, têm interesse em participar” (Entrevistado 2, 2020).

O Atelier de costura é um projeto bastante antigo na APIR e tem como objetivo valorizar os conhecimentos das idosas, incentivando-o e potenciando-o através da produção de peças que são frequentemente expostas em atividades diversas, assim como vendidas em diversas ocasiões.

“No sentido também de...de valorizar aquilo que é feito há... pelas idosas, o saber fazer também aqui acaba por...por dar-nos aqui há... alguma importância, né?” (Entrevistado 6, 2020).

“Por exemplo, tou aqui a lembrar-me do atelier de costura, se elas não viessem p’rá aqui fazer a costura nunca ninguém... até porque nós depois expomos esses trabalhos em algumas atividades que nós fazemos, também não conseguiriam também há... demonstrar aquilo que fazem, né? O que de melhor sabem fazer” (Entrevistado 6, 2020).

O apoio social comunitário é um conjunto de procedimentos levados a cabo no sentido de apoiar os indivíduos na resolução de problemas com que se deparem no seu dia a dia e para os quais não se sintam capacitados para solucionar. Aqui o objetivo é iniciar com estes sujeitos processos de aprendizagens e treino de competências de forma a que se tornem autónomos e adquiram poder para controlar as suas próprias vidas.

“Tenho o apoio há... apoio social em termos de Centro Comunitário em que faço os atendimentos, o acompanhamento social, a articulação com as outras entidades competentes” (Entrevistado 6, 2020).

“Potenciar aquilo que elas sabem fazer (...) não fazemos p’las pessoas. Tentamos que seja a própria pessoa a valoriza-se, a fazer, a resolver há... acabamos por ser aqui um impulsionador, mas não...há... na forma de resolução definitiva do problema. Portanto, acabamos por também dar aqui algumas competências p’ra que elas próprias consigam resolver o problema” (Entrevistado 6, 2020).

De todas as atividades desenvolvidas pela AJG ao longo dos últimos anos aquelas inerentes à temática *Tradições das gentes e dos costumes* são as que se consideram melhor ir ao encontro dos objetivos estabelecidos. Com estas atividades pretendem revitalizar tradições antigas, dando-as a conhecer aos mais novos, ao mesmo tempo que estimulam a intergeracionalidade.

“(...) são sem dúvida, as atividades em que conseguimos puxar pela tradição da aldeia e da região... há...e as atividades que justamente fazemos com algumas... com parcerias, com a APIR e outras entidades que já referi.. há... mas sim, são as atividades em que... que tentamos pegar nas tradições das gentes e dos costumes e talvez adaptá-las aos dias de hoje e essas atividades encaixam muito bem nos objetivos da organização” (Entrevistado 4, 2020).

“(...) nós temos interesse em desenvolver essas atividades principalmente por... por... duas... dois pontos. O primeiro é que queremos mostrar aos mais velhos que estamos interessados em saber como foi o passado... o passado da comunidade, qual foi a... a juventude dos mais velhos. E por outro lado,(...) queremos mostrar... mostrar aos jovens também como era... os costumes, as tradições dos seus pais, seus avós, há... de forma a... pronto, consiga haver o convívio intergeracional” (entrevistado 4, 2020).

4.1.3. Definição e execução das atividades

Em relação à definição das atividades, todos os entrevistados referem que as atividades são definidas pela direção e órgãos sociais (no caso da APIR, pela equipa técnica) que idealizam as atividades normalmente em grupos de trabalho mais reduzidos, que posteriormente são levadas a reunião alargada onde o presidente aprova ou não aprova a sua realização.

Quando interpolados relativamente à participação do público-alvo na definição das atividades que as associações promovem, alguns entrevistados referem que esse facto não se verifica, embora reconheçam que em algumas situações existe uma sondagem informal que permite ter uma ideia muito abrangente do que poderá resultar ou não, mas esta ocorre principalmente quando as atividades já estão a decorrer.

“Normalmente apresenta-se já a ideia feita. E depois quando a gente... as pessoas começam algumas dizem que não gostam ...tenta-se mudar, né? Tenta-se mudar. Se fazemos aquilo, as pessoas não gostam porque é que havemos de continuar a fazer? Né? Se o objetivo é mobilizar as pessoas! (...) Não se pode mudar sempre porque... Nunca está ao gosto de toda a gente” (Entrevistado 1, 2020).

“Eu acho que não. Epá eu acho que aí não... Aí é basicamente quem define... Três ou quatro que definem e depois as pessoas epá... um ou outro...haverá...às vezes há sempre ou um ou outro que dá uma ideia sobre uma situação qualquer. Isso aí acho que se deve ter sempre em atenção... Ninguém sabe tudo, portanto estamos sempre abertos...” (Entrevistado 3, 2020).

Por outro lado, há os que consideram que o público – alvo tem oportunidade de manifestar-se relativamente às atividades nas Assembleias Gerais, podendo aí aprovar ou não aprovar as atividades propostas.

“(...) sim, nós vamos também de encontro aqui... com um bocadinho... com aquilo que nos vão dit... dizendo... e que nos vão...e que vai surgindo, né? Hã... sentimos necessidade mais de trabalhar ou intervir numa área acabamos por também... hã... fazê-lo, né? Tendo em conta também a ati... a atitude deles, a necessidade, aquilo que eles nos vão transmitir diariamente” (Entrevistado 6, 2020).

“Então, quem as define são os elementos da direção hã...mas a decisão nós temos sempre uma Assembleia, pelo menos uma Assembleia Geral Ordinária em que todos os sócios poderão ou não aprovar o plano de atividades anual hã...e depois atão fica aprovado ou não. (...) Qualquer membro da Direção ou até qualquer sócio tem... pode... pode... sugerir, mostrar-se contra, mostrar-se a favor, somos... temos abertos sempre a opiniões... De qualquer forma, é sempre em Assembleia Geral Ordinária que... que ficam aprovadas ou não as atividades anuais” (Entrevistado 4, 2020).

“Sim, nós muitas vezes damos essa hipótese, até já fizemos acho que uma vez ou duas hã... um género de um inquérito aos sócios a perguntar sobre... sobre algumas atividades ou sobre sugestões, e nas Assembleias Gerais pedimos sempre aos sócios que estão presentes o que é que pensam e o que é que... o que é que sugerem de atividades que nós possamos realizar no...no ano” (Entrevistado 5, 2020).

No que concerne à operacionalização das atividades, cinco dos entrevistados referem que quem executa as atividades são os dirigentes apoiados, quando necessário, por sócios. Apenas uma associação, que por ter quadro de pessoal, tem uma equipa técnica responsável pela implementação das atividades definidas, embora também conte com a colaboração da direção da associação sempre que se justifique.

Todos os entrevistados revelam que as associações que representam têm uma atitude flexível, de proximidade e com uma comunicação clara entre os dirigentes e os sócios, que potencia um

sentimento de confiança nos sócios, facilitando, por parte destes, a sugestão de novas atividades e/ou a partilha de opiniões acerca das que estão a decorrer.

4.1.4 Parcerias

Após a análise das entrevistas verifica-se que em S. Sebastião da Giesteira existe um trabalho colaborativo efetivo entre as organizações da freguesia. Na verdade, embora existam algumas parcerias protocoladas (Câmara Municipal de Évora, Segurança Social, Escola Segura, Equilibrium Centro Terapêutico), afigura-se mais correto referir-nos a uma rede de cooperação através da qual as organizações locais unem os seus esforços em prol de objetivos comuns, sendo o principal promover o desenvolvimento da comunidade. Na maioria das vezes este trabalho colaborativo trata-se de cedência de espaços para a realização das atividades, empréstimo de equipamentos e realização conjunta de atividades, existindo neste caso divisão de despesas e multiplicação de recursos humanos. Saliencia-se também o papel fundamental da Junta de Freguesia no apoio à ação associativa da freguesia, seja através de apoio monetário, seja pelo desbloqueio de situações mais morosas.

“Sim estabelece. O Grupo Desportivo estabelece sempre parcerias e pede sempre ajuda naquilo que menos... que menos... capacidade tem ou menos... menos focado está para isso, né? Portanto, e nesse caso o Grupo tem feito... Tem feito sempre um bom trabalho, pede sempre ajuda ou por instalações, ou por equipamentos, ou por veículos, ou qualquer coisa. Pede sempre ajuda a quem, a quem pode ajudar na construção das atividades” (Entrevistado 3, 2020).

“Sim, a Associação AJG tem todo o interesse em estabelecer parcerias e temos estabelecido, nomeadamente com... a APIR, o GDUG, há... o Agrupamento de escuteiros... (...) nós estamos numa aldeia e...uma... um dos nossos principais problemas é conseguir ter público-alvo que faça... pronto, que... seja viável executar algumas atividades. Um dos objetivos de fazer parceria é esse. É conseguir abranger um maior público-alvo. Outro é também tirar partido um pouco da aprendizagem que o parceiro nos poderá oferecer na preparação das atividades e... e vice-versa, nós também podemos... também conseguimos de alguma forma contribuir pá aprendizagem de novos parceiros” (Entrevistado 4, 2020).

“Parcerias, parcerias oficiais... em... que estejam escritas, não temos nenhuma. Mas depois no desenvolver das atividades e no decorrer do ano, vamos... pronto, pedindo alguma ajuda e vamos também colaborar com as entidades da nossa aldeia, algumas externas (...) nomeadamente mais relacionado com os transportes, com logísticas... com espaços para realizar as atividades. Pronto, tudo nesse sentido, mais ou menos” (Entrevistado 5, 2020).

4.1.5 Impacto dos projetos/ações

4.1.5.1 Nos participantes

Quando confrontados com o impacto dos(as) projetos/ações nos participantes, nomeadamente ao nível das competências individuais, à participação comunitária e ao nível de capacidade de tomada de decisão) todos os entrevistados revelaram alguma dificuldade em responder de forma concisa às questões.

Relativamente às capacidades individuais dos participantes todos os entrevistados consideram que no geral os(as) projetos/ações desenvolvidas contribuem para o seu melhoramento. Embora também considerem que: 1) por vezes a fraca adesão às atividades dificulta que se percecionem este facto de forma clara e objetiva e 2) a ausência de uma avaliação das atividades realizadas dificulta, de igual forma, que se possa avaliar e refletir sobre o impacto das atividades.

“Sim, eu acho que sim, acho que todas as atividades, pronto, só o facto de promoverem o convívio, a maioria delas, vão... vão provocar uma confiança e uma autoestima nas pessoas que pronto, (...) Eu acho que agora neste momento pronto, a aldeia também não tem muitos jovens e é... é um grande problema cativar os jovens a participar nas atividades, mesmo nós depois já não sabemos...” (Entrevistado 5, 2020).

“Algumas atividades têm esse impacto, o problema, o problema dessas atividades é que depois ninguém faz uma avaliação. Ninguém faz. Quem prepara uma atividade... Mas depois não se avalia. (...) Depois de as atividades acontecerem ninguém reúne, e ninguém faz uma avaliação. Olhem lá, conseguimos ou não? O que é que vocês acharam? Aquele elemento fez... o outro não fez... O que é que faltou? Isso é a principal razão que às vezes as coisas não fluem, não saem e depois ninguém sabe nada. Ninguém faz uma avaliação do que se fez. Ninguém faz uma avaliação e portanto as coisas aí...” (Entrevistado 3, 2020).

“Sim, na parte de desenvolver competências e como falei à pouco do nosso objetivo da inclusão de todos os jovens há... nós temos certas atividades em que, nomeadamente os convívios, as ações de serviço, em que cada participante tem um papel fundamental na atividade... Dessa forma, todos os participantes poderão aumentar a sua autoestima vendo que até... aquele participante se calhar mais sedentário, que tá mais em casa e, se calhar o grupo de amigos não é assim tão grande... nas nossas atividades consegue ver o seu papel valorizado (...)” (Entrevistado 4, 2020).

Quanto ao aumento da participação comunitária do público-alvo todos os entrevistados consideram que de facto as atividades desenvolvidas melhoram a participação comunitária dos participantes ao mesmo tempo que produzem um dinamismo social muito apreciado. As pessoas envolvem-se nos projetos e manifestam orgulho pela terra e pela organização à qual pertencem. Realçam que este aumento da participação comunitária deverá ser proporcional à quantidade de ações promovidas.

“Portanto, as pessoas, vejo que as pessoas têm prazer em levar a blusa do “Correr em Giesta”. (...) Orgulho de levar a blusa do “Correr em Giesta”. Identificam-se com “Correr em Giesta” (Entrevistado 1, 2020).

“Sem dúvida, sem dúvida, (...) posso falar numa situação concreta que é um hino que existia há muito, muito tempo e... e isso foi referenciado e foi, e foi... de certa

maneira potenciado nos áudios... nos áudios de instâncias há... mais além da nossa terra e... e isso p'ra nós foi um motivo de... de orgulho (...) (Entrevistado 2, 2020).

“De facto temos uma camisola, temos um símbolo, temos um hino... Temos isso tudo que nos une e que nos... e que nos faz mais mais... bairristas, né?” (Entrevistado 3, 2020).

No que concerne à capacidade de tomada de decisão dos participantes por unanimidade os entrevistados consideram que os(as) projetos/ações desenvolvidos melhoram esta competência. Afirmam que a curto/médio se verifica que alguns participantes revelam níveis superiores de participação em situações decisórias. Contudo, as respostas obtidas são muito vagas revelando uma certa incompreensão do termo.

“Têm... nesse, nesse caso do “Correr em Giesta” tenho visto lá muita gente a participar e depois dão uma...e mete... e toma... toma...toma posição sobre certos assuntos e certas coisas e até... isso tem sido bem visível que as pessoas têm sido... pronto... muito boas nessa parte” (Entrevistado 3, 2020).

“Sim, considero. Considero... (...) se as nossas atividades há... promovem a capacidade de... de decisão e de afirmação dos... dos participantes que delas fazem parte há... eu acho que sim, eu acho que sim, porque as nossas atividades são sempre... são sempre muito descontraídas em que cada um tem a sua oportunidade de... de brilhar, vá... há... e sempre com um pensamento de inclusão” (Entrevistado 4, 2020).

4.1.5.2. Nas organizações

Quanto ao impacto das ações nas estruturas de liderança todos os entrevistados consideram que existe um melhoramento significativo das suas competências, Aliás, alguns expressam mesmo que consideram ser onde se verifica um real desenvolvimento de capacidades individuais. Os entrevistados abordam conceitos como compromisso e responsabilidade, interiorizados e assumidos ao aceitar o desafio de representar as organizações, como condição fundamental para conseguir realizar-se um trabalho útil, sempre numa perspetiva de beneficiar a comunidade.

“Aí talvez seja em quem mais promove esse tipo de... seja mesmo em quem tá à frente da organização, porque... somos... somos jovens, alguns mais adultos, outros, menos... mais jovens... em que veem aos seus ombros uma associação... que...atualmente ... à volta de oitenta e qualquer coisa sócios que... sócios esses que estão sempre à espera do que é que vem a seguir e o que é que vamos fazer... e os jovens veem...veem o seu sentido de responsabilidade ser muito afinado com a participação na... na organização, fazendo parte da direção ou dos órgãos sociais. (...) Podemos... podemos dizer que... vá lá, participar...fazer parte da direção de uma Associação de Jovens é talvez preparar os jovens pó futuro e até alguns pó seu mercado de trabalho, né?” (Entrevistado 4, 2020).

“Sim, eu acho que sim. O facto de pertencermos à organização por si já é bom e já aumenta a nossa autoestima. E depois saber que estamos a incentivar outras pessoas a participar e a virem ter junto de nós, e... e pedirem algumas opiniões, o que é que nós fazemos... Eu acho que isso tudo é bom para a aldeia, para os jovens e para toda a comunidade mesmo” (Entrevistado 5, 2020).

Relativamente à participação comunitária das organizações de uma forma geral os entrevistados revelaram muita dificuldade em responder a esta questão, manifestando opiniões distintas, inclusivamente elementos da mesma organização. Assim, há elementos que consideram que a associação que representam consegue ver a sua participação na

comunidade potenciada pelas ações que desenvolve. Outros, por sua vez, consideram que as poucas atividades desenvolvidas não conferem essa visibilidade às organizações.

“Sim, eu acho que aqui... nós temos aqui muitos espaços há... em que podemos tirar partido e... e promover toda a comunidade a participar. (...) Era esse um dos nossos principais objetivos, desde o início que entrámos para a Associação... era ver, não só o público jovem, mas... mas toda a aldeia há... pronto, pronto tornámo-nos mais interventivos, a fazer algo pelos jovens e nem só, melhorar o seu estilo de vida, a sua participação, o convívio e tudo isso acho que... acho que melhora a nossa comunidade, a nossa aldeia” (Entrevistado 5, 2020).

“Sim, sim porque aqui acabamos só... ser nós, Associação, sempre como impulsionadores de algumas atividades que são promovidas.(...). Na Associação e na freguesia, porque acabamos por também ser aqui um... um elemento potenciador, acho eu, de... Impulsionador de atividades... Tudo o que... nós conseguimos fazer... é para a freguesia e a freguesia vê isso. Nota isso, que... que se não for, por exemplo, a APIR não serão feitas as... excursões que... anualmente serão... são feitas... Portanto, somos nós aqui que acabamos por... por dar resposta muito nesse sentido à população” (Entrevistado 6, 2020).

“Sim, melhoram... Embora... É assim, nós temos... nós temos... Temos a consciência que não somos profissionais. Todos nós temos os nossos trabalhos, todos nós voltamos para um melhoramento e evidentemente que melhora, mas...(..) Há sempre que melhorar, sim! Isso, isso é óbvio, (...)” (Entrevistado 2, 2020).

“Não acho... não acho que tenham assim tanto impacto. (...) sinto que não é... não é... não... aí há qualquer coisa que não... que me está ainda a falhar, que não conseguimos atingir esse... acho que não... não... não é... não é muito, não é... o Grupo às vezes pede ajuda numa situação qualquer... e pronto... (...)” (Entrevistado 3).

Relativamente ao reconhecimento das organizações todos os entrevistados sentem que a comunidade reconhece e valoriza a importância das associações na comunidade, seja pelo trabalho que desenvolvem, seja pela relação afetiva que estabelecem com as organizações.

“Não...Isso reconhecem, de facto quando as coisas são bem organizadas, reconhecem. Isso é um facto que toda a gente depois reconhece que as coisas tão... foram bem organizadas, (...) que reconhecem, sim senhora! Hã... louvam o trabalho e o esforço que cada um fez, e o empenho que cada um tomou para as organizar, isso atão aí... não há dúvidas... sinceramente!” (Entrevistado 3, 2020).

“Bem, da parte dos sócios eu não tenho... a mais pequena dúvida que... que sim. Que... que eles veem a Associação como... que têm muita consideração pela Associação. (...) Sim, regra geral hã... há sempre exceções, mas isso sempre haverá... regra geral, acho que...que a Associação tem uma boa aceitação na comunidade hã... e que a comunidade regra geral... a comunidade acha a Associação uma mais valia pá a aldeia e pá freguesia” (Entrevistado 4, 2020).

4.2. Inquéritos por Questionário¹⁰

4.2.1. Características sociodemográficas dos sujeitos

Dos 65 inquiridos, vinte e seis são do sexo feminino e 39 do sexo masculino, como se pode verificar no gráfico 1. A idade média dos inquiridos é de 46,7 anos, com idade mínima de 17 anos e máxima de 84 anos.

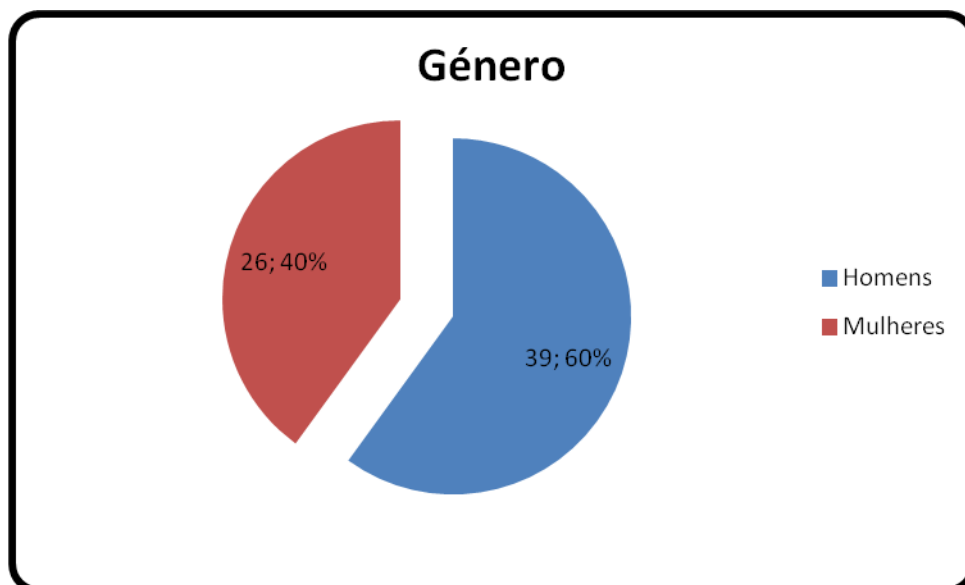


Gráfico 1 – Idade - resultados do Inquérito por Questionário

Quanto às habilitações escolares verifica-se que nenhum dos inquiridos se encontra em situação de não saber ler nem escrever, sendo que apenas uma pequena percentagem sabe ler e escrever, mas sem ter concluído a antiga 4ª Classe, como mostra o gráfico 2. Como era expectável, constatamos que quanto mais novos são os inquiridos superiores são as suas habilitações escolares.

¹⁰ Apêndice 5 – Grelha síntese dos dados sociodemográficos dos Inquéritos por Questionário

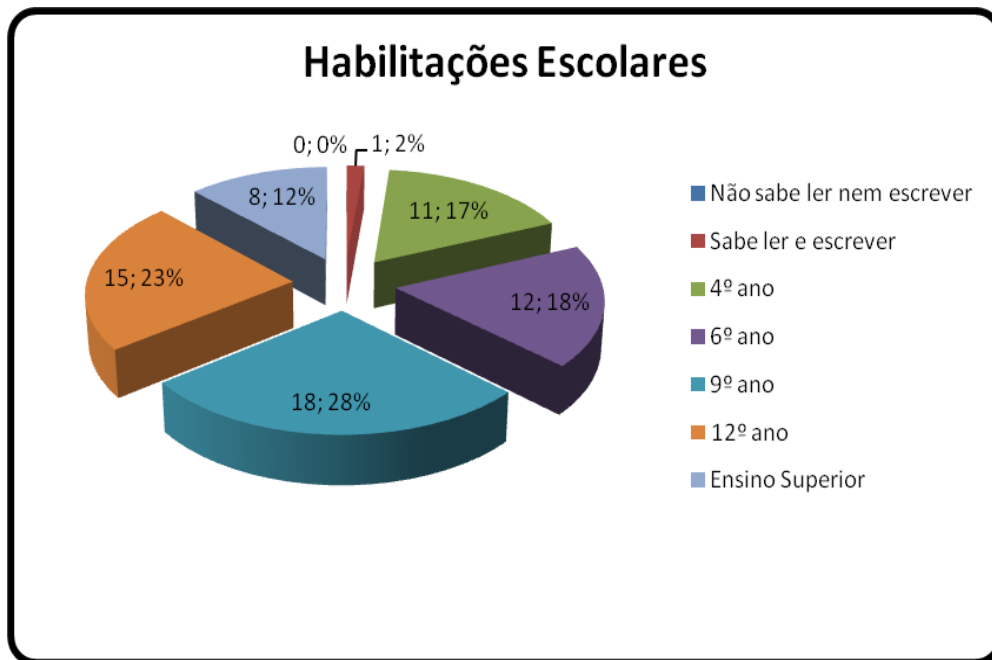


Gráfico 2 – Habilitações escolares- resultados do Inquérito por Questionário

Relativamente ao estado civil, constata-se que a maioria dos inquiridos é casado (cerca de 62%), logo seguido dos solteiros(as), com 14,21%, como se pode verificar no gráfico 3.

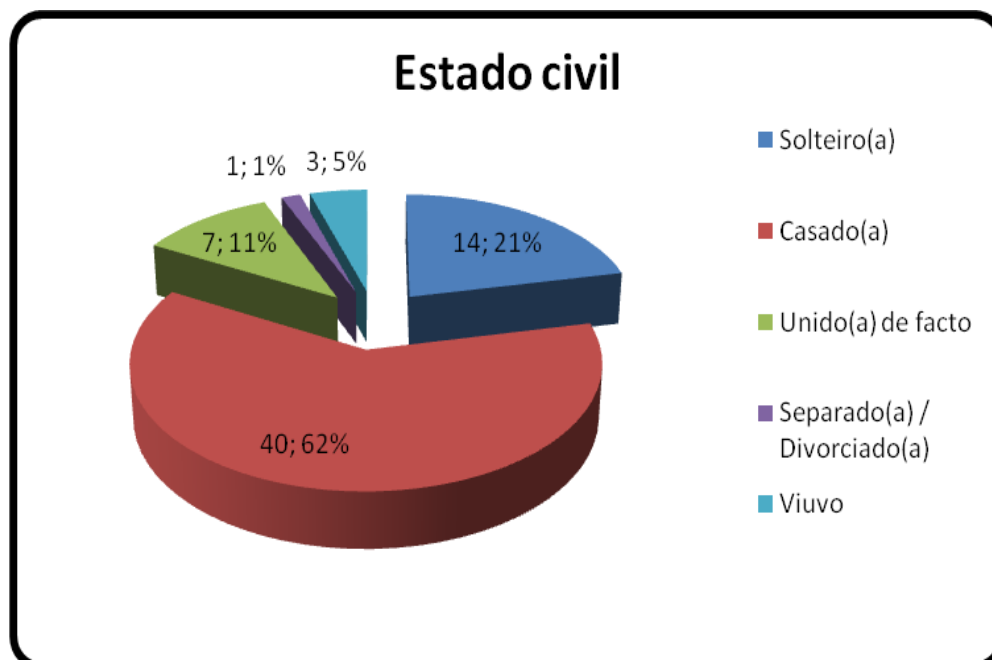


Gráfico 3 – Estado civil- resultados do Inquérito por Questionário

No que concerne à situação profissional constata-se que apenas uma pequena percentagem da amostra se encontra em situação de desemprego (2,3%), sendo que a maioria exerce uma atividade profissional, como se verifica no gráfico 4.

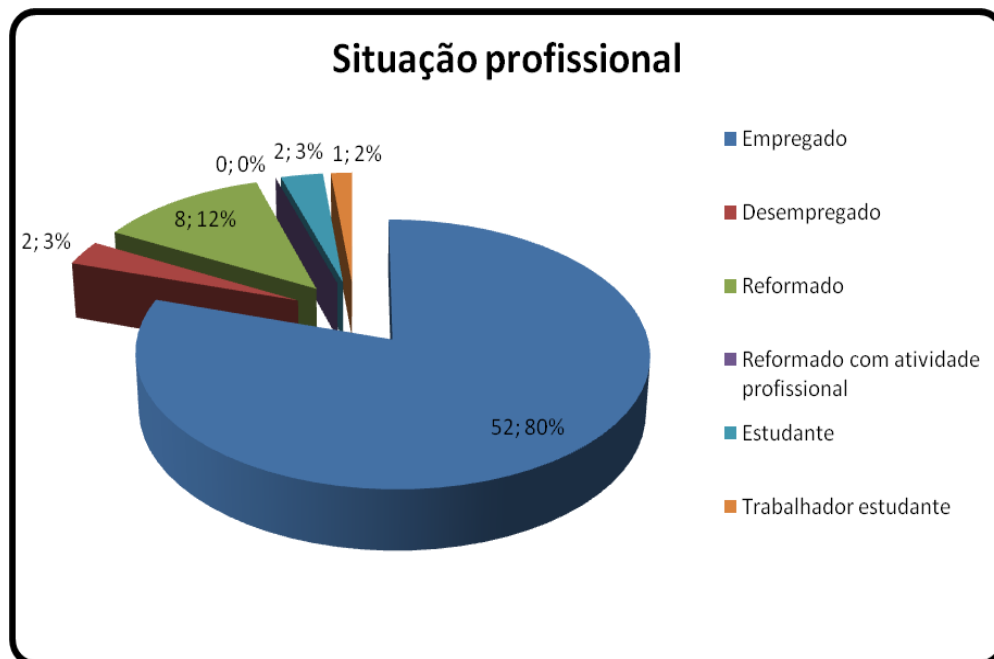


Gráfico 4 – Situação profissional - resultados do Inquérito por Questionário

4.2.2. Resultados do Inquérito por Questionário

Os Inquéritos por Questionário procuraram aferir a opinião dos sócios das associações locais relativamente à influência de fatores como motivação pessoal para a participação na dinâmica associativa, as atividades desenvolvidas, a estrutura de liderança e o reconhecimento da organização. Para o efeito utilizou-se a escala de *Likert* de 5 pontos nas questões referentes à motivação pessoal e atividades desenvolvidas, e de 4 de pontos nas questões referentes às estruturas de liderança e reconhecimento. De seguida apresenta-se a tabela 5 onde constam os resultados obtidos após análise dos Inquéritos por Questionário, assim como uma breve nota explicativa.

Assinale com um x as suas respostas	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Muito frequentemente
MOTIVAÇÃO PESSOAL					
1.1 Participa nas atividades promovidas pela organização?	8	8	27	16	6
A maioria dos inquiridos participa apenas ocasionalmente nas atividades promovidas pelas Associações. Se utilizarmos a relação quantitativa da escala de <i>Likert</i> , a média de participação é de 3,06 , um valor intermédio.					
2. Os motivos que condicionam a sua participação na dinâmica da organização são:					
2.1. Falta de tempo?	8	12	18	17	10
A maioria dos inquiridos refere que a falta de tempo, ocasionalmente e frequentemente, é um facto que condiciona a sua participação nas atividades (com 18 e 17 inquiridos, respetivamente). Se utilizarmos a relação quantitativa da escala de <i>Likert</i> , a média das respostas é de 3,14 , o que evidencia que a falta de tempo é um elemento com grande influência na não participação dos sócios nas atividades promovidas pelas organizações.					
2.2. Serem sempre as mesmas pessoas a fazer as mesmas coisas?	20	15	10	15	5
Relativamente a esta questão, a maioria das pessoas menciona que nunca ou raramente o facto de serem as mesmas pessoas a desenvolver as atividades influencia a sua participação. Na escala quantitativa de <i>Likert</i> , a média desta resposta é de 2,54 .					
2.3. A realização de ações não democráticas (as decisões são tomadas sempre pela(s) mesma(s) pessoa(s))?	22	14	9	16	4
A maioria dos inquiridos, por uma diferença pequena, responde que a decisão de não participar nas atividades, não se prende com a existência de ações não democráticas. A média, desta resposta centra-se nos 2,48 .					
2.4. A ausência de recursos ou recursos limitados?	15	25	15	8	2

A maioria dos inquiridos responde que nunca ou raramente, a ausência de recursos ou recursos limitados condiciona a sua participação nas atividades. A média desta resposta é de 2,22 .					
2.5. Desmotivação / não identificação com as atividades desenvolvidas pela organização?	17	19	18	8	3
Relativamente a esta questão, e de uma forma bastante próxima, a maioria dos inquiridos refere que a desmotivação nunca condiciona, ou condiciona raramente ou ocasionalmente a sua participação. Este facto demonstra que de uma forma geral os inquiridos não se sentem desmotivados com as atividades que as organizações promovem, embora casualmente possam interferir na sua decisão de participar. A média das respostas é de 2,40 .					
2.6. Existência de conflitos e desentendimentos?	34	22	6	3	0
Verifica-se que a existência de conflitos ou desentendimentos entre sócios e entidade, não é um motivo que condicione a participação dos sócios nas atividades, que assinalaram as opções nunca e raramente. Na escala quantitativa de <i>Likert</i> , a média desta resposta é de 1,66					
2.7. Outro(s)? Indique, por favor:					
“Mobilidade reduzida”					
“Vivemos todos na mesma aldeia, mas «há os bonitos e os feios»”					
Foram poucas as pessoas que indicaram outras razões ou motivos que condicionem a sua participação na dinâmica das organizações. Apenas duas pessoas, do total dos sessenta e cinco inquiridos, referiram os motivos acima apresentados, um deles por razões de condicionante física e outro pelo facto de considerar que em certas situações existe tratamento desigual entre os vários habitantes da aldeia.					
3. Participar na dinâmica da organização permite-lhe:					
3.1. Ganhar poder nos momentos de tomada de decisão?	26	23	14	2	0
A maioria dos inquiridos considera que participar na dinâmica das organizações não lhes permite ganhar poder nos momentos de tomada de decisão. A média, nesta resposta é de 1,88 , o que demonstra que os sócios possuem , na organizações, muito pouco poder para decidir.					
3.2. Contribuir para melhorar alguns aspetos da sua comunidade?	7	10	28	13	7
Relativamente a esta questão a maioria dos inquiridos refere que poder melhorar alguns aspetos da sua comunidade é um fator que advém da sua participação nas atividades promovidas pelas associações. A média das respostas de 3,05 .					

3.3. Maior valorização social (as pessoas reconhecem e valorizam o seu esforço)?	11	18	21	11	4
Relativamente a esta questão, a maioria dos inquiridos responde que apenas ocasionalmente a participação na dinâmica da organização permite uma maior valorização social. Se utilizarmos a relação quantitativa da escala de <i>Likert</i> , a média das respostas é de 2,68 .					
3.4. Maior valorização pessoal (sente-se bem, com confiança nas suas habilidades e capacidades)?	10	6	19	22	8
Na sua maioria, os inquiridos referem que ao participar na dinâmica da organização sentem-se frequentemente valorizados a nível pessoal, com confianças nas suas habilidades e capacidades. A média das respostas é de 3,18 .					
3.5. Socializar e estreitar relações de proximidade?	1	4	20	26	14
Quanto a esta questão pode constatar-se que os inquiridos participam nas dinâmicas das associações para conviver e sentir-se próximos de outras pessoas. A média desta resposta é de 3,75 , o que leva a crer que as pessoas consideram que as atividades aproximam as pessoas, frequentemente.					
3.6. Outro(s)? Indique, por favor: _____					
Não houve respostas a esta pergunta aberta.					
4. A organização valoriza a sua opinião?	7	13	28	11	6
A maioria dos auscultados considera que a organização valoriza ocasionalmente a sua opinião. Se utilizarmos a relação quantitativa da escala de <i>Likert</i> , a média das respostas é de 2,94 .					
TOMADA DE DECISÃO E INFORMAÇÃO					
5. Na sua opinião os sócios participam nos momentos de tomada de decisão?	4	21	24	15	1
A maioria dos inquiridos revela que só ocasionalmente participa nos momentos de tomada de decisão, logo seguido de raramente com um valor muito similar. A média de respostas é de 2,82 e revela que os sócios não participam ativamente nos momentos/processos de tomada de decisão.					
6. Participa nas reuniões para tomada de decisão sobre questões importantes?	18	28	11	5	3
Relativamente à participação dos inquiridos nas reuniões de tomada de decisão a maioria assume que nunca ou raramente participa nestes momentos. Resta agora compreender se tal acontece porque as organizações não criam oportunidades para que os sócios possam participar, ou se são estes que não se querem implicar verdadeiramente nos processos de tomada de decisão. A média nesta resposta ronda os 2,18 .					

7. Nos momentos de tomada de decisão:					
7.1. Apenas escuta as informações dadas?	6	17	22	13	7
Nos momentos de tomada de decisão, a maioria dos inquiridos prefere ter uma atitude mais passiva e escutar apenas as informações dadas sem interferir. A maioria respondeu ocasionalmente, a esta questão. A média das respostas é de 2,97 .					
7.2. Participa mas apenas se lhe perguntarem diretamente?	14	16	15	13	7
Nos momentos de tomada de decisão, a maioria dos inquiridos responde que raramente participa só quando questionado, o que demonstra que mesmo com algum constrangimento a maioria intervém quando considera pertinente. Se utilizarmos a relação quantitativa da escala de <i>Likert</i> , a média das respostas é de 2,74 .					
7.3. Dá a sua opinião de forma espontânea e sempre que considera pertinente?	20	7	17	14	7
Nos momentos de tomada de decisão, a maioria dos inquiridos nunca dá a sua opinião espontaneamente. Pode então concluir-se que os sócios demonstram uma atitude pouco interventiva e pouco implicada nos trabalhos associativos. No entanto, há um número quase idêntico que responde que ocasionalmente manifesta a sua opinião nestes momentos. Apenas sete, dos sessenta e cinco inquiridos, afirma que dá a sua opinião muito frequentemente, nestes momentos, ou seja, uma percentagem mínima, pouco superior a 10%. A média desta resposta é de 2,71 .					
7.4. Dá a sua opinião e propõe soluções?	20	15	16	8	6
À semelhança das respostas da questão anterior, nos momentos de tomada de decisão a maioria dos inquiridos nunca ou raramente dá a sua opinião, nem propõe soluções espontaneamente. No entanto, a escala do ocasionalmente aproximam-se do nunca, o que reflete o fraco envolvimento dos sócios em questões importantes quer das associações quer da comunidade, rejeitando a responsabilidade de tentar encontrar soluções viáveis para a melhorar. Apenas 6 sócios, ou seja, cerca de 10% o faz com muita frequência. A média, desta questão, é de 2,46 .					
8. A organização valoriza/promove a participação dos sócios nos momentos de tomada de decisão?	2	13	28	19	3

Relativamente a esta questão, a maioria dos inquiridos responde o nível médio, ou seja, referem que a organização valoriza/promove ocasionalmente a participação dos sócios nos momentos de tomada de decisão. No entanto, o número de repostas de frequente e muito frequentemente é superior que o número de respostas negativas. Pode assim deduzir-se que os sócios consideram que as organizações valorizam e tem em consideração as suas opiniões, promovendo o seu envolvimento nestes momentos. Se utilizarmos a relação quantitativa da escala de *Likert*, a média das respostas é de **3,12**.

9. As ideias/soluções propostas pelos sócios são levadas em consideração pela equipa de liderança? 1 12 24 24 4

Relativamente a esta questão pode depreende-se que os inquiridos consideram que frequentemente para as equipas de liderança das organizações, as ideias e soluções propostas pelos(as) sócios(as) são viáveis. Este facto traduz a existência de equipas de liderança com orientação democrática, na medida em que têm em consideração as propostas e perspetivas dos (as) associados(as). A média de resposta é de **3,28**.

10. As decisões são tomadas de acordo com a maioria? 0 7 13 36 9

Mais uma vez, de acordo com a análise de dados desta resposta, identifica-se que o estilo de liderança das entidades é democrática, uma vez que mais de metade dos inquiridos menciona que frequentemente as decisões são tomadas de acordo com a maioria, havendo portanto espaço ao diálogo e partilha no momento das decisões. A média a esta pergunta é bastante favorável, de **3,72**.

11. A organização informa os seus sócios de todas as ações que desenvolve (atividades, horários, destinatários, alterações, etc.)? 0 2 8 22 33

Metade dos sócios inquiridos responde que a organização informa, muito frequentemente, os seus sócios de todas as ações que desenvolve (atividades, horários, destinatários, alterações, etc.). O segundo maior nível de respostas desta questão foi no nível quatro, ou seja, frequentemente

Nenhum sócio responde nunca, o que revela que as organizações conseguem transmitir todas a informação necessária e de forma adequada. A média, a esta pergunta é de **4,32**.

12. A organização divulga as ações que desenvolve de forma adequada? 0 4 7 30 24

A maioria dos inquiridos responde favoravelmente, sendo que 24 inquiridos respondem que organização divulga as ações que desenvolve de forma adequada, muito frequentemente. Logo seguido do frequentemente com 30 respostas. Estes dados refletem que os mecanismos desencadeados pelas organizações no sentido de divulgar as suas ações estão a ser bem-sucedidos. Se utilizarmos a relação quantitativa da escala de *Likert*, a média das respostas é de **4,14**.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

13. As atividades promovidas pela organização vão ao encontro dos seus interesses/necessidades? 1 15 23 23 3

Relativamente às atividades promovidas, a maior parte dos inquiridos tem uma opinião positiva, considerando que as atividades vão ao encontro dos seus interesses. 23 inqueridos respondem ocasionalmente, assim como frequentemente. A média desta resposta é de **3,18**.

Tendo em consideração a análise das questões 8, 9 e 10 na medida em que a opinião dos(as) sócios(as) é valorizada e promovida no seio das organizações, parece natural que as atividades promovidas vão ao encontro dos seus interesses.

14. As atividades promovidas pela organização vão ao encontro dos interesses/necessidades da maioria dos seus 1 7 20 32 5

Cerca de metade dos inquiridos considera que as atividades promovidas pela organização vão, frequentemente ao encontro dos interesses/necessidades da maioria dos seus(as) associados(as). Este facto revela que há um comprometimento por parte das associações em satisfazer necessidades identificadas, tentando, para isso, adaptar a oferta aos interesses dos públicos. A média de respostas é de **3,51**.

15. Os sócios participam no diagnóstico dos problemas / necessidades? 3 23 31 7 1

Nesta resposta quase metade dos inquiridos referiu que só ocasionalmente os(as) sócios(as) participam no diagnóstico dos problemas / necessidades. 26 dos inquiridos dão uma opinião menos positiva, o que revela que os(as) associados(as) não têm uma participação muito significativa nesta fase de identificar os problemas ou necessidades da comunidade, as suas próprias necessidades. A média de respostas é de **2,72**.

16. Os sócios participam na definição/escolha das atividades? 5 16 37 7 0

Aqui mais de metade dos inquiridos refere que ocasionalmente participam na definição/escolha das atividades. No entanto, a segunda maioria é uma resposta menos favorável, em que 16 sujeitos referem que raramente participam na definição das atividades. Considerando as respostas anteriores favoráveis relativamente à valorização e promoção, por parte da organização, da participação dos(as) sócios(as) nos momentos de tomada de decisão, parece que neste ponto são os(as) próprios(as) sócios(as) que não demonstram interesse em ser parte ativa nos processos de tomada de decisão.

17. Os sócios são ouvidos relativamente a impacto das atividades (se estão a correr bem, o que é necessário alterar, etc.)? 0 21 26 17 1

Mais uma vez a resposta intermédia predomina, com 26 respostas. Isto é, referem que os(as) sócios(as) são ocasionalmente ouvidos relativamente a impacto das atividades (se estão a correr bem, o que é necessário alterar, etc.), sendo que apenas 17 afirmam ser ouvidos frequentemente. Tendo em consideração a importância destes momentos para reajustar ou alterar os projetos/ações em curso, estes números poderão explicar alguns problemas que vêm surgindo no decorrer das atividades. A média nestas respostas é de **2,97**.

18. Participar nas atividades promovidas pela organização contribui para a melhoria das suas competências pessoais (autoestima, confiança, sentido critico, etc.)? 8 14 20 15 8

Nesta resposta, as opiniões estão muito equilibradas. 20 dos inquiridos referem que participar nas atividades promovidas pela organização contribui para a melhoria das suas competências pessoais (autoestima, confiança, sentido critico, etc.). Os restantes, cerca de metade, têm um parecer mais favorável, considerando que frequentemente sente as suas competências pessoais melhoradas.

A média, nestas respostas é de **2,86**.

Assinale com um x as suas respostas	Muito inadequada	Inadequada	Adequada	Muito adequada
---------------------------------------	------------------	------------	----------	----------------

ESTRUTURA DE LIDERANÇA

19. Como considera a liderança exercida pelos responsáveis da organização? 0 10 43 12

<p>Ao nível das estruturas de liderança a opinião dos inquiridos é favorável, uma vez que a maioria considera adequada ou muito adequada, <u>numa escala máxima de 4</u>. Nenhum dos inquiridos atribui a escala mais baixa, de muito inadequada. Este aspeto demonstra que os(as) sócios(as) reconhecem capacidade de liderança aos responsáveis das organizações e confiança no trabalho que desenvolvem. A média a esta questão é de 3,03.</p>				
<p>20. Como considera a ação da organização no sentido de representar os seus interesses (por ex: junto de estruturas de poder local/regional)?</p>				
	1	12	45	7
<p>A maioria dos inquiridos considera adequada a ação da organização no sentido de representar os seus interesses (por ex: junto de estruturas de poder local/regional) .Sete consideram-na mesmo muito adequada. A média desta resposta é de 2,89.</p>				
Assinale com um x as suas respostas	Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante
RECONHECIMENTO				
<p>21. Qual a importância que tem para si ser sócio desta organização?</p>				
	1	12	38	14
<p>Apenas um inquirido refere que para si não é nada importante ser sócio(a) da organização pela qual responde. A maioria, cerca de 52 inquiridos, considera importante e muito importante ser membro da organização. A média desta resposta é de 3.</p>				
<p>22. Qual a importância que atribui à existência desta organização na sua comunidade?</p>				
	0	1	34	30
<p>Relativamente a esta questão, a maioria dos inquiridos sente que as organizações são importantes ou muito importantes na comunidade, tendo em atenção que mesmo que a associação não seja assim tão importante para o inquirido, este reconhece a sua importância e o seu papel no seio da comunidade. A média a esta resposta é de 3,45.</p>				
<p>23. Na sua opinião, qual é a importância que a comunidade atribui à existência desta organização?</p>				
	1	6	36	22
<p>Segundo este resultado os inquiridos consideram que o coletivo reconhece importância à existência das organizações na comunidade. A média, a esta resposta é de 3,22.</p>				

Tabela 5 – Total de respostas dos Inquiridos por Questionário

De uma forma geral constata-se que as questões com valores mais baixos estão relacionadas com o ganho de poder e participação nos momentos de tomada de decisão, com a valorização social, com a capacidade de opinar e propor soluções, com a participação no diagnóstico dos problemas/necessidades e na definição das atividades. Relativamente às respostas com valores superiores encontram-se as questões relacionadas com as estruturas de liderança e reconhecimento, assim como com a informação das atividades e sua adequada divulgação, como sintetiza a tabela 5.

A maioria das respostas são favoráveis por apresentarem uma média igual ou superior a 2,5 no caso da aplicação da escala de *Likert* de 5 pontos, e uma média igual ou superior a 2 no caso da aplicação da escala de *Likert* de 4 pontos. Desta forma, na tabela 5, no campo percentagem %, apresenta-se a percentagem total dos inquiridos que respondem afirmativamente (ocasionalmente, frequentemente e muito frequentemente; adequada e muito adequada; importante e muito importante), ou negativamente (nunca e raramente; muito inadequada e inadequada; nada importante e pouco importante) consoante a média de cada questão seja favorável ou desfavorável, respetivamente.

As questões 2.1., 2.2., 2.3., 2.4., 2.5., 2.6., 7.1. e 7.2., apresentam médias baixas mas, tendo em consideração a forma como as questões foram colocadas, nestes casos concretos, é positivo que assim seja.

Nº Questão	Valor escala Likert	Percentagem %	Nº Questão	Valor escala Likert	Percentagem %
Motivação pessoal (Escala Likert 1 – 5 pontos)			8.	3,12	76,9%
1.	3,06	75,4%	9.	3,23	80%
2.1.	3,14	69,2%	10.	3,72	89,2%
2.2.	2,54	53,8%	11.	4,32	96,9%
2.3.	2,48	46,2%	12.	4,14	93,8%
2.4.	2,22	61,5%	Atividades desenvolvidas (Escala Likert 1 – 5 pontos)		
2.5.	2,40	55,4%	13.	3,18	75,4%
2.6.	1,66	85,2%	14.	3,51	87,7%
3.1.	1,88	75,4%	15.	2,72	60%
3.2.	3,05	73,8%	16.	2,71	67,7%
3.3.	2,68	55,4%	17.	2,97	67,7%
3.4.	3,18	75,4%	18.	2,86	66,2
3.5.	3,75	92,3%	Estrutura de liderança (Escala Likert 1 – 4 pontos)		
4.	2,94	69,2%	19.	3,03	84,6%
5.	2,82	61,5%	20.	2,89	80%
6.	2,18	70,8%	Reconhecimento (Escala Likert 1 – 4 pontos)		
7.1.	2,97	64,6%	21.	3	80%
7.2.	2,74	53,8%	22.	3,45	98,5%
7.3.	2,71	58,5%	23.	3,22	89,2%
7.4.	2,46	53,8%			

Tabela 6 – Médias das questões dos Inquéritos por Questionário, segundo a escala de *Likert*

4.3 Cruzando dados...

Neste ponto pretendem cruzar-se as informações recolhidas nas entrevistas semiestruturadas com as alcançadas através da interpretação e análise dos inquéritos por questionário, comparando e refletindo sobre as perceções de todos os intervenientes (dirigentes e sócios). O propósito é o de alcançar consensos que permitam: 1) vislumbrar um cenário fiel da realidade em estudo, nomeadamente do papel das associações locais de S. Sebastião da Giesteira enquanto possíveis impulsionadores do desenvolvimento comunitário, e 2) aferir se, neste intento de gerar mudanças sociais, as organizações assentam a sua ação em processos de *empowerment*, passíveis de operar transformações profundas nos indivíduos.

No que respeita à participação dos sócios nas ações dinamizadas pelas associações, 75,4% dos sócios refere que participa nas mesmas, embora destes 41,5% afirmem que participam apenas ocasionalmente, facto coincidente com opinião manifestada pelos dirigentes das associações. Com efeito, estes declaram algumas vezes durante as entrevistas que é frequente existir uma fraca adesão às atividades.

“(...) um dos nossos principais problemas é conseguir ter público alvo que faça... pronto, que seja viável executar algumas atividades” (Entrevistado 4, 2020).

Neste caso os dirigentes das associações demonstram **consciência crítica organizacional** e refletem sobre esta questão, demonstrando vontade de compreender estes fenómenos de não participação nas atividades promovidas na freguesia.

“(...) é como ver o copo meio cheio ou meio vazio. Quer dizer, às vezes não percebo se as pessoas não vão porque acham mal organizado, se quem está não organiza bem porque já sabe que pouca gente vai vir... (...) Não sabemos bem se as pessoas querem ou não querem, ou se nós é que não dinamizamos ou dinamizamos bem.” (Entrevistado 3, 2020).

Neste ponto, 87,7% dos inquiridos revela igualmente **consciência crítica individual** ao considerar que as atividades promovidas pelas organizações vão ao encontro dos interesses e necessidades dos seus associados, e apresentam a falta de tempo (69,2%) como um dos principais motivos para justificar a sua fraca participação. Neste aspeto, também os dirigentes

afirmam desenvolver a sua ação sempre na tentativa de ir ao encontro das necessidades e expectativas do seu tecido associativo, de uma forma concreta, e da comunidade, no geral. Outra razão apontada pelos inquiridos (cerca de 46,2%) para justificar a sua fraca participação nas atividades desenvolvidas pelas associações é o facto de serem sempre as mesmas pessoas a representar as associações e a desenvolver atividades sempre muito similares a anos anteriores. Relativamente a esta situação os dirigentes referem que a população manifesta muita relutância em pertencer às estruturas de liderança das associações locais, o que leva a que as mesmas pessoas se perpetuem nas lideranças num ciclo de repetição de hábitos e ideias do qual frequentemente é difícil escapar.

“Eu não sei se é isso, se é o pessoal que começa a tar farto ou já tá há muito tempo nas instituições, começa a tar... começa a faltar-lhe também alguma capacidade de... de dinamização das coisas... De inovação, né? Quanto mais capacidade de inovação tiver mais gente tem nas atividades” (Entrevistado 3, 2020).

Cerca de 75,4% dos inquiridos sentem que participar nas ações dinamizadas pelas associações contribui para uma crescente **valorização pessoal consistente com o desenvolvimento das suas competências**. Da mesma forma, 92,3% dos auscultados refere que o convívio **cria ou fortalece laços** com outros indivíduos e é a consequência mais direta da participação nas atividades desenvolvidas, num reflexo claro do género de atividades preferenciais dos associados. Na verdade, é através da socialização que se constrói a identidade social, numa correlação de perceções sobre si próprio, sobre o outro, sobre o papel de cada um, e sem a qual os sujeitos não se integram plenamente.

“(...) por exemplo, quando é alguma festa ou algo assim do género as pessoas aparecem, mas quando... quando é... quando se trata, por exemplo de um debate sobre algum... algum tema da atualidade, as pessoas simplesmente não aparecem!” (Entrevistado 5, 2020).

Por outro lado, além dos benefícios pessoais que possam obter por ser membro de determinada associação, 73,8% dos inquiridos manifestam sentido de **responsabilidade coletiva**, na medida em que referem conscientemente que ao participar nas dinâmicas associativas beneficiam a comunidade.

Embora cerca de 76,9% dos inquiridos considere que as organizações valorizam e promovem a participação dos sócios nos momentos de tomada de decisão, apenas 29,2% destes afirmam

participar efetivamente nos momentos decisórios, o que evidencia que são os próprios a não querer ser parte ativa nestes processos de partilha da responsabilidade e ação coletiva. Na verdade, mais de metade dos inquiridos (53,8%) assume que não manifesta a sua opinião nem propõe soluções para problemas concretos das organizações e da comunidade, inviabilizando, ou dificultando, que se encetem ações concertadas, produzidas e enriquecidas com as contribuições de todos os intervenientes locais. Este facto, permite antever que de uma maneira geral, **a maioria dos sócios não manifesta capacidade individual para participar nos processos de tomada de decisão.**

Também de forma consistente com a opinião dos dirigentes, 89,2% dos inquiridos considera que as organizações exercem uma liderança democrática, que valoriza e promove a opinião e a participação dos sócios.

“Então, quem as define são os elementos da direção há... mas a decisão nós temos sempre uma Assembleia, pelo menos uma Assembleia Geral Ordinária em que todos os sócios poderão ou não aprovar o plano de atividades anual há... e depois atão fica aprovado ou não. Qualquer membro da direção ou até qualquer sócio tem...pode...pode... sugerir, mostrar-se contra, mostrar-se a favor, somos... temos abertos sempre a opiniões...” (Entrevistado 4, 2020).

Esta participação de que se fala respeita também o processo de diagnóstico dos problemas e definição das atividades. De facto, se as ações levadas a cabo pelas organizações procuram suprimir necessidades sentidas pelos seus sócios e comunidade, não é exequível que estes não sejam implicados nestes momentos fundamentais que podem determinar o êxito ou fracasso dos projetos. Igualmente importante é a necessidade de apurar o impacto que as atividades estão a ter junto dos seus públicos-alvo (cerca de 67,7% dos inquiridos referem que são ouvidos relativamente ao impacto das ações), de forma a reajustá-las sempre que assim se justifique. Dois aspetos fundamentais no desígnio do desenvolvimento comunitário.

Outro ponto abordado nas entrevistas semiestruturadas refere-se à questão dos mecanismos de difusão da informação e divulgação das atividades, que os entrevistados consideram estar a funcionar plenamente. Facto que os inquiridos corroboram ao atingir-se uma percentagem de concordância superior a 90%. Os métodos utilizados por ordem de preferência são: redes sociais, cartazes colocados em locais estratégicos e comunicados entregues porta a porta (especialmente utilizados com a população mais envelhecida).

“Pronto, nós temos uma página de Facebook, onde divulgamos todas as atividades, com alguma antecedência, vamos criando eventos, colocamos cartazes em todos

os locais, pronto, públicos e... e alguns privados, como... pronto, todos os cafés e... e todas as mercearias da aldeia hã... mandamos algumas mensagens também entre nós, e pronto e depois... no boca a boca vamos avisando as pessoas (...) e incentivá-las a participar” (Entrevistado 5, 2020).

Relativamente às estruturas de liderança das associações locais, 84,6% dos inquiridos considera que os responsáveis das organizações exercem uma boa liderança, e 80% que apresentam uma ação eficaz na representação dos interesses dos seus associados junto das estruturas de poder. Situação igualmente expressada pelos representantes das associações que, de forma unânime, sentem que fazem o melhor que conseguem em prol do bem comum, e que os sócios reconhecem esse esforço e empenho.

“(...) sinto que confiam em mim hã... (...) Se calhar também porque já dei algumas provas de que... podem confiar em mim para estar à frente da Associação, isso p’ra mim é... um grande... grande orgulho. (...) até gostam da minha maneira de ser assim, porque sinto-me acarinhado depois por eles” (Entrevistado 4, 2020).

Quanto ao reconhecimento das organizações, os entrevistados consideram que os sócios e a população no geral reconhecem a sua importância na comunidade e o seu papel fundamental enquanto gerador de algumas dinâmicas sociais. Sentimento idêntico manifestam 98,5% dos inquiridos que consideram que as organizações são importantes na comunidade e 89,2% que percebem que a para a restante população também seja.

4.4. Conclusões e linhas futuras

Após a análise e reflexão dos dados recolhidos conclui-se que todas as ações dinamizadas pelas associações alvo deste estudo pretendem de uma forma concreta beneficiar diretamente os sócios e participantes nas atividades, e de uma forma implícita sempre a comunidade. Desta forma, e embora a nível teórico os entrevistados não demonstrem estar familiarizados com o conceito *empowerment*, na prática (resultado também da experiência associativa) verificam-se processos de *empowerment*, em alguns casos bastante eficazes.

Relativamente ao *empowerment* individual (individual e intrapessoal) constata-se que:

- ▶ existe um melhoramento significativo da autoestima dos participantes associado a uma maior confiança nas suas competências;
- ▶ existe consciência crítica individual perceptível através da análise e reflexão da realidade social. Mesmo em situações em que a participação dos sócios não é tão relevante, estes revelam bom senso, analisando e avaliando de forma concreta e justa a intervenção social;
- ▶ existe aquisição de competências por parte dos públicos-alvo para participar nas ações promovidas, embora não raras vezes a adesão às atividades seja mais reduzida que o expectável;
- ▶ verifica-se a participação dos indivíduos, numa clara passagem de uma atitude passiva a ativa, acompanhada por algum ganho de capacidade para expressar opiniões e pontos de vista. Porém, os níveis de participação dos públicos alvo nos momentos decisórios é ainda reduzida;

Quanto ao *empowerment* organizacional (formal) verifica-se que:

- ▶ existe reconhecimento por parte dos membros das organizações e da própria população da importância das associações locais na comunidade;
- ▶ existe consciência crítica organizacional. Os dirigentes e técnicos analisam e refletem sobre a intervenção social, num intento de melhorar a prática;
- ▶ existe uma inequívoca aquisição e melhoramento de competências das estruturas de liderança;
- ▶ verifica-se a participação das organizações na vida comunitária através das atividades que promovem, e/ou da participação em atividades promovidas por outras organizações.

No que respeita ao *empowerment* comunitário (substantivo) verifica-se que:

- ▶ existe uma comunicação clara e transparente entre as estruturas de liderança, sócios e população em geral. A informação circula de forma positiva, e existe entre organizações

e comunidade um ambiente favorável à livre expressão e adesão a novas ideias e sugestões;

- ▮ verifica-se capital comunitário porquanto os públicos-alvo se identificam com os projetos desenvolvidos, manifestando sentimento de pertença e orgulho na terra e nas organizações às quais pertencem;
- ▮ verifica-se consciência coletiva, nomeadamente das forças da comunidade, unindo-se frequentemente esforços em prol do bem coletivo;
- ▮ existe participação nas atividades, que através do reforço de laços de amizade e solidariedade, contribuem para uma participação em crescendo.

É possível, então, reconhecer que as ações desencadeadas pelas associações em estudo baseiam-se nos princípios do *empowerment* e geram transformações internas e externas, individuais e coletivas nos indivíduos. Estas transformações traduzem-se num melhoramento da participação efetiva dos intervenientes locais, dotando-os, de autonomia e independência para que, por um lado, controlem as circunstâncias concretas das suas vidas e, por outro lado, se assumam como intervenientes ativos e realmente implicados na comunidade. Com poder para escolher e para participar nos processos decisórios.

Pode, então, concluir-se que a médio/longo prazo os processos de *empowerment* encetados pelas organizações locais vão ao encontro do propósito de desenvolvimento comunitário, do qual o *empowerment* comunitário é um elemento central. Especialmente, se considerar-se o incentivo à participação política dos indivíduos, através do planeamento e execução de ações que procuram solucionar problemas que se colocam coletivamente.

Contudo, importa frisar três aspetos referidos nas entrevista semiestruturadas e alcançados através da análise dos inquéritos por questionário, que poderão contribuir para melhorar o impacto das ações:

- Avaliar as ações/projetos: permite medir o impacto das atividades e dessa forma, facilita adaptações e reestruturações sempre que se verifique que os objetivos não estão a ser alcançados;
- Inovar: a inovação social é uma questão fundamental principalmente em meio rural quando, inevitavelmente, existe repetição de pessoas nas lideranças, e também de participantes. Urge,

assim, incluir novos elementos nas estruturas que representam as organizações, com novas ideias, outros conhecimentos e trajetórias de vida diferentes. Compensar as estruturas de poder. Bem como, aceitar o desafio de correr riscos e experimentar ideias “*fora da caixa*” pois, talvez desta maneira possa existir a captação de outros públicos. Porém, não se pode descurar o facto desta ser uma comunidade sobretudo envelhecida, com crenças e costumes enraizados, e frequentemente adversa à mudança;

- Continuar o trabalho de capacitação e motivação dos indivíduos no sentido de participarem nos momentos decisórios. É fundamental para construção coletiva de soluções viáveis que contribuam para a melhoria de vida da comunidade onde se inserem.

Considerações finais

Este estudo possibilitou a aproximação da teoria à prática, embora os processos de desenvolvimento comunitário e de *empowerment* sejam complexos e requeiram tempo para se verificarem. Por vezes, os resultados não são os esperados, e frequentemente são mais morosos que o desejável. A intervenção comunitária tem inúmeras potencialidades e não é estática, antes dinâmica, por derivar da interação constante de vários fatores que impossibilitam que o caminho em construção seja linear e previsível.

Com efeito, este caminho desenha-se a partir das necessidades sentidas pela comunidade, e também as soluções encontradas devem resultar de uma ação coletiva, de forma a beneficiar a maioria da população.

Naturalmente os espaços rurais, enquanto zonas menos populosas, com ausência ou escassez de serviços e equipamentos essenciais, são frequentemente consideradas regiões-problema, e por isso reclamam novas dinâmicas locais que permitam contrariar essa tendência. De facto, esta investigação permitiu verificar que as associações locais em S. Sebastião da Giesteira têm um papel imprescindível ao atuar enquanto ponte que aproxima o indivíduo e a comunidade, impulsionando e facilitando a participação dos intervenientes locais na sua comunidade. Verificam-se, portanto, processos de *empowerment* inerentes à intervenção comunitária, apesar de aqui não só importar a capacitação dos sujeitos, como também a criação de ambientes favoráveis para que essa capacitação se manifeste.

Com efeito, a participação é um aspeto crucial, por se considerar que é através da socialização, da solidariedade e dos laços comunitários que os sujeitos estabelecem entre si, que se desencadeiam processos de integração efetiva. Só participando nos processos de mudança social que a própria participação estimula, os sujeitos poderão compreender profundamente a utilidade da intervenção comunitária, gerindo e potenciando a diversidade da comunidade.

Neste sentido, destaca-se a importância do trabalho colaborativo, enquanto estratégia de intervenção que rentabiliza recursos, promove a união de esforços e aumenta a possibilidade de encontrar soluções mais criativas e inovadoras.

Efetivamente, perante a pluralidade de situações sociais que caracterizam a realidade social, o educador social surge como uma pessoa capacitada para facilitar a interação e a integração dos indivíduos no meio, assim como encetar projetos de desenvolvimento comunitário que,

suportando-se em metodologias participativas, aumentam as probabilidades de serem devidamente implementados e, por conseguinte, ter um impacto considerável na comunidade. A correta construção dos projetos é de extrema importância e, neste caso concreto, passaria por 1) partir das necessidades sentidas e identificadas pela população; 2) derivar da participação ativa da população; 3) estabelecer redes de cooperação e 4) abranger a globalidade da comunidade e não apenas uma parcela da população.

No decurso desta investigação constatou-se que quem representa as associações locais de S. Sebastião da Giesteira experiencia um misto de sentimentos, por vezes contraditórios, desde o orgulho no compromisso assumido de querer contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes da aldeia, como na sensação incontornável de trabalho inglório, por um lado por às vezes não corresponder às expectativas, e por outro porque é sempre resultado de um abdicar de tempo e projetos pessoais dos dirigentes.

Considera-se, portanto, que este estudo atingiu os objetivos inicialmente propostos. Apurou-se que as ações promovidas pelo tecido associativo de S. Sebastião da Giesteira geram processos de *empowerment* em todos os intervenientes envolvidos, embora na prática não exista uma preocupação real com a capacitação dos intervenientes, mas somente a tentativa de: criar algo que vá ao encontro das necessidades dos sócios (e da comunidade) e que constitua uma resposta concreta a problemas específicos; e de estimular a sua participação. A capacitação dos indivíduos é algo que surge como consequência indireta da dinamização das ações.

Outra interrogação deste estudo prendia-se com a necessidade de compreender de que forma os sócios percecionavam o papel das instituições locais na comunidade, assim como a sua própria participação nas ações por elas dinamizadas. Este é um ponto cujos resultados ficaram aquém do esperado por não permitirem retirar conclusões objetivas. Se por um lado, os resultados dos inquéritos por questionário demonstram que os sócios reconhecem importância às organizações tanto para si mesmos, como para a comunidade. Por outro lado, os sócios revelam baixos níveis de participação nas ações promovidas. Mas porquê? Que obstáculos existem e que condicionam a participação dos sócios nos projetos levados a cabo? Esta seria, com certeza, uma questão bastante interessante e pertinente a explorar-se de forma mais profunda futuramente. Ainda neste ponto surge, de igual forma, a necessidade de alcançar uma melhor compreensão acerca da relutância demonstrada pelos sócios relativamente à sua participação nos momentos de tomada de decisão. Com efeito, as conclusões retiradas quer dos inquéritos por questionário, quer das entrevistas semiestruturadas demonstram que estão criadas as condições necessárias e os ambientes favoráveis para que os sócios expressem as

suas opiniões e pontos de vista e participem de forma efetiva nos vários momentos de construção das soluções, embora tal não se verifique.

Esta investigação demonstrou que as associações locais desempenham, indiscutivelmente, um papel fundamental ao imprimirem um certo dinamismo à comunidade e gerarem algumas mudanças sociais. Contudo, após este caminho percorrido, parece-nos que talvez se pudesse ter atribuído uma ênfase maior à população. Talvez, apenas quando a população, eventualmente apoiada por estruturas formais de liderança, se apropriar do poder para decidir e agir se observarão as necessárias transformações sociais conseguidas mediante ação coletiva. Esta seria uma linha orientadora que talvez enriquecesse bastante este trabalho mas que no início deste percurso ainda não se afigurava tão clara como agora...

Na verdade, existem muitas dúvidas e interrogações relativamente às práticas, mas fica a certeza que para mudar a realidade é necessário questioná-la, e isso torna a intervenção social aliciante!

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, J. A. G. (1995). Michel Foucault e a teoria do poder. *Tempo Social*: vol.7, pp.105-110.
- Alves, J. E. (2002). Património rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais. Dissertação de Mestrado em Cidade, Território e Requalificação. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, Portugal.
- Alves, J. E. (2015). *Património Rural e Desenvolvimento no Alentejo – Do Discurso Institucional às Dinâmicas Locais*. Lisboa: Nota de Rodapé Edições.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Capul, M. & Lemay, M. (2003). *Da Educação à Intervenção*. Porto: Porto Editora.
- Carmo, H. (2007). *Desenvolvimento Comunitário (2ª ed.)*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, A. D. & Baptista, I. (2004). *Educação Social, Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Castilho, M. et al. (2009). Cultura e identidade: os desafios para o desenvolvimento local no assentamento Aroeira, Chapadão do Sul, 10,159-169.
- Cavaleri, I.C. (2017). *Processos de Empowerment no contexto da intervenção social: um estudo comparativo*. Dissertação de Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Cordovil, F (coord.) & Rosa, M. (coord.)(1997). *Desenvolvimento Rural, Novas Realidades e Perspetivas*. Lisboa: Direção Geral de Desenvolvimento Rural.
- Costa, A. F. (2012). Desigualdades Globais. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 9-32.
- Díaz A. S. (2006). Uma aproximação à Pedagogia – Educação Social. *Revista Lusófona de Educação*, 7, 91-104.
- Dicionário de Língua Portuguesa, Porto Editora, 2013.
- Guerra, I. (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Ação – O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia.
- IPAD - Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (2010-2015). *Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento*. Lisboa.
- Lima, R. S. (2008). Os desafios da Responsabilidade Social Empresarial na relação com o Empowerment Comunitário: Um estudo de caso da Favela do Jardim Colombo, na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, Campinas, Brasil.
- Lopes, M. S. (2008). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Gráfica do Norte.
- Monteiro, G. G. (2008). *Empowerment – Uma estratégia de luta contra a pobreza e a exclusão social em Cabo Verde – o caso de Lajedos*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais: Análise e Gestão. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, Portugal.
- Oliveira, G. B (2002). *Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento*. Revista FAE, Curitiba, vol.5, 2, 37-48.
- Serrano, G. P. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais – Casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- Serrano, G. P. (1994). *Técnicas de Investigación en Educacion Social, Perspectiva Etnográfica* In Carreras, J. S. (coord.). *El Educador Social (277-311)*. Murcia: Universidad de Murcia.
- Pinto, C. (2011). Representações e práticas do Empowerment nos trabalhadores sociais. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais na especialidade de Política Social. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.

PNUD – Relatório do Desenvolvimento Humano 2015

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ribeiro, J. S. (2003). *Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia*. Lisboa: Universidade Aberta.

Robertis, C. (org.) et al. (2019). *A intervenção social de interesse coletivo*. Porto: Porto Editora.

Robertis, C. (2011). *Metodologia da Intervenção em Trabalho Social*. Porto: Porto Editora.

Romano, J. & Antunes, M (Org.) (2002). *Empoderamento e Direitos no Combate à Pobreza*. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil.

Rotger, A. P. (1994). *Educacion social y perfil del educador/a social*. In Carreras, J. S. (coord.). *El Educador Social* (165-213). Murcia: Universidad de Murcia.

Sadan, E. (2004). *Empowerment and Community Planning. Theory and Practice of People-Focused Social Solutions*. (Translated from Hebrew by Richard Flantz). Tel Aviv: Hakibbutz Hameuchad Publishers [in Hebrew].

Santos, T.M.A. (2017). *Desenvolvimento Local em Tempos de Globalização- o caso do Parque Natural dos Tarrafes do Rio Cacheu (Guiné - Bissau)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Economia do Trabalho: Inteligência Económica e Cooperação no Espaço Lusófono. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Lisboa, Portugal.

Documentos on-line

Alves, D. (2017). *Métodos, instrumentos e técnicas de recolha de dados*. Acedido a 20 de Fevereiro de 2020 em: <https://cienciaeeducacao.wordpress.com/2017/11/24/metodos-instrumentos-e-tecnicas-de-recolha-de-dado/>

Bulgacov, S. (1998). *Estudos Comparativos e de Caso de Organizações e de Estratégias*. Acedido a 14 de Março de 2020 em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/10375/7394>

Carmo, H. (2001). *A actualidade do desenvolvimento comunitário como estratégia de intervenção social*. In *Actas da 1ª conferência sobre desenvolvimento comunitário e saúde mental*, ISPA. Acedido a 11 de janeiro de 2020 em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1853/1/2001-A%20actualidade%20do%20DC%20como%20estrat%3%a9gia%20de%20interven%3%a7%3%a3o%20social-1SPA.pdf>

Costa, Z. & Silva, C. (20018). *Lógicas do Empowerment Comunitário e Capital Social em Suco Biqueli, Ataúro, Dili, Timor-Leste*. In *Desenvolvimento e Sociedades* nº 4. Acedido a 5 de fevereiro de 2020 em: http://www.revistas.uevora.pt/index.php/desenvolvimento_sociedade/article/view/294/538

Duarte, V. (n.d.). *Pesquisas: Exploratória, Descritiva e Explicativa*. Acedido a 14 de Março de 2020 em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/pesquisas-exploratoria-descritiva-explicativa.htm>

Fazenda, I. (n.d.). *Empowerment e Participação, uma Estratégia de Mudança*. Acedido a 5 de outubro de 2019 em: <http://www.cpihts.com/PDF/EMPOWERMENT.pdf>

Ferrão, J. (2000). *Relações entre Mundo Rural e Mundo Urbano: Evolução histórica, Situação atual, e Pistas para o futuro*; *Sociologia – Problemas e práticas*, nº 33. Acedido a 5 de novembro de 2019 em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-6529200000200003

Ferreira, B.& Rita, R. (2017). *Evolução do(s) conceito(s) de Desenvolvimento. Um roteiro Crítico*. *Cadernos de Estudos Africanos* nº 34. Acedido a 7 de novembro de 2019 em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-37942017000200006

Fontanella, B. et al. (2011). *Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica*. *Cad. Saúde Pública*, 27(2):389.394. Acedido a 14 de abril de 2020 em: <https://www.scielosp.org/pdf/csp/2011.v27n2/388-394/pt>

Fragoso, A. (2005). *Desenvolvimento Participativo: uma sugestão de reformulação conceptual*. Acedido a 26 de novembro de 2019 em:

https://www.researchgate.net/publication/26465062_Desenvolvimento_Participativo_uma_sugestao_de_reformulacao_conceptual

Miranda, R. J. P. (s.d.). *Capítulo 3: Metodologia*. Acedido a 23 de outubro de 2019 em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5489/9/ulfc096328_3_metodologia.pdf

Nações Unidas. (s.d.). *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Nações Unidas - Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental. Acedido a 12 de novembro de 2019 em: <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>

Nunes, V. & Albino, L. (2008). *O Desenvolvimento Local e a Animação Sociocultural. Uma comunhão de princípios*. Acedido a 26 de novembro de 2019 em: <http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/ocho/Desenvolvimiento.pdf>

Oliveira, J. D. (2010). *O Conceito de Desenvolvimento: Origens, perspectivas e debates* (49-68). In Ordem, Instituições e Governança: uma análise sobre o discurso do desenvolvimento no Sistema ONU e a construção da ordem internacional. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Acedido a 11 de janeiro de 2020 em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16658/16658_1.PDF

Oliveira, G.B. (2002). *Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento*. Ver. FAE, Curitiba, v.5, n.2, 37-48. Acedido a 11 de janeiro de 2020 em: <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/477/372>

Orsi, S. D. (2009). *IDCR: Um Instrumento de Empoderamento para Apoiar o Desenvolvimento do Espaço Rural*. Acedido a 30 de outubro de 2019 em:

Pais & Gomes (2008). *O Espaço Rural no âmbito de Políticas de Desenvolvimento – O Caso do Pinhal Interior*. Colóquio Ibérico de Estudos Rurais: Cultura, Innovación y Territorio. Coimbra. Acedido a 3 de dezembro de 2019 em: http://sper.pt/oldsite/actas7cier/PFD/Tema%20VI/6_2.pdf

Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>

Silva, M. M. (1964). *Oportunidades do Desenvolvimento Comunitário em Portugal*. Acedido a 23 de outubro de 2019 em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1403/1/MS-AS-1964.pdf>

Silva, M. M. (1963). *Fases de um processo de Desenvolvimento Comunitário*. Acedido a 23 de outubro de 2019 em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224155768W1IYC0wp0LI9BR8.pdf>

APÊNDICES

APÊNDICE 1: MODELO GUIÃO DA OBSEVAÇÃO DO CAMPO

GRELHA DE OBSERVAÇÃO		
Instituição: _____		Data: _____
Local: _____		Hora: _____
Factos observados		Comentários
Dirigentes/ Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	
Participantes/ Utilizadores	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Capital comunitário 	

APÊNDICE 2: MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO

CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

Título do estudo: *Empowerment*: uma estratégia de desenvolvimento comunitário em meio rural – o caso de S. Sebastião da Giesteira.

Enquadramento: Esta pesquisa realiza-se no âmbito da dissertação intitulada “*Empowerment*: uma estratégia de desenvolvimento comunitário em meio rural – o caso de S. Sebastião da Giesteira”, do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Santarém.

Objetivo: Este estudo tem como objetivo geral perspetivar em que medida as ações dinamizadas por organismos locais podem assumir-se enquanto instrumento potenciador de desenvolvimento comunitário em meio rural, pela geração de processos de *empowerment* nos seus públicos alvo.

Procedimento: A recolha de dados será realizada mediante a realização de entrevista semiestruturada a dirigentes/técnicos das organizações e a aplicação de inquéritos por questionário aos sócios das organizações.

Voluntariedade: A participação no estudo é de carácter voluntário e está garantido o direito de, em qualquer momento, recusar participar no mesmo sem qualquer tipo de consequências. É garantida a confidencialidade das respostas, o gravador serve apenas para facilitar o trabalho posterior de transcrição. Depois de transcritas as gravações serão destruídas. As transcrições serão submetidas à análise de conteúdo com garantia de anonimato.

Declaro que: Aceito participar Não aceito participar

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) mestrando: _____

Consentimento verbal

Data: ___/___/___

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO POR 1 PÁGINA E FEITO EM DUPLICADO:
UMA VIA PARA O INVESTIGADOR, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE

APÊNDICE 3: GUIÃO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

DIRIGENTES/TÉCNICOS

1. Caracterização:

- a) Idade?
- b) Profissão?
- c) Onde vive?
- c) É membro de outra(s) instituição (ões)? Se sim, qual/quais? Se não, porquê?

2. Posição na organização:

- a) É dirigente nesta organização há quanto tempo (No caso dos técnicos: há quanto tempo trabalha nesta organização)? Que cargo ocupa?
- b) Qual é a missão da organização?
- c) Quais as suas principais funções na organização?

3. Projetos/ações

- a) Quais os projetos/ações que melhor se ajustam à missão da organização?
- b) Quais são os seus objetivos?
- c) Origem dos projetos?
- d) Quem participa na definição das atividades? Quem decide o que se faz?
- e) Quem executa as atividades definidas?

4. Público-alvo:

- a) A quem se dirige o(s) projeto(s)?
- b) Quem pode participar? E como pode participar?

5. Prática:

- a) Como considera a sua relação com os participantes/utilizadores?
- b) Como considera que os participantes/utilizadores o vêem a si enquanto dirigente/técnico da organização?
- c) O público-alvo participa na definição das atividades a desenvolver? Se sim: como? Se não: porquê?

6. Parcerias:

- a) Existem parcerias? Quais?

b) Que tipo de parceria estabelecem?

7. Avaliação:

- a) Relativamente aos participantes, considera que os projetos/ações desenvolvidos contribuem para:
- melhorar capacidades individuais? (confiança, autoestima, participação, etc.).
 - aumentar a participação comunitária? (participação na comunidade, expressar a sua opinião, ponto de vista, sentimento de pertença, identidade social).
 - provocar mudanças ao nível da capacidade de tomada de decisão?
- b) Relativamente à organização, considera que os projetos/ações desenvolvidos contribuem para:
- melhorar competências nas estruturas de liderança/pessoal técnico?
 - melhorar a participação comunitária?
 - um maior reconhecimento por parte dos seus membros e da comunidade no geral?
- (importância da organização no contexto em que se insere)

APÊNDICE 4: INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

PARTE I – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

As questões que se seguem dizem respeito a características demográficas e sociais e servirão apenas para fins estatísticos. Por favor, assinale com uma |X| a sua resposta.

1. Qual é a sua idade? Indique no espaço em baixo, por favor.

|__|

2. É...

|__| Homem |__| Mulher

3. Qual é o seu estado civil?

|__| a) Solteiro

4. Qual a sua situação profissional

|__| a) Empregado

|__| b) Desempregado

|__| c) Reformado

|__| d) Reformado com atividade profissional

|__| e) Estudante

5. Quais as suas habilitações escolares?

|__| a) Não sabe ler nem escrever

|__| b) Sabe ler e escrever

|__| c) 4º ano

|__| d) 6º ano

|__| e) 9º ano

|__| d) 12º ano

|__| e) Ensino superior

6. Há quantos anos vive em São Sebastião da Giesteira? Indique no espaço em baixo, por favor. |__|

PARTE II - QUESTIONÁRIO

Este questionário é aplicado apenas a membros de associações e pretende apurar qual a percepção dos sócios relativamente a alguns aspetos como: motivação e participação, relações de liderança e reconhecimento. Por favor, assinale com uma |x| a opção que mais se aproximar da sua opinião.

Assinale com um x as suas respostas	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Muito frequentemente
MOTIVAÇÃO PESSOAL					
1.Participa nas atividades promovidas pela organização?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.Os motivos que condicionam a sua participação na dinâmica da organização são:					
2.1. Falta de tempo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.2. Serem sempre as mesmas pessoas a fazer as mesmas coisas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.3. A realização de ações não democráticas (as decisões são tomadas sempre pela(s) mesma(s) pessoa(s))?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.4. A ausência de recursos ou recursos limitados?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.5.Desmotivação/ não identificação com as atividades desenvolvidas pela organização?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.6.Existência de conflitos e desentendimentos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.7.Outro(s)? Indique, por favor: _____					
3. Participar na dinâmica da organização permite-lhe:					
3.1. Ganhar poder nos momentos de tomada de decisão?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.2. Contribuir para melhorar alguns aspetos da sua comunidade?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.3. Maior valorização social (as pessoas reconhecem e valorizam o seu esforço)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Assinale com um x as suas respostas	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Muito frequentemente
3.4. Maior valorização pessoal (sente-se bem, com confiança nas suas habilidades e capacidades)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.5. Socializar e estreitar relações de proximidade?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.6. Outro(s)? Indique, por favor: _____					
4. A organização valoriza a sua opinião?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
TOMADA DE DECISÃO E INFORMAÇÃO					
5. Na sua opinião os sócios participam nos momentos de tomada de decisão?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Participa nas reuniões para tomada de decisão sobre questões importantes?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Nos momentos de tomada de decisão:					
7.1. Apenas escuta as informações dadas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.2. Participa mas apenas se lhe perguntarem diretamente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.3. Dá a sua opinião de forma espontânea e sempre que considera pertinente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.4. Dá a sua opinião e propõe soluções?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. A organização valoriza/promove a participação dos sócios nos momentos de tomada de decisão?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. As ideias/soluções propostas pelos sócios são levadas em consideração pela equipa de liderança?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. As decisões são tomadas de acordo com a maioria?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. A organização informa os seus sócios de todas as ações que desenvolve (atividades, horários, destinatários, alterações,	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. A organização divulga as ações que desenvolve de forma adequada?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Assinale com um x as suas respostas	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	sempre frequentemente
ATIVIDADES DESENVOLVIDAS					
13. As atividades promovidas pela organização vão ao encontro dos seus interesses/necessidades?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. As atividades promovidas pela organização vão ao encontro dos interesses/necessidades da maioria dos seus associados?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Os sócios participam no diagnóstico dos problemas/necessidades?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Os sócios participam na definição/escolha das atividades?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Os sócios são ouvidos relativamente a impacto das atividades (se estão a correr bem, o que é necessário alterar, etc)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Participar nas atividades promovidas pela organização contribui para a melhoria das suas competências pessoais (autoestima, confiança, sentido critico, etc)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Assinale com um x as suas respostas	Muito inadequada	Inadequada	Adequada	Muito adequada	
ESTRUTURA DE LIDERANÇA					
19. Como considera a liderança exercida pelos responsáveis da organização?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
20. Como considera a ação da organização no sentido de representar os seus interesses (por ex: junto de estruturas de poder local/regional)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

Assinale com um x as suas respostas	Muito importante	Pouco importante	Importante	Muito importante
RECONHECIMENTO				
21.Qual a importância que tem para si ser sócio desta organização?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22.Qual a importância que atribui à existência desta organização na sua comunidade?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23.Na sua opinião, qual é a importância que a comunidade atribui à existência desta organização?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Grata pela colaboração!

APÊNDICE 5: GRELHA SÍNTESE DOS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO

Informação Inquirido	Idade	Sexo	Estado Civil	Situação Profissional	Habilitações escolares	Há quantos anos vive em SSG
Inquirido 1	18	H	S	T EST	12 ^o	18
Inquirido 2	53	H	C	E	9 ^o	21
Inquirido 3	43	M	C	E	12 ^o	43
Inquirido 4	40	H	UF	E	9 ^o	40
Inquirido 5	28	H	S	E	12 ^o	28
Inquirido 6	63	H	C	E	4 ^o	63
Inquirido 7	59	M	C	E	9 ^o	59
Inquirido 8	57	H	C	E	9 ^o	57
Inquirido 9	52	M	C	E	9 ^o	52
Inquirido 10	48	M	S	E	12 ^o	48
Inquirido 11	17	H	S	EST	9 ^o	17
Inquirido 12	22	H	S	EST	ES	22
Inquirido 13	47	M	C	E	12 ^o	47
Inquirido 14	53	M	C	D	9 ^o	30
Inquirido 15	61	H	C	E	6 ^o	30
Inquirido 16	45	H	S	E	9 ^o	45
Inquirido 17	54	H	C	E	9 ^o	40
Inquirido 18	57	M	C	E	12 ^o	57
Inquirido 19	34	M	UF	E	ES	34
Inquirido 20	38	H	S	E	6 ^o	38
Inquirido 21	68	H	C	R	4 ^o	68
Inquirido 22	59	M	C	E	9 ^o	34
Inquirido 23	37	M	C	E	9 ^o	37
Inquirido 24	59	M	C	E	6 ^o	56

Inquirido 25	61	H	C	E	4°	34
Inquirido 26	38	H	UF	E	6°	26
Inquirido 27	84	M	V	R	4°	62
Inquirido 28	71	H	C	R	4°	64
Inquirido 29	42	M	UF	E	ES	28
Inquirido 30	67	M	V	R	4°	57
Inquirido 31	61	M	C	E	4°	40
Inquirido 32	30	M	C	E	ES	7
Inquirido 33	70	M	V	R	SLE	33
Inquirido 34	50	M	C	E	12°	33
Inquirido 35	55	H	C	E	9°	55
Inquirido 36	67	H	C	R	4°	67
Inquirido 37	38	H	C	E	6°	38
Inquirido 38	68	H	C	R	9°	
Inquirido 39	44	M	C	D	9°	32
Inquirido 40	57	H	C	E	12°	57
Inquirido 41	31	H	S	E	ES	31
Inquirido 42	28	H	S	E	12°	28
Inquirido 43	63	H	C	E	4°	63
Inquirido 44	45	H	C	E	6°	45
Inquirido 45	36	M	C	E	ES	36
Inquirido 46	38	H	S	E	6°	38
Inquirido 47	27	H	S	E	12°	27
Inquirido 48	29	M	S	E	12°	29
Inquirido 49	27	H	S	E	ES	27
Inquirido 50	47	H	C	E	9°	47
Inquirido 51	46	H	C	E	9°	19
Inquirido 52	53	M	C	E	12°	53
Inquirido 53	57	H	C	E	9°	57
Inquirido 54	37	H	UF	E	12°	37
Inquirido 55	42	M	C	E	12°	42
Inquirido 56	54	M	C	E	6°	40
Inquirido 57	63	H	C	E	6°	63

Inquirido 58	58	H	C	E	6º	22
Inquirido 59	48	M	S / D	E	4º	25
Inquirido 60	27	H	S	E	ES	27
Inquirido 61	44	H	C	E	9º	44
Inquirido 62	36	H	UF	E	6º	26
Inquirido 63	31	H	UF	E	12º	31
Inquirido 64	68	H	C	R	4º	68
Inquirido 65	59	M	C	E	6º	56

Legenda			
Sexo	Estado Civil	Situação Profissional	Habilitações Escolares
H – Homem M – Mulher	S – Solteiro C – Casado UF – Unido(a) de facto S / D – Separado(a) / Divorciado(a)	E – Empregado D – Desempregado R – Reformado RAP – reformado com atividade profissional EST – Estudante T EST – Trabalhador Estudante	NLE – Não sabe ler nem escrever SLE – Sabe ler e escrever 4º ano – 1º ciclo 6º ano – 2º ciclo 9º ano – 3º ciclo 12º ano – Secundário ES – Ensino Superior

APÊNDICE 6: REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DE CAMPO

GRELHA DE OBSERVAÇÃO 1		
Associação: GDUG/APIR		Data: 6/12/2019
Local: Sede GDUG		Hora: 22:00h
Factos observados		Comentários
Dirigentes/ Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	<p>A APIR e o GDUG vão desenvolver um “<i>Mercado de Natal</i>”. Há algum tempo atrás desenvolveu-se uma atividade similar e agora, até por sugestão de um habitante da aldeia, voltou a “pegar-se” na ideia. A ideia é valorizar e apoiar os produtores locais, permitindo que possam expor e vender os seus produtos de forma totalmente gratuita (produtos da horta, pão, pastelaria, artesanato, mel, etc...)</p> <p>Neste momento, ainda se encontram alguns elementos a preparar a sala onde amanhã se vai desenrolar a atividade. Apenas dirigentes do GDUG. O Presidente da Direção da APIR (que é também Presidente do GDUG), chegou um pouco mais tarde, acompanhado da sua esposa, para dar alguma ajuda. Os dirigentes do GDUG estão entusiasmados com atividade, mas muito cansados. A C. (dirigente do GDUG) confessa que se sente sobrecarregada e que são sempre os mesmos a preparar as atividades... Que não pode ser e que tem que se resolver essa situação.</p> <p>O Presidente da APIR admite que se dependesse da colaboração da APIR, a atividade não se realizava....</p>

Participantes/ Utilizadores	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	<p>Alguns dos participantes que vão ficar em bancas a vender os seus produtos demonstram grande entusiasmo enquanto preparam e organizam o seu espaço. Revelam entreajuda, dando ideias e sugerindo formas de melhor organizar a sala. A A. partilha ainda que nunca tinha participado nestas atividades, mas que este ano resolveu experimentar. Que a terra precisa de mais atividades destas; que as pessoas precisam de sair de casa e conviver.</p>
--	--	--

GRELHA DE OBSERVAÇÃO 2		
Instituição: APIR Local: Sede da APIR		Data: 7 e 8/12/2019 Hora: 15h às 20h/ 11h às 20h
Factos observados		Comentários
Dirigentes/ Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	<p>Os dirigentes estão presentes na atividade, colaborando em tudo o que é necessário, embora o grupo responsável pela secção cultural esteja no “comando”. Os dirigentes estão muito satisfeitos com a organização e com o ambiente da atividade. Uma grande afluência da comunidade e também pessoas de fora da aldeia.</p> <p>Atividade que superou as expectativas.</p>
Participantes/ Utilizadores	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Capital comunitário 	<p>Os participantes estão muito entusiasmados e referem também o bom ambiente que se vive. Mesmo ambiente natalício! A A. diz mesmo: <i>“Nunca esta atividade foi tão bem organizada. Está tudo muito bom, muito bom!”</i>.</p> <p>A N. frisa em conversa com a H. que atividades deste tipo são fundamentais para a comunidade por um lado porque se dinamiza a aldeia mostrando o que de melhor se produz e por outro lado porque se ajuda as pessoas através da compra dos seus produtos.</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO 3

Instituição: APIR

Data: 16/12/2019

Local: Sede da APIR –

Hora: 16:30h

Festa de natal CATL

Factos observados		Comentários
Dirigentes/ Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	<p>Festa de natal da resposta CATL. Apenas estão presentes Técnica de CATL, Auxiliar de Ação Educativa e Técnico de Contabilidade, que está presente na qualidade de representante legal, uma vez que tem uma filha a frequentar a resposta. Nenhum elemento da direção presente. A Diretora Técnica está ausente com baixa médica por gravidez de risco. A festa decorreu dentro do previsto e as crianças divertiram-se. A equipa de trabalho estava um pouco tensa.</p>
Participantes/ Utilizadores	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Capital comunitário 	<p>Os pais das crianças comentam sem muito embaraço que é muito mau não haver ninguém da direção presente. Que “nas festas dos idosos estão sempre presentes e nesta como é para as crianças já não é preciso...” A V. reafirma a importância das crianças para a freguesia e desta resposta, mas que com atitudes destas a vontade é mesmo tirar as crianças de lá...</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO 4

Instituição: GDUG

Data: 12/12/2019

Local: Sede GDUG - Ginástica

Hora:19:30h

Factos observados		Comentários
Dirigentes/ Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	<p>Os dirigentes que também usufruem das atividades de ginástica apreciam-nas muito e são assíduos, mas reconhecem que existe um problema relativamente aos poucos participantes. Referiram ser necessária uma reunião urgentemente para se tratar esta questão entre todos. Há dirigentes que consideram que se deve aumentar o preço da aula de ginástica de forma a que o GDUG não tenha que pôr todos os meses só para esta atividade 150€; outros consideram que o se GDUG tem verbas disponíveis deve investir em atividades para a população.</p> <p>A H. mostrou-se desanimada porque segundo ela as pessoas da aldeia são assim:” Ao inicio vem sempre muita gente e passado um tempo ficam as mesmas 8 ou 9 de sempre.” A conversa foi muito produtiva e os dirigentes presentes demonstraram vontade de encontrar soluções viáveis para situações concretas do GDUG.</p>
Participantes/ Utilizadores	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Capital comunitário 	<p>Embora hoje na aula houvessem apenas 8 participantes (3 dos quais dirigentes do GDUG), os participantes não dirigentes dizem que gostam muito das aulas e que só deixam de vir se as aulas acabarem. A C. disse inclusivamente que se sente com uma disposição completamente diferente desde que frequenta as aulas, e que além disso mais facilidade em fazer certas coisas (ao nível da mobilidade/flexibilidade).</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO 5

Instituição: GDUG

Data: 17/12/2019

Local: Campo de futebol –

Hora: 19:00h

“Correr em Giesta”

Factos observados		Comentários
Dirigentes/ Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	<p>Muitos dos dirigentes do GDUG estão hoje no treino. O C. continua a ter uma capacidade de motivar os participantes muito grande.</p> <p>Durante o treino pareceu notar-se alguma tensão entre o C. e o J. Segundo a M.C. parece que há quem não concorde com a forma como os treinos são dinamizados mas também não : “se chega à frente nem para fazer nem para colaborar!” No final do treino o C. ,em jeito de desabafo, comentou com um grupo de elementos mais restrito que se sente com uma responsabilidade muito grande relativamente aos treinos e que precisa de ajuda, que a responsabilidade tem que ser igualmente partilhada por mais elementos.</p>
Participantes/ Utilizadores	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Capital comunitário 	<p>Os participantes continuam a adorar os treinos do “Correr em Giesta”. Hoje em conversa com dois participantes mais novos o R. e o G. (cerca de 16 anos) percebi que sentem uma grande disposição para realizar os treinos. Sentem melhorias na sua condição física e gostam muito do ambiente que se vive nos treinos. O R. disse ainda que estes treinos são uma mais valia para o seu objetivo de começar a praticas triatlo.</p> <p>A I. refere que: “isto é muito importante para a nossa aldeia!”, facto que os outros elementos a M., a T. e a M.C. reforçaram.</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO 6

Instituição: AJG

Data: 28/12/2019

**Local: “Excursão Óbidos
Natal”**

Hora: 8:00h/21:00h

Factos observados		Comentários
Dirigentes/ Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	<p>Todos os anos a AJG tenta promover uma excursão, primeiro aberta aos sus sócios e, posteriormente alargada à população em geral, no caso de haver lugares disponíveis no autocarro. 53 lugares preenchido. Metade por não sócios. O Presidente da AJG realizou, já no autocarro, um discurso de acarinamento a todos os participantes , mas destacou-se mais o cariz motivacional do seus discurso, neste caso mais dirigido aos responsáveis da Associação, alguns deles bastante jovens, no sentido de compreenderem que iam para se divertir, mas que também como representantes de uma Associação; e que a imagem que transmitissem, ia também ficar associada à organização. Foi bonito. Se o ambiente já era de entusiasmo, pode dizer-se que ficou melhor. Os dirigentes mostraram-se bastante implicados durante todo o dia, atentos às necessidades dos participantes.</p>
Participantes/ Utilizadores	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Capital comunitário 	<p>Os participantes demonstraram sempre boa disposição. O A. e a B. partilharam que cada vez mais o que as pessoas querem e precisam é oportunidades para sair da sua localidade e conhecer coisas novas, outras realidades.</p> <p>Na viagem de regresso alguns participantes manifestaram a sua opinião, por unanimidade positiva, destacando-se o E. que disse: "Nunca na minha vida, tinha visto uma coisa assim!" (comentário relativo a um espetáculo de marionetas).</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO 7

Instituição: GDUG

Data: 19/01/2020

Local: Sede GDUG - Ginástica

Hora: 19:30h

Factos observados		Comentários
Dirigentes/ Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	<p>Os dirigentes continuam a ser aqueles que participam mais assiduamente nas aulas de ginástica. No final da aula trocam ideias sobre a reunião de direção que houve no fim de semana. Estão preocupados com a falta de adesão da população às aulas de ginástica e temem que se comece a considerar que o GDUG faz atividades apenas para beneficiar quem está nas estruturas de liderança. Combinam uma reunião mais restrita para delinear estratégias.</p>
Participantes/ Utilizadores	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Capital comunitário 	<p>Os participantes continuam a manifestar grande satisfação com as aulas, embora refiram que se houvesse mais pessoas a participar era mais divertido. Mas a M.C. afirma: <i>"Eu não me importo, venho à mesma. As pessoas se não vêm é porque não querem!"</i></p> <p>A G. refere que <i>"(...) é por isso que as coisas acabam... As pessoas só pensam nelas..."</i>.</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO 8

Instituição: GDUG

Data: 24/01/2020

Local: Campo de Futebol –

Hora:19h

“Correr em Giesta”

Factos observados		Comentários
Dirigentes/ Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	<p>O C. continua a sentir o peso da responsabilidade em dinamizar o “<i>Correr em Giesta</i>”. Os dirigentes conversam sobre a necessidade de dinamizar os treinos de outra forma. Começa a verificar-se uma quebra nos participantes que pode estar relacionada com isso. Os participantes gostam que existam mudanças, diz o <i>J.C.</i>.</p>
Participantes/ Utilizadores	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Capital comunitário 	<p>Hoje o treino foi “puxado” e os participantes estão exaustos, mas ao mesmo tempo reina a boa disposição. No final do treino alguns participantes ainda se deixam estar à conversa por largos momentos. Mesmo com o frio que se sente. Os participantes sentem o espírito de unidade e isso também é muito visível às outras pessoas que não participam.</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO 9

Instituição: **AJG/APIR/GE**

Junta de Freguesia

Data: **24/02/2020**

Local: **Sede GDUG – Baile
Carnaval**

Hora: **22h**

Factos observados		Comentários
Dirigentes/ Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	<p>Esta é uma atividade promovida pela APIR, GDUG, AJG e Junta de Freguesia. O dirigentes envolveram-se na preparação do espaço, e estão muito empenhados na animação do baile.</p> <p>A noite corre animada com a certeza, por parte dos dirigentes, de dever cumprido; que mesmo quando o trabalho associativo “rouba” muito do tempo pessoal, compensa ver a gratificação dos participantes. E segundo palavras do Presidente do GDUG: <i>“É importante que não se percam este tipo de atividades, pois por mais fraco que o evento seja estamos a dar oportunidade à população de usufruir de uma atividade que de outra forma, muitas pessoas, não teriam acesso.”</i></p>
Participantes/ Utilizadores	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Capital comunitário 	<p>O baile decorreu com muita alegria e diversão. Os participantes gostaram em especial do concurso para os três melhores disfarces.</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO 10

Instituição: AJG

Local: Descampado em

Data: 8/03/2020

Sebastião da Giesteira –

Hora:15:30h

Paintball

Factos observados		Comentários
Dirigentes/ Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	<p>Atividade inserida no Mês da Juventude e totalmente gratuita para todos os que queiram participar. Esta atividade implica aos responsáveis pouco trabalho, na medida em que é uma empresa que vem executar a atividade. Mas os dirigentes estão presentes recebendo os participantes e motivando à participação. É sempre uma atividade positiva.</p>
Participantes/ Utilizadores	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Capital comunitário 	<p>Está um grupo considerável de participantes, muitos não sócios. Os participantes demonstram cooperação e solidificam-se relações de proximidade. Após o término da atividade alguns elementos mantêm-se no recinto convivendo e partilhando experiências.</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO 11

Instituição: Junta de Freguesia/ APIR/GDUG
 Local: Sede APIR -
 Preparação espaço para atividade almoço dia da Mulher

Data: 7/03/2020

Hora:18h

Factos observados		Comentários
Dirigentes/ Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	<p>O espaço foi decorado pela secção cultural do GDUG. O Presidente da Junta de Freguesia também está presente ajudando no que é necessário. Está algo nervoso. Os elemento do GDUG tranquilizam-no dizendo que vai tudo correr bem. Fica tudo lindo!</p>
Participantes/ Utilizadores	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Capital comunitário 	<p>-----</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO 12

Instituição: APIR/GDUG

Data: 8/03/2020

**Local: Sede APIR – Almoço di
Mulher**

Hora: 13:00h

Factos observados		Comentários
Dirigentes/ Técnicos	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Comunicação 	<p>Ao almoço estão presentes cerca de 70 mulheres. A servir o almoço estão os dirigentes homens das organizações envolvidas, e ainda outros voluntários. Entre os dirigentes sente-se um bom ambiente e satisfação por participarem neste evento e comenta-se que superou largamente as expectativas. O Presidente da Junta de Freguesia faz um discurso a agradecer a participação das mulheres e a colaboração dos homens a servir.</p>
Participantes/ Utilizadores	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Consciência crítica - Competências - Capital comunitário 	<p>As participantes estão animadíssimas e agradecem várias vezes aos dirigentes que servem por terem aceite o desafio, porque está tudo ótimo. O J. e o Z. comentam que não se sentem muito confortáveis em servir, mas que também não se iam recusar a participar. Denota-se um grande sentimento de cooperação e identificação numa atividade que foi dirigida a todas as mulheres da freguesia.</p>

APÊNDICE 7: TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Boa tarde! Quero agradecer-te desde já colaborares neste estudo. Vamos então começar aqui com a nossa entrevista.

Começava por pedir que dissesses o teu nome completo.

Carlos Manuel Risso Oliveira.

A idade. 44. *Onde vives?* Vivo na freguesia de S. Sebastião da Giesteira. *Ok. E és membro de outra(s) instituições?* Sim. *Quais?* CNE... Escuteiros. *Mais alguma, aqui na localidade?* Não, não, na localidade não.

Relativamente ao trabalho que se desenvolve na organização, nomeadamente a posição, não é, o cargo que ocupas. Portanto, és membro desta organização à quanto tempo? Perto de um ano e meio. **Um ano e meio.**

E que cargo ocupas? Hum... portanto, sou vogal na secção da corrida. **Ok.**

E qual é que achas que é a missão da organização? Hum... A missão atual é... Trazer o desporto a quem queira e melhorar o estado de vida das pessoas da nossa comunidade, não é?! **Hum, hum...** Tentar, não é?! **Tentar?** Tentar. Tentar...

E concretamente na organização quais são as tuas principais funções? Penso que é mais virado *pra* corrida, portanto, tentar motivar o pessoal a correr... E lá digo eu outra vez: tentar porque não é fácil. **Hã... E... Como é que esse processo acontece? Ou seja, dizes tentar motivar...** Tentar motivar, ou seja... Marco treinos semanais a horas certas, neste caso terça e à sexta, horas certas; e ao domingo, uma coisa... Um treino um bocadinho maior. **Hã... num local e... onde a gente tenta, hã...** Fazer o treino *pá* pessoa que corre mais, *pá* pessoa que corre um bocadinho menos, *pá* pessoa que tá a começar a correr e *pás* pessoas que caminham. Tentamos, hã... Dinamizar e tentamos pôr toda a gente a mexer, ao fim ao cabo. **Ou seja... É o objetivo. Através da corrida... A corrida é um mote para que todas as pessoas possam [Sim] ter alguma atividade física [que se mexam, exatamente!] independentemente de correrem ou não! Não é?! Sim, sim, exatamente. Ok.**

Relativamente aos projetos ou às ações que neste momento o Grupo Desportivo tem a decorrer quais é que tu achas que são os projetos que melhor se adequam à missão, não é?! À

missão que tu já referiste dentro das ações e dos projetos que existem quais é que achas que se adequam à missão, se nenhum, se todos, se alguns... Pedia para falares um bocadinho... Eu acho que o Grupo Desportivo atualmente está muito virado... *Pá* corrida, não é? **Hum, hum...** Que é um desporto barato, um desporto que toda a gente pode fazer, *né*? Corrida, caminhada, Hum... eu acho que os projetos *tão, tão, tão* bons, não sei... Vamos tentando melhorar a pouco e pouco. Não gosto de fazer planos muito grandes, senão... **Hum, hum...** Isto é a minha ideia.

E em relação, portanto, aqui mais à corrida quais é que achas que são os objetivos concretos aqui da corrida, e pedia-te também que falasses também um bocadinho mais [sim] deste projeto do “Correr em Giesta”, [sim] quando te referes à corrida é a este projeto Se pudesses desenvolver um bocadinho mais, até o surgimento do projeto, [Atão...] como é que veio para o Grupo Desportivo... Em relação ao “Correr em Giesta” faz no Grupo Desportivo acho que é o *memo* ponto com que ele foi criado, que é: a *gente* correremos, mexeremo-nos sem muita competitividade, sem trabalhar *pá* parte competitiva, *né*? O “Correr em Giesta” foi feito para tentar mobilizar as pessoas na aldeia... Era um grupo de amigos, tentou começar a mobilizar as pessoas *pa* correrem na nossa aldeia... e... perto da nossa aldeia, *né*, na nossa zona, e de conhecer. Hã...nunca com aquele caráter competitivo de provas... Claro que vamos às provas, *né*...mas não vamos ali só fazer aqueles treinos para ir ganhar. Até... Correr. O simples prazer de correr. E quando foi trazido para o Grupo Desportivo acho que continua, pelo menos da minha parte, continua com essa ideia. **Hum, hum...** Claro que a gente faz alguns treinos mais técnicos, mas... nunca com aquela ideia de ir ganhar aquela prova além. **Hum, hum...** O mais é tentar mobilizar as pessoas para se mexerem. Mais *p’ra* isso, *né*? **Hum, hum...**

Pedia-te agora só para contextualizares aqui um bocadinho a questão... Porque é que o projeto “Correr em Giesta” veio para o grupo desportivo. O Grupo Desportivo estava num momento de rutura, não é? Com o fim do futebol... Exatamente. Exatamente. Pedia-te que desenvolvesse aqui um bocadinho esta questão. Era mais o desporto oficial da nossa aldeia, que era o futebol... Que acabou à relativamente... Ano e meio, também... **Ano e meio.** Mais ou menos a ano e meio... Não havia condições financeiras e... o único desporto que se fazia atualmente nessa altura era a corrida. Que até envolvia muita gente. E pronto... E anexou-se e foi uma coisa mais... Uma coisa simples... **Achas que foi um processo fácil?** Sim...Fácil... **Porque entretanto [sim, sim, foi] tínhamos já o “Correr em Giesta” que já** tinha uma imagem de marca, não é? [sim, sim.] **Que foi associado ao Grupo Desportivo que também já tinha a sua própria imagem, não é.** Foi fácil... Como é que hei-de explicar... Não é fácil responder a essa pergunta... **Pois, eu sei...** Pode ser fácil, foi difícil também noutras situações, *né*... Há pessoas que não aceitaram porque sempre existiu o futebol, desde à muitos anos [**hum, hum...**] nesta aldeia... E... E *tive* muito tempo

sem a corrida, portanto, agora somos mais mas é muito tempo sem a corrida... Não é fácil aceitar isso, mas acho que já aceitam mais... mais ou menos... **[Hum, hum]** Acho que já aceitam mais ou menos. Com o tempo vamos ver. **Exatamente.** Com o tempo vamos vendo.

Agora aqui relativamente ... Hum... às atividades que se desenvolvem... Gostava que falasses um bocadinho sobre: quem participa na definição, quem é que decide as atividades que se fazem, quem é que dá as ideias? Mas estamos a falar de treinos? ***Das atividades todas do Grupo Desportivo, ou seja...*** Do Grupo Desportivo... Temos a parte da ginástica, ***[Hum, hum...]***, né, temos a parte da corrida, temos a parte a... da sala, né? ***Cultural, das atividades culturais...*** Eu participo mais nesta parte da corrida, mas também, às vezes tento dar um bocadinho de ajuda nas outras partes, né. ***Mas aqui a questão, aqui a questão da... da decisão.*** [Quem é que decide?] ***Como é que se decide? É uma pessoa que decide, são várias pessoas que decidem, há reuniões onde se fala sobre os assuntos*** [sim, há.] ***e se decidem?*** Sim há! Quem decide é o presidente, né?! Nas coisas assim mais... Mais importantes. Agora nos treinos, mudança das horas, nisso, acho que não... Acho que cada dirigente que tá mais entregue a essa parte, portanto, eu na corrida, eu e mais dois ou três elementos. Na parte da ginástica outras pessoas. E na parte cultural as outras, sempre com conhecimento do nosso presidente, né, do Grupo Desportivo. ***O que me estás a dizer é... há pessoas que estão mais... responsáveis por cada uma das secções...*** sim, sim, sim... ***Em grupos mais reduzidos planeia-se, pensa-se o que se faz e depois leva-se então a uma reunião alargada onde se dá conhecimento...***Muitas vezes... não chega a ir bem à reunião. São coisas simples que não vai interferir com nada. ***Hum, hum...*** ***Mas é preciso sempre a a palavra do presidente?*** Sim, acho que sim, sim, Tem sido sempre. ***Não há autonomia para que se decida...*** Depende da importância. Lá está... Se fores mudar ali uma hora do treino, o presidente não vai dizer nada. Se fores... Por exemplo, se utilizares a carrinha para ir a uma prova, pá o presidente precisa saber, né. ***Ok.*** Se houver um problema com a carrinha o presidente tem que saber. Não é pegarmos a gente na carrinha e irmos fazer uma prova. Depende da importância. ***Portanto, autonomia existe*** [até certo ponto.] ***existe autonomia no dia... Pronto, nas coisas rotineiras do desenvolvimento das atividades.*** Nas coisas mais importantes o presidente tem que saber. Não podemos andar a chatear o presidente... minuto a minuto... ***Por qualquer coisa... Certo.***

Relativamente ao público alvo... Estas ações, estas atividades que desenvolvem para quem é que se dirigem? É pá, tá aí uma pergunta difícil... P'ra mim é para toda as idades, mas é claro que a gente quer passar sempre as boas práticas aos mais novos, né? ***Hum, hum...*** Claro... que temos todas as idades nos nossos treinos de corrida, falo mais na corrida. Hã... Se calhar temos lá pessoas de 60 anos e temos miúdos de 10 anos... Que vão correr. Depois há os outros mais novos que tão lá

a acompanhar os pais. Hã... Mas claro que na minha ideia, vou gostar de saber daqui a uns anos que esses mais novos que estão a acompanhar os pais vão começar a correr também... E se calhar daqui a uns anos, como eu me lembro da minha altura, que eles também se lembrem que a corrida... fazia desporto... Desporto fazia falta na nossa vida. Porque vai melhorar a vida deles, se eles continuarem... **As atividades são alargadas a toda a população?** Exato, exato. **Todos podem participar, é isso que me estás a dizer?** Todos podem participar. **Ok. Cada pessoa dentro das suas limitações e capacidades, não é?** Sim, sim... **Mas todos podem participar.**

E como é que estas pessoas podem participar? Portanto, eu faço publicação na página do facebook do “Correr em Giesta”. Temos aqueles horários certos, né. As pessoas vêm e é aparecerem. Depois vou tentando com as pessoas que aparecem, tentando adequar o treino... às pessoas que lá estão. A pessoa não corre ainda bem, se calhar vai caminhar. Se a pessoa quiser correr vai ter que se arranjar ali outra maneira dessa pessoa correr à maneira e à medida dela, não é? **Hum, hum...** Não posso ir fazer um treino com as pessoas que já correm lá há um ano... Treino, eu falo treino mas treino é difícil... É... Não é bem treino... Treino é a gente estar a treinar alguma coisa, a gente estamos a treinar a nossa saúde... Talvez a palavra seja outra... Mas pronto, fica treino! Fica treino. Treino da saúde! **Ou seja, as pessoas querem participar é estarem atentas à divulgação das atividades do** [exatamente, exatamente.] **Grupo Desportivo, neste caso específico do “ Correr em Giesta” e aparecerem. Não é preciso inscrições.** [Não, não] **É irem equipadas para fazer atividade física...**Exatamente, claro que agente prefere sendo um Grupo Desportivo termos sócios, que as pessoas... Gostávamos que as pessoas fossem sócias, mas não é obrigatório, não é obrigatório. Pelo menos na corrida não é obrigatório. **Hum, hum...** Mas acho que com o tempo as pessoas vão sentindo que isso... **Mas noutras atividades do Grupo... Faz-se essa diferença entre sócios e não sócios?** Sim, sim, sim... **Essa atividade, pelo que percebi como não tem um custo financeiro há mais** [sim, sim...] **esta facilidade de adesão livre, outras atividades que tenham custo** [sim.], **então, faz-se aqui uma diferença de valor para sócio e valor para não sócios.** E é, por exemplo: a gente temos uma carrinha que vamos às provas... Os primeiros que vão para a carrinha são os sócios, né? **Hum, hum...** Depois a partir daí vão os não sócios. Se houver não sócios vão, senão têm que levar o próprio carro, né? Tem que haver... Tem que haver ali sempre uma diferenciação que a pessoa que paga... que paga cotas tem que ter mais alguns direitos, né? **Hum, hum... Também para sentir alguma vantagem...** Claro, mas também não queremos excluir ninguém que queira fazer desporto. Está no direito, visto que o Grupo Desportivo nesse sentido também não investe muito dinheiro. É a mobilização dos sócios e dos dirigentes... **Ok.** É uma pergunta complicada... **Tinha aqui muito... Mas podes desenvolver mais ...** Sim, sim... **Estás à vontade.**

Agora aqui em relação... à prática, à questão mesmo do desenvolvimento das atividades: Como consideras a tua relação com os participantes? Portanto, tu és aqui um bocadinho a imagem... Um bocadinho não, és muito (e tens essa consciência) a imagem deste projeto [sim] do “Correr em Giesta” portanto as pessoas reconhecem-te... Alguma coisa recorrem a ti, falam contigo... Qual é a perceção que tu tens da tua relação com quem participa nessas atividades. Penso que boa. Eu penso que boa. Às vezes tento dar alguns conselhos que eu já passei por elas, que eu não sou técnico... É coisas que já se passaram comigo, e tento dar esses conselhos e... e... e vou tentando adequar as coisas a cada pessoa que vá, e tentando explicar como é que as coisas são... Mas como a gente não somos totalmente competitivos... Acho que... a coisa corre minimamente bem. Penso eu, na minha ideia, não é? Agora cada pessoa pode ter a sua ideia. Mas como vão aparecendo eu penso ... **Que é positiva.** Partilhamos da mesma ideia.

E como consideras que os participante te vêem enquanto... dirigente, membro desta organização? Essa pergunta é complicada! **Portanto, tens um papel...Achas que quem participa reconhece a tua importância e o teu papel, neste momento, no Grupo Desportivo, ou achas que as pessoas não...** Sim. Eu acho que sim. Eu penso que sim, agora... responder o porquê, não sei! **Mas tens essa perceção que as pessoas [sim, tenho!] te veêm de forma positiva.** Tenho, sim, claro que sim! Mas, porquê, não sei... Não sou grande corredor, apenas vou treinando, correndo, e vou tentando transmitir isso, mais nada! **Mas pode ter a ver aqui também com o papel que tu tens de mobilizar [sim...] as pessoas, de motivá-las, não é? De conseguires captar [sim, sim.] o coletivo, digamos assim.** Claro, claro! Sim, sim, penso que sim. Quando a gente... **[É difícil!!!]** quer ser muito competitivo acaba por se afastar desta parte, né? Se eu quiser ser um atleta melhor, qualquer pessoa pode ser, há... tinha que me afastar dos grupos, portanto não podia *tar* neste grupo nem conseguia dar atenção às pessoas. Assim, como o meu interesse não é esse, o meu interesse é correr simplesmente, mais nada. Claro, quero correr mais, quero sempre ser melhor mas dentro daquelas limitações familiares, profissionais e de tempo, que a gente tem no dia a dia. **Hum, hum...**

E... Como é que o público-alvo... Ou o público alvo participa na definição das atividades que desenvolvem? Ou seja, o que eu quero perguntar com isto é? Os dirigentes decidem o que se faz e apresenta-se a proposta aos sócios e aos participantes, ou há um momento de reunião entre os dirigentes onde se põe na mesa várias ideias e chega-se junto às pessoas no sentido de apurar as opiniões, se tem interesse para as pessoas ou não, se gostavam ou não... Ou apresenta-se já a ideia feita?

Normalmente apresenta-se já a ideia feita. E depois quando a gente... as pessoas começam algumas dizem que não gostam ...tenta-se mudar, né? Tenta-se mudar. Se fazemos aquilo, as pessoas não

gostam porque é que havemos de continuar a fazer? *Né?* Se o objetivo é mobilizar as pessoas! **Hum, hum...** Tenta-se mudar, algumas vezes *né?* Não se pode mudar sempre porque... Nunca está ao gosto de toda a gente. Pronto, se vou tentar não fazer muitos kms porque aquela pessoa faz poucos kms, não posso no lugar de fazer 10, fazer 2, porque os outros que gostam de fazer 10 vão desaparecer, portanto, faço 7, faço 6 Kms... Faço um treino dentro disso. Tenta-se variar sempre, não ser sempre o mesmo. Independentemente de parecer sempre o mesmo, não é, não é... E tento fazer sempre um pequeno... Um treino mais corrido, um treino sempre mais técnico. Umas vezes com... Mais com pesos, umas vezes mais com velocidade. Haver sempre nesses dois treinos semanais, fora o do fim de semana, haver sempre um treino mais técnico. Que é para haver evolução, não é? Independentemente de não sermos competitivos queremos competir com a gente e evoluir a gente, *né?* Temos que evoluir. Se a gente não evoluir deixamos também de ver e deixamos de aparecer. **Ok.**

Em relação a parcerias... Estabelecem-se parcerias com outras instituições para o desenvolvimento das atividades? Sim temos uma parceria, assim que me lembre agora de repente. Uma clínica de massagem, onde temos desconto nas massagens, sendo do Grupo Desportivo temos descontos nas massagens e mais... mais coisas. Todos os serviços que eles lá têm, temos uma percentagem de desconto... Agora assim de repente acho que é a única parceria que a gente tem.

Então e parcerias aqui com instituições locais? Pode ser em casos de situações de precisar de uma cedência de espaço, ou de outro meio de transporte, por exemplo, outra carrinha... Sim, temos a Junta de Freguesia, quando a gente somos muitos empresta a carrinha. Temos também a outra associação que é a APIR há... que também empresta a carrinha, quando a gente somos muitos para ir às provas. Sim... Realmente tem razão. Também apoiam, há mais instituições a apoiar a gente, nesse sentido.

Portanto, aqui na freguesia... a apoiar, a outra é mais parceria. Exatamente... Há aqui também alguma facilidade nos apoios [sim.], nomeadamente a nível dos recursos existentes [sim, sim...] consegue-se aqui mobilizar um bocadinho os recursos que existem, não é? Conseguimos, temos tido essa sorte... de não nos fecharem a porta.

Então agora o que eu gostava de saber é há... se tu achas que as ações que o Grupo desenvolve (todas, neste caso o “Correr em Giesta”, a ginástica, as atividades culturais que o Grupo vai desenvolvendo), se achas que de alguma maneira, relativamente aos participantes, a quem usufruir destas atividades, se melhoram as suas capacidades individuais (se eles desenvolvem...confiança, autoestima, os níveis de participação... Achas que há um

desenvolvimento pessoal dos participantes?

Sim, eu penso que sim. Eu penso que sim... Porque independentemente de *a gente* não conseguir melhorar a nossa forma física ao ponto de emagrecer porque são três treinos semanais, não muda a nossa vida, mas ajuda! Mas a nível de bem-estar, sim, acredito que sim! Pelo menos a mim sim. Muda muito, eu quando vou correr independentemente de não ser competitivo fico... alívio o *stress* do meu dia a dia. É uma realidade, portanto acho que as outras pessoas também! **Mas há pessoas que tu consegues... identificar [saber!] isso? No início era uma pessoa... desta maneira e agora ao fim de seis meses ou de um ano já noto que a pessoa já revela outros níveis de confiança, de participação, de...** Sim, sim... **Sim?** Eu acho que sim. Talvez de não haver tanto contacto, lá está... *A gente* mora todos na mesma aldeia, mas tem que haver um contacto. E aqui o contacto foi corrida, *né?* Agente fala todos os dias, mas na corrida *a gente* fala mais. **Hum, hum...** A corrida aqui veio fazer um elo de ligação nessa parte. De haver mais comunicação na nossa comunidade. Por ser uma comunidade pequena não quer dizer que *a gente* todos os dias tenha que falar, *né?* Mas na corrida sempre que vamos estamos lá e *tamos* a falar, *tamos* a falar de outras coisas, isso é uma realidade. Sim, eu acho que sim. Acho que melhorou muito.

E ainda em relação aos participantes... achas que participam... que começam a participar mais na vida da comunidade, há... Têm mais facilidade em expressar a sua opinião, não ter receios de dizer o que pensam, o que sentem... o sentimento de pertença fica um bocadinho mais... vivo, portanto, a pessoa acaba por manifestar orgulho na terra, por vestir a T-shirt do clube...

Sim... *Pá*, uma das coisas que a mim me dá muito prazer é “*Correr em Giesta*” antes do Grupo Desportivo já existe desde 2016. Dá muito prazer ver miúdos a jogar à bola na brincadeira e andarem com a T-shirt, e virem ao café e virem com a T-shirt do “*Correr em Giesta*”. Irem fazer desporto noutra sítio e ver a *T- Shirt* do “*Correr em Giesta*”, sem ser na corrida! A mim, dá-me prazer ver isso! Pronto... **Hum, hum...** Foi uma coisa criada com essa ideia, *pá* corrida mas *pó* nosso bem-estar. **Hã... Mas neste caso...** Portanto, as pessoas, vejo que as pessoas têm prazer em levar a blusa do “*Correr em Giesta*”. ***Era aí que eu queria chegar! Se tu... o que tu estás a dizer é que o [sim, sim] facto das pessoas usarem é porque sentem [sim, sim.] orgulho.*** Orgulho de levar a blusa do “*Correr em Giesta*”. Identificam-se com “*Correr em Giesta*”. ***Com o projeto, com a terra, não é?!***

Sim, exatamente!

Ok.

E agora relativamente à tomada de decisão... Hã... Achas que os participantes destas atividades promovidas pelo Grupo... que vivem mudanças neste processo de decidir... Por exemplo, no início não eram pessoas [sim, sim...] tão interventivas e que quisessem participar

nos momentos de decidir [sim acho que sim], de decisão e que agora... já se começam a notar alterações, as pessoas com vontade de terem de facto um papel mais interventivo [sim.] e decidirem sobre as coisas que as afetam diretamente. Sim, eu acho que sim. Ainda à pouco tempo tentámos mudar o horário e houve lá uma pessoas que disseram *pa* ver se não mudávamos porque precisavam daquele horário. Pronto, gostavam mais daquele horário. Sim há umas pessoas, não são todas que falam, ***[hum, hum...]*** são mais interventivas porque não querem deixar de ir. Mas ter essa hipótese de ir, *né?* Acho que sim. **Ok.**

Portanto, agora tivemos... Estes pontos que abordámos foi relativamente aos participantes, agora estes que vamos abordar é relativamente aos próprios dirigentes e membros da organização.

Hã... Consideras que as atividades e projetos que se desenvolvem contribuem para melhorar as competências das estruturas de liderança, ou seja, à medida que se vão desenvolvendo as atividades... quem está na liderança do Grupo também vê as suas próprias competências pessoais [sim.] desenvolvidas? Claro. Não fazia sentido... Acho que sim. Por isso é que eu à bocado estava a dizer que não faço projetos com muito tempo de antecedência... Prefiro ir melhorando sempre, conforme as coisas vão aparecendo. Conforme as pessoas se vão organizando. Conforme as pessoas vão dizendo. Vou sempre a pouco e pouco... organizando nesse sentido. Claro que também aprendo com isso, *né?! É impossível não aprender-se. Só quem tiver os olhos fechados. Toda a gente aprende.*

Hã...E em relação à participação comunitária? Hã... Achas que há... Que a participação comunitária dos dirigentes do Grupo, das estruturas de liderança também vêem a sua participação comunitária aumentar? Portanto, começam, a ser mais participativos, a viver mais a vida da comunidade, a estar mais atentos aos problemas, às necessidades, o contacto com as pessoas... Achas que... isto acontece, ou não?

Neste caso estamos a falar dos dirigentes, vou falar por mim, *né.* Claro. Eu acho que sim, da minha parte sim. Estou mais atento a tudo. Mais atento às questões da comunidade desde que faço parte desta organização e da outra, que ao fim ao cabo é quase ao mesmo tempo ***[hum, hum...]*** entrei nas duas quase ao mesmo tempo, ano e meio. Mas, sim... vejo-me muito mais interventivo. Não fazia ideia que aconteciam certas coisas na aldeia, hoje em dia sei, e às vezes tento melhorá-las, tento... falar sobre, *né?* Que já é bom! Já é bom! Por mim sim, portanto falo por mim sim. Ao fim ao cabo é a nossa comunidade, é onde *a gente* vive, *né.* Se a gente não tentar melhorar nada, *tamos* cá a fazer o quê?

E consideras que as ações e projetos desenvolvidos... hã... contribuem para que os membros, ou seja, e os sócios do grupo, assim como a comunidade em geral reconheçam a importância da organização na comunidade?

Da organização Grupo Desportivo? ***Exatamente***. Eu acho que reconhecem, agora isto é uma luta que *tamos* a traçar. Porque foi uma vida inteira, foi um Grupo criado para o futebol e... e... há um ano e tal que não tem futebol. Portanto, é uma grande mudança. Mas acho que *tamos* no caminho. De ainda muitas pessoas começarem-se a habituar e a reconhecer que se calhar... Não substituímos o futebol mas... somos uma opção... de desporto na nossa aldeia.

Hum, hum... Dizes que é uma luta porque há muitas pessoas que não aceitam e que não vêem [não...] com bons olhos o fim do futebol... Não, não, não é não ver com bons olhos... É uma mudança, e às vezes as pessoas são um bocado erradas à mudanças e não... não é fácil reagir às mudanças... de maneira positiva. Vamos dizer assim, palavras mais... mais bonitas. Portanto, acho que... *tamos* no bom caminho. Há pessoas que já disseram que sim, outras não dizem nada... Mas pronto, acho que sim.

Ok. Carlos. Ficamos por aqui. Obrigada pela colaboração.

ENTREVISTA 2

Olá. Boa noite. Aproveito para agradecer ter cedido esta entrevista. Vamos então começar.

Hã... Começava por perguntar-lhe o seu nome completo.

Antes de mais boa noite. Sou o José Canaverde. Para mim era gratificante estar aqui, de certa forma, a ajudar-te... Na elaboração desse teu trabalho. É muito gratificante e faço com muito gosto.

Ok. Idade, se faz favor. Tenho 45 anos.

Hã... Profissão?

Sou carpinteiro... Mais propriamente especializado na área da marcenaria que é um complemento ligado à carpintaria, ou seja a marcenaria é a parte hã... mais concreta do mobiliário.

E onde vive?

Vivo em S. Sebastião da Giesteira. ***Ok***

Hã...E é membro de outras instituições, além desta pela qual vai responder?

Hã... Sou... neste momento ainda sou membro sou dirigente ainda do Núcleo de árbitros de Vendas Novas. Hã... Estou ainda na direção apesar de não *tar* a exercer. Hã... Na parte ativa do desporto, mas sou ainda dirigente... hã... do Núcleo de Árbitros... E também do Grupo Desportivo Unidos da Giesteira.

Hã... E relativamente ao Grupo Desportivo Unidos da Giesteira é dirigente nesta organização hã... há quanto tempo?

Ora bem... Sou dirigente mais propriamente... hã... Há três anos. Hã... Há três anos é que eu sou dirigente na... nesta instituição.

E que cargo ocupa atualmente?

Sou... Sou... Agora... Sou vogal, sou vogal da direção.

Hã... E na sua opinião, do conhecimento que tem da organização qual é a missão desta organização aqui na comunidade?

Da organização do Grupo Desportivo? Do Grupo Desportivo.

A missão é levarmos... levarmos a bom porto as atividades a que nos propusemos, ou seja, mais... nomeadamente na corrida e na ginástica, também, e... Pronto, face... face a muitas circunstâncias levou-me... Hã... Hã... a vincar mais nesta parte... Hã... Quando vim para o clube foi num projeto no âmbito do futebol, hã... que... que infelizmente ficou inativo e passei... passei mesmo *p'ra* esta parte da corrida e da ginástica. Hum, hum...

Então já que está a tocar nesse ponto, hã... Portanto, o Grupo antes tinha futebol. Teve sempre até... Muito recentemente. [sim] Deixou de ter o futebol. [sim] Mas porque razões é que o futebol terminou? É assim, referencia aí uma parte muito, muito importante. A Márcia referencia aí que o futebol sempre existiu e é verdade. Na, na competição sempre... hã... O... Grupo Desportivo Unidos da Giesteira participou com uma equipa de futebol de onze. Hã... Pronto, as coisas... Tive dois anos no clube, as coisas correram mais ou menos mas... Face a circunstâncias de poder talvez económico não, não, não, não tivesse sido possível... o... prosseguir porque.... **Mas pelos custos associados à existência da equipa? Pelos custos e um pouco também por, por... equipamento, ou seja, nomeadamente o campo. O... tá um bocado ultrapassado, é um campo pelado e hoje em dia, como é óbvio, os atletas procuram boas condições, e nós... No momento não as temos. **Não existiam as condições e daí a dificuldade em conseguir atletas.**[Exatamente] **É isso?** [Exatamente] **Portanto, a equipa... O Grupo tinha o problema de não ter as condições ideais****

[hum, hum...] e de não ter equipa... como...nomeadamente, até com jogadores da terra, que isso já não acontecia? Exatamente, porque, porque... Né... a este nível... Obviamente, que a este nível temos que ter pelo menos o mínimo de condições já que os atletas não são remunerados. Não há condições de pagar um vencimento a um atleta, na somos profissionais, somos amadores. Pelo menos as condições teríamos que ter para conseguirmos motivar... Hã... atletas... Hã... Na competição, né? **Ok**

Então e quais... Quais são as suas principais funções na organização?

Na organização, neste momento estou na direção, como disse anteriormente e *tou* inserido mais, mais... Basicamente... Na... E propriamente na parte da corrida, do... Que formámos o “Correr em Giesta” que é uma... Digamos, que é uma parte do... do Grupo Desportivo... Uma secção à parte que... Que tem especificamente a corrida. **[Hum, hum...]**. E *tou* inserido nessa parte também. **Portanto tá mais direcionando p’ra... p’ra...p’ró projeto “Correr em Giesta”.** Exatamente. **É isso?** Exatamente.

E agora relativamente aos projetos e ações que o Grupo desenvolve, independentemente das secções que eu já percebi que há secções de trabalho, portanto, a todas elas e não propriamente aquela que está mais hã... focado. Quais é que acha, ou que julga serem os melhores, ou o melhor projeto, ou o... a ação que mais se ajusta à missão da organização? Já disse que a organização tem missão de promover atividades... que tenham a ver também com o desporto e a atividade física. Dentro das atividades e projetos que o Grupo desenvolve atualmente quais considera serem as que melhor vão ao encontro da... da missão que o Grupo tem.

Ora bem, hã...O objetivo principal em... em qualquer missão enquadrada no Grupo Desportivo... Hã... Qualquer da.. da... Das ações são ações... que pretendem mobilizar as pessoas *pó*... para o...a prática desportiva. *P’ró, p’ró* bom... Bom... Boa apresentação física, que também conta e... e pretende especificamente, e basicamente hã... Incentivar, digamos assim, as pessoas à prática desportiva *pa* termos alguma dinâmica no... no...no Clube e *pa* termos as pessoas contentes e... e...e *pa* termos a tal dinâmica também no Clube porque termos o Clube e... e ser fechado e não ter qualquer atividade, não... não faz qualquer sentido, né? E o objetivo principal eu julgo que é esse. Dinam... Dinamizar, hã... **[Hum, hum...]** as pessoas, os sócios e a população em geral. **Portanto, o que me diz é que as atividades hã... ligadas aqui à parte da atividade física e desportiva, como o bem-estar físico e mental qualquer uma delas se adequa à missão do grupo?** Sim, sim, sim... Julgo... Aliás...a...a... As três secções que... que neste momento *tão* ativas no Clube, quer a... o... a parte da ginástica, quer o... o Grupo do “Correr em Giesta” quer o grupo de Veteranos que... que se

insere no futebol são... Parte ativas nesse sentido... De mobilizar as pessoas para o seu bem-estar físico e mental.

Hã... Aqui relativamente à origem dos projetos já falou aqui um bocadinho há... Como é que o... Falou-me um bocadinho do fim do futebol... Entretanto o “Correr em Giesta” Há... Veio... Criou-se o “Correr em Giesta”... Mas gostava que me explicasse aqui um bocadinho, portanto era um grupo que já existia, não é? O “Correr em Giesta” mas que foi... Consegue explicar-me aqui um bocadinho este processo da origem do “Correr em Giesta” já que está há... Nessa secção, não é?! Se me pudesse... [sim] explicar um bocadinho...

Sim o “Correr em Giesta” de facto já existia e... e nós há... Ponderámos com a questão do futebol... e na altura... Na altura certa, há... Nós pensámos em realmente inserir a parte do “Correr em Giesta” onde dialogámos com essas pessoas que *tavam* à frente e...e... e... e em várias assembleias achámos por bem convidá-los, de certa maneira. Eles abraçaram este projeto. Foi um projeto que foi *pá* frente e... *tá* a ter, posso dizer se calhar *tou*-me a adiantar já um pouco, mas posso dizer que *tá* ter uma dinâmica bastante, bastante boa... Há... *Tá* a ser um incentivo muito bom *pá* alguns jovens que nós temos também a correr... Há... E *tá* a ser, acho que *tá* a ser uma experiência boa porque dinamiza o convívio, o tal bem-estar e já temos ido a algumas provas e mobiliza realmente as pessoas... e *tá* a ser um... um... Um processo bom. Com alguma angústia, evidentemente, *na* escondo aqui... Há alguma angústia do futebol ter... ter terminado... Mas, face às circunstâncias que disse anteriormente, não, *na* seria muito... muito possível nem muito viável continuarmos a remar contra a maré. Mas refere angústia porque [angústia...] há pessoas que não aceitaram bem o término do futebol, é isso? Sim, há sócios que efetivamente hoje ainda dizem... que não há futebol e sempre houve... E na há futebol... Mas pronto... Somos um bocado... Em certas circunstâncias somos um bocado impotentes em resolver a carolice de alguns, *né*? Mas enfim, são situações...

Hã... E relativamente ainda ao futebol, há... Uma vez que refere que as pessoas se lamentam... E que há aqui uma angústia associada ao fim do futebol, que de certa forma, era a imagem, pelo que entendo, era um bocadinho a imagem do Grupo Desportivo mas... Considera que a adesão dos sócios aos jogos que justificava... Portanto, os sócios assistiam frequentemente aos jogos principalmente aqui na terra, ou já se vivia quase que um abandono... Não é? O que é que considera?

Bem... Esse era um problema também. Se chegámos, apesar de no distrito e na competição onde nós nos inseríamos não eramos dos campos onde metíamos menos pessoas, de facto. Há... Mas acontece que muitos... E... É... Isso é um ponto que devo aqui frisar muitos daqueles que hoje se lamentam eram alguns dos que lá não apareciam! Pronto... Eu *tou* a falar nesta parte, mas é uma parte que eu falo com alguma crítica, mas é uma parte que merece ser referenciada, e esta é a

realidade. E se calhar essas pessoas quando não apareciam, se aparecessem se calhar, hoje se calhar tínhamos outras condições... Que... que não temos. E, e, isso... isso é evidente. Agora... pronto... Foi... Hã... A angústia dessas pessoas também é a minha... E... E eu também... Se calhar também posso dizer hoje que se calhar poderia fazer mais alguma coisa... Todos nós podemos fazer, só que chega-se a um ponto que... as instâncias que deveriam apoiar também não se chegam à frente... De certa maneira... Que há instâncias que nós... Não tínhamos verbas da Câmara Municipal... Já na tínhamos verbas... **Hum, hum... E que instâncias é que diz que poderiam ajudar?**

Por exemplo, a autarquia. **[Hum, hum...]** Junta de Freguesia, autarquia poderiam ajudar muito mais, né? Na minha opinião. **Hum, hum...E esse apoio não... não se verificou?** Esse apoio, ti... tinha... existia eu sei que antes de vir pá direção eu sei que existiam apoios da... da Câmara. Um apoio estipulado pela Câmara, uma verba anual... que... que depois deixou de existir e... como, como é evidente um Clube como o nosso com o mínimo de receitas há... era impossível sustentar o futebol onde... onde ele avulta muita, muita, muita despesa. Eu posso dizer que, o valor anual para uma época de futebol rondava os 15 000€, 16 000€, pa um Clube como o nosso tá a ver né? É complicado.

Falou também nos “Veteranos”, pode explicar um bocadinho melhor o projeto dos “Veteranos”?

Bem... Os “Veteranos” eu não... eu não... *na tou...* não, não não *tou* bem inserido no planeamento da... da própria organização deles. Mas sei que, que... É uma equipa de futebol que não... que não está oficial, ou seja, que não entra na competição. Eles fazem jogos... Têm jogos agendados mas é jogos sem competição. Hã... É jogos mais para o convívio, e assim...

E os jogadores? Quem é que faz equipa? Como é que surge? São antigos jogadores? Sim, normalmente são antigos jogadores do Clube onde eles... Onde há uma regra que é... O facto de ser verano é só a partir de x idade que eu não... Agora não sei especificar qual... Mas é só a partir da... de determinada idade que... que eles... É uma regra. Imposta por eles. **Mas são antigos jogadores do Grupo Desportivo?** Exatamente, exatamente. **Hum, hum...**

Ok. Vamos aqui avançar. Hã... Relativamente à definição das atividades... Quem é que... que participa na definição das atividades. Quem é que decide o que se faz? Como é que este processo acontece?

Ora bem, essas atividades... **[qualquer uma... qualquer atividade geral]** Qualquer atividade do Grupo em geral quer na parte cultural, quer na parte desportiva, neste âmbito, é... É coordenada por uma Assembleia ou por um... Convoca-se uma Assembleia ou uma reunião, digamos assim, pra combinar, pa planificar determinadas, determinadas eventos.

É reunião com todos os elementos da organização, é isso? Exatamente. Que é convocada essa reunião e nessa reunião é abordado aquele, aquele evento que essa parte pretende, ou seja, a parte cultural, ou a parte desportiva, e depois é coordenado... Mediante as possibilidades também do Clube... É coordenado por essa parte.

Então o que me está a dizer é? O que eu estou a entender é: existem secções de trabalho, não é, com grupos mais reduzidos. Cada secção aprofunda e elabora propostas, e leva a reuniões alargadas onde se decide, é isso? Sim, sim... Exatamente. É isso. Basicamente é isso!

Portanto, decide-se pela maioria, ou há alguém que dá uma... Tem sempre uma palavra a dar definitiva?

Evidentemente, que trocamos ali impressões e...e chegamos sempre ao bom porto de fazer da melhor maneira possível, ou que que julgamos, *né?* Julgamos ser a melhor forma possível, *na* quer dizer que corra tudo bem mas posso adiantar que enquanto eu cheguei à direção posso adiantar que as coisas não tem corrido mal... Tem corrido até bem... Porque todos trabalham e todos lutamos *pó* mesmo e somos uma equipa de trabalho, ao fim ao cabo somos uma parte única. **Certo.**

Relativamente ao público alvo. Portanto estes vários projetos que o Grupo desenvolve... Tem... A quem é que se destinam a nível de público alvo? A que é que se dirigem os projetos, as ações desenvolvidas?

Ora bem, há... Essa parte dos projetos e das ações são, são... um pouco... digamos... São um pouco contraditórias... Aí a pergunta da Márcia *tá-me a deixar aqui um bocado...*

Ou seja, as atividades destinam-se a quem? A jovens? A adultos? Só quem corre? Ou... tem um público específico, ou tem um público alargado...

Não... As atividades são... São demonstradas *pra* que quiser... Por exemplo, na corrida quem quiser aparecer aparece... Na ginástica quem quiser aparecer, aparece... No futebol já é diferente... Já é mais especificamente, quem jogou futebol, *né?* Porque não é propriamente já uma aprendizagem. E aqui na corrida é alargada a toda a *gente* que quiser... Quem quiser... Aliás a corrida depois tem também vários componentes, ou seja, é... Pode ser uma corrida longa, pode ser uma caminhada e aí toda a faixa etária pode... **Portanto, são atividades alargadas** [são atividades alargadas à comunidade] **a comunidade. Ok.**

Hã... E como é que as pessoas fazem para participar? Portanto podem participar... As pessoas... Qualquer pessoa pode participar. Querem participar. O que é que têm que fazer? É preciso fazer alguma coisa? Como é que funciona?

É assim, na parte... na parte concreta do “*Correr em Giesta*”, da parte das corridas, é feita uma publicação, há... onde há treinos, onde há corridas, onde há caminhadas e é feita determinada

publicação em que as pessoas consultam e sabem... **[é publicação em rede social, é isso?]** Em rede social, e podem aparecer! **Portanto, é só aparecer!** É só aparecer! **Equipados e aparecer.** Exatamente, exatamente... **Ok. Sejam sócios, ou não sócios?** Sejam sócios, ou não sócios. Embora, embora... Há... Posso dizer que na parte... na parte da ginástica há ali uma restrição... Há... Ou seja, um sócio usufrui há... Com um preço... Usufrui com um preço mais reduzido do que o não sócio. **Hum, hum...** O que eu acho bem! **E na corrida já não?** Na corrida já não... Na corrida já é alargada à população... Já é alargada à população em geral... Quem quiser aparecer... **[hum, hum...]** Embora, embora, embora haja também algumas restrições que... que nós nós fizemos também na parte do equipamento adquirido... que foi a maior parte do equipamento foi adquirido por nós, e aí também há um bocadinho mais de atenção *pó* sócio... **Ou seja... O custo do equipamento é mais barato.** O custo do equipamento é mais barato. Exatamente.

Agora relativamente à prática, há... peço desculpa, saltei aqui uma questão. Relativamente a estas atividades, a estas ações que o grupo desenvolve quem é que as executa? Portanto, pensa-se num projeto, o projeto vai para a frente. Quem é que o põe em prática?

Quem põe o projeto em prática? **Qualquer um? Já percebi que há várias secções, não é? Quem é que representa as secções? Quem é que põe... Porque por exemplo, fala-me da ginástica. A ginástica provavelmente haverá um professor que dá a aula, mas por exemplo o correr também tem um professor? Há... Como é que funciona? Quem é que garante a... o desenvolvimento das atividades?**

Portanto, na corrida temos neste momento, temos um... o rapaz que é responsável que é o Carlos Oliveira que nos dá os treinos... que... que ele tá-nos a dar os treinos e... e, pronto, é o Carlos Oliveira. Na corrida...

Sim. Então e se o Carlos não puder estar, não há treino?

Sou eu, ou avança outro... Eu próprio... já tenho, já tenho dado treinos. O Redolfo Pereira... Ou o Zé Oliveira também... Então **neste caso são os próprios dirigentes que executam e** [sim, sim, sim...]
garantem o desenvolvimento das atividades, e o mesmo provavelmente acontecerá nas outras secções falou-me também na secção cultural, não é? Quem é que... que... Têm que ser também os dirigentes a... Sim. Na secção cultural já é diferente. Já, já têm um... já têm um professor, um PT, digamos assim, que já assume, já assume as aulas, há... Já é o coordenador, já é ele que faz as aulas. Já tem um PT, já é de maneira... já um bocado mais digamos que mais organizada.

Há... E relativamente agora à prática mesmo das atividades... Há... Como considera a sua relação com os participantes?

Considero.... Normal. Considero normal. **Uma relação normal.** Uma relação normal, exato.

E como considera que os participantes o vêem enquanto dirigente desta organização?

Também *duma* forma normal. Aliás, eu acho que *duma* forma geral apesar de trocarmos impressões aqui ou ali, *duma* forma geral damo-nos todos bem. Daí eu também ter dito há pouco que as coisas até nem têm corrido mal. Tem corrido bem mediante o âmbito que é, têm corrido bem. Por isso penso que não é por questão de... de companheirismo... Isso tá a correr tudo bem.

Mas a percepção que tem é que as outras pessoas vêem... vêem o Zé como um bom dirigente, uma pessoa que faz um bom trabalho pelo Grupo, ou não? Está a rir-se!

Aí, aí na posso ser eu a responder, *né?* ***Mas nós temos uma percepção!*** Se eu tivesse... É assim... Se tivesse uma percepção que tudo corria mal ou que... que eu era indesejado... Ou... Eu era o próprio se calhar que me demitia... de determinadas funções. *Na* sinto isso. É como *lhe* digo acho que temos ótima relação no seio dos dirigentes da parte da direção. Aliás, foi isso, é farto de ser vincado pelo nosso presidente nas diversas Assembleias que temos que... que ele conta com uma equipa como nunca teve. É uma expressão dele. Hã... Por isso, também é uma forma de motivação talvez para nós... Todos. ***Hum, hum...***

Hã...O público alvo participa na definição das atividades que se desenvolvem? Neste caso, sócios e não sócios, uma vez que os não sócios também são participantes em algumas atividades? Mas aqui mesmo pensando mais... Hã... Talvez, até nos sócios... Portanto, participam na definição das atividades?

Evidentemente que nós gostávamos que participassem muito mais, *né?* Hã... Nós gostávamos que participassem muito mais, mas... Acabam por participar, acabam por participar...mas não é...não é aquela afluência que nós desejávamos... ***[sim...]*** Infelizmente, porque... Por diversos motivos...

Mas aqui ...eu referia-me mesmo à questão definição. Quando se pensa na ideia, se os participantes participam, ou seja, há contacto com as pessoas p'ra saber o que é que as pessoas querem, o que é que as pessoas gostavam que se fizesse ou apresenta-se já uma ideia feita? Vamos desenvolver esta atividade, quem é que quer ir? Ou há um trabalho em que os próprios participantes acabam por ser envolvidos?

Vamo lá ver... Hã... Há uma... uma pré-divulgação de qualquer atividade. E a pessoa que... que quer mesmo participar, ou ter parte ativa, na... nessa... nessa atividade evidentemente que se mostra disponível para tal. Eu falo também na parte cultural que... que tivemos um sucesso muito grande... na parte... na... na... em algumas atividades que se fez e as pessoas acabaram por participar e... e... com uma afluência bastante boa. Eu falo da última atividade que houve que foi um mercado de natal da parte cultural que foi um sucesso. Falo também numa festa de verão que fizemos que foi da

parte cultural, foi também um sucesso. E aí as pessoas participam, têm interesse em participar. Agora na... na corrida evidentemente que a corrida é uma rotina, passa por uma rotina há... é mais constante, há... é mais constante, há... Digamos que aquelas determinadas pessoas irem... Vão mais determinadas pessoas, as outras aparecem uma vez... Lembram-se aparecem outra...E é assim.

Hum, hum... Ok

Relativamente a parcerias há... O Grupo estabelece parcerias com outras associações locais, ou mais afastadas?

Hã... Sim...Hã... Quando eu... o primeiro ano... Tínhamos parcerias. Aliás nas festas de verão existiam parcerias pela Junta de Freguesia, há... Existia a elaboração de... de... de juntar todas as instituições da terra. E aí sim. Aí tínhamos a nossa parte como as outras instituições tinham as delas, e fazíamos tudo como um misto no seu todo. ***[Hum, hum...]***

Portanto, o que me diz é que aqui a nível local há apoios e as instituições apoiam-se mutuamente?

Sim, sim, sim. Apoiam-se... Apoia-se mutuamente porque somos uma localidade pequena, ***né?*** E normalmente a comunidade de... de determinada instituição *tá* também na outra, ***[Hum, hum...]*** e aí gira um pouco... Às vezes com diversos...diversas concordâncias mas isso é... é normal.

Então mas quando falamos nestes apoios estamos a falar em dinheiro, estamos a falar em equipamentos, em... Espaços, cedência de espaços... Referimo-nos...

Não... Apoios... Quando se referimos a apoios referimo-nos ao trabalho de todos, do misto de cada... de cada instituição. O apoio... que vem é o apoio da Junta de Freguesia que é restrito à... às... a todas as instituições... E, e dá ali aquele apoio. Ou seja, aquele empurrãozinho e as instituições depois trabalham em prol... Foi o que se passou nas festas anteriores. Este ano já não. Já foi diferente. Já cada um fez a sua festinha. Já foi diferente... Agora no ano corrente, devido à atual situação... Hã... Não vai haver festas... É mais, é mais uma, uma dificuldade... ***Ok.***

E agora relativamente aos participantes, há... Considera que as ações que o Grupo desenvolve, que contribuem para melhorar as suas capacidades individuais? Ou seja, acha que os participantes ao participarem nas atividades que o Grupo promove há... desenvolvem capacidades individuais, como a confiança, participam mais, sentem-se mais... com autoestima melhorada...

Sim, como referenciei anteriormente... Evidentemente que é um dos objetivos principais é esse mesmo, é... é que as pessoas se sintam bem... que tenham uma produção... muito boa na sua vida ativa... há... quer na parte do desporto quer na parte emocional, que a pessoa se sinta realmente

bem; e esse, esse é o nosso objetivo e... e acho que em parte temos conseguido... temos conseguido de certa forma atingir esses objetivos. **Hum, hum...**

E ainda relativamente aos participantes, o facto de participarem nas atividades do Grupo Desportivo, acha que aumenta a sua participação comunitária? Sente que as pessoas participam mais, expressam melhor a sua opinião, sem... sem receios, os seus pontos de vista, sentem mais unidos, mais união, o sentimento de pertença, de orgulho na terra... Sente que... que... que acontece este aumento de participação comunitária, das pessoas?

Sem dúvida, sem dúvida, é uma... é o convívio... É a pessoa *tar* a... *tar* no próprio convívio e... e temos exemplos em que... em que nós vincámos muitas das coisas que existiam anteriormente, há... Posso... posso falar numa situação concreta que é um hino que existia há muito, muito tempo e... e isso foi referenciado e foi, e foi... de certa maneira potenciado nos áudios... nos áudios de instâncias há... mais além da nossa terra e... e isso *p'ra* nós foi um motivo de... de orgulho, como... como... E isso é mesmo o que a Márcia disse... Foi potenciado devido à abordagem das pessoas umas com as outras, do convívio, da conversa... E foi... E foi vincado essa parte que foi o hino. **Hum, hum...**

Hã... E considera que o acto dos participantes hã... participarem nas atividades promovidas pelo Grupo Desportivo que provocam mudanças ao nível da capacidade de tomada de decisão das pessoas? Acha que...

Vamo lá ver... Isso aí já é uma... uma parte... Já é uma... Eu acho que sim! Eu acho que sim! Mas já... já depende da criatividade, talvez... e... e da incidência de cada um... Mas eu julgo que sim... Julgo que... que tem... É um fundamento para isso. *P'ra, p'ra* essa parte das pessoas... divulgarem mais... se... se... Conviverem e ao conviver... Pronto... Realçarem diversas coisas... Hã... Da atualidade, por exemplo... **[Hum, hum...]** Eu acho que sim. **Ok**

Agora, relativamente à organização. Hã... Considera que os projetos e as ações desenvolvidos pelo Grupo contribuem para... Melhorar as competências nas estruturas de liderança? Ou seja, quem está a liderar o Grupo também vê as suas... hã... as suas competências melhoradas, ou não?

Sim, nós *tamos* sempre a aprender. Quem... Quem tá na... na... na parte da direção... Quem tá... Qualquer líder tem que ter a humildade suficiente de... de aprender a... e de assimilar qualquer situação que haja... E, e nesse contexto, sim... *Tá* sempre a aprender... Com **[Hum, hum...]** com essa envolvimento.

Hã... E ainda, hã... Em relação à organização acha que... os projetos desenvolvidos melhoram

a participação comunitária da própria organização?

Sim, melhoram... Embora... É assim, nós temos... nós temos... Temos a consciência que não somos profissionais. Todos nós temos os nossos trabalhos, todos nós voltamos para um melhoramento e evidentemente que melhora, mas... Evidentemente, que não há sempre uma conclusão definida nessa parte. Há sempre que melhorar, sim! Isso, isso é óbvio, mas não há um... um fim de conclusivo. Nessa matéria.

Hum, hum... Mas acha que... que as ações que o Grupo desenvolve acabam também por aumentar a sua participação na vida da comunidade, a interação com outras associações, com atividades que façam em conjunto, com a própria dinâmica comunitária. Acha que a própria organização ganha uma dinâmica diferente, principalmente na vida da comunidade?

Ganha, ganha. Sem dúvida que ganha! Porque há diversos fatores que... que... que nós *amos* sempre a aprender e com eles... e... e ganhamos essa vivência também... de certa maneira, porque também lidamos com pessoas experientes... e...e...e... e nessa parte ativa eu penso que sim. Penso que... que *amos* todos a ganhar, no campo geral penso que *amos* todos a ganhar com... com essas atividades.

Hã... E relativamente ainda à organização considera que as ações desenvolvidas contribuem para... um maior reconhecimento por parte dos seus membros, e da comunidade no geral? Ou seja, a importância da organização no contexto, se as pessoas reconhecem ou não reconhecem importância à organização, como é que a organização é vista tanto pelos seus membros como pela comunidade em geral...

Reconhecem sim. Reconhecem porque... porque a partir do momento que... a partir do momento que... que se motivam e que têm uma motivação... Amanhã vou treinar... Vou aparecer lá a baixo às 19h *pa* ir treinar... Com certeza que é [*hum, hum...*] por... porque sim. Ficam eles contentes e ficamos nós.

Claro, claro. E quem não é sócio, nem membro, nem participa em atividades acha que ainda assim reconhece importância à existência da associação, do Grupo, ou não?

Hã... Posso ser sincero? E... e dizer que... A grande maioria que toma parte ativa nestas atividades são... são sócios. São sócios, a grande maioria. Hã... A parte do associado é também uma... uma parte que nós temos no Clube que pretendemos melhorar. Porque pretendemos melhorar a diversos níveis... Há pessoas que... que têm o nome de sócios e... e...e nem... já não são sócios há muito tempo. Têm lá o nome e...

Mas diz que já não são sócios porquê?

Porque... Hã... Porque não pagam. Não pagam as cotas, e essas pessoas têm que efetivamente ser chamadas e... pronto... *Pa* dizer se quer continuar, ou não quer e nós... foi um tema que abordámos

em algumas Assembleias... E há...um processo que *tá* a decorrer *p'ra, p'ra* chegarmos a um, a um bom porto nessa parte. Também não queremos ser exigentes ao máximo de... de excluir as pessoas, mas pretendemos realmente um entendimento porque senão essas pessoas *tão* a tirar partido há... Realmente *tão* a tirar partido mais do que o sócio pagante.

Pronto... Terminámos a entrevista. Não sei se quer acrescentar alguma coisa.

Não *p'ra* mim como disse no início foi... Resta-me agradecer. Há... E foi gratificante para mim *tar* aqui este bocadinho para o seu bom sucesso do seu trabalho.

Muito obrigada.

Entrevista 3

Boa tarde. Aproveito para agradecer ter-se disponibilizado para ceder esta entrevista. Há... No mínimo vai demorar uns vinte minutos. E... há... Pronto, vamos lá começar.

Começava por pedir que dissesse o seu nome completo.

Jerónimo Custódio da Rosa Coelho.

Idade. 57 anos, Comerciante e fabricante de pão.

Onde vive? Vivo em S. Sebastião da Giesteira.

E... Além de ser dirigente do Grupo Desportivo Unidos da Giesteira é membro de outras organizações?

Sou chefe do Agrupamento 1121 S. Sebastião da Giesteira e sou, agora também recentemente, tesoureiro do Centro Social e Paroquial de S. Sebastião da Giesteira e vogal no Centro comunitário de S. Sebastião da Giesteira. Portanto. Quase todas as instituições de S. Sebastião da Giesteira. ***Ok.*** Menos na Junta de Freguesia! Percebemos qje é aqui um membro ativo na comunidade.

Relativamente então à posição que ocupa aqui no Grupo Desportivo é dirigente desta organização há quanto tempo?

Já fiz partes das... de umas poucas direções, mas nesta *p'aí* há um ano. Nesta *tou* há pouco tempo. Um ano.

E que cargo ocupa?

Vogal, acho eu... Vogal da parte do Grupo "*Correr em Giesta*". Mais ligado ao grupo da corrida. ***Hum, hum...***

E para si, no seu entendimento qual é a missão desta organização?

No meu entendimento, esta organização... É tentar dinamizar e promover, há... saúde e há...a prática de exercício físico. O que leva ao bem-estar da sua população. Essa também é o objetivo final, mesmo. ***Hum, hum...***

E como é que define as suas principais funções nesta organização, o seu papel na organização?

Eu tenho sempre um papel até muito, muito, muito, muito fraco. Tem sido mais de ajuda a quem está mais na frente porque também tenho outros cargos mais... que me ocupam muito tempo. Mas tem sido só mais divulgação da corrida e da prática da corrida e da caminhada. Tem sido basicamente isso. É o que eu tenho feito.

Portanto, o seu papel está mais relacionado com o projeto “Correr em Giesta”?

Sim, é mais relacionado... atualmente, nesse sentido.

Relativamente aos projetos e às ações que... que esta associação há... desenvolve qual é que considera ser aquele que mais se ajusta à missão da organização, ou que mais é a imagem do Grupo Desportivo atualmente?

A imagem do Grupo Desportivo foi quase... foi sempre a parte do futebol, *né?* O futebol morreu basicamente... Acho que podia *tar* um pouco parado... Não só por este caso da pandemia, mas *teve*. Tá muito aquém daquilo que se espera de um Grupo Desportivo. Principalmente na parte, na área recreativa, então! Tá muito parada, e agora na parte desportiva, então... Deu alguma, deu alguma... Trouxe alguma lufada de ar fresco a criação e a ligação do grupo “Correr em Giesta” ao Grupo Desportivo. A ligação que houve trouxe mais atividade... Também a formação do grupo de ginástica, também tem trazido mais alguma atividade, mas... Podia haver mais... sinceramente. Acho que podia haver muito mais que isso! Não *tamos* com muita atividade desportiva. Devíamos ter muito mais.

Hum, hum... Então pelo que refere há... o projeto “Correr em Giesta” é talvez o projeto mais ativo e com mais impacto na comunidade do Grupo Desportivo?

Eu penso que sim. Acho que foi, o grupo “Correr em Giesta” que tem trazido até mais gente à prática do desporto, à corrida, à caminhada, à ginástica... Foi através dessa ligação que se fez com o Grupo Desportivo, porque senão, senão fosse isso...Acho que o Grupo Desportivo nesta altura estaria muito, muito mal porque perdeu a sua atividade principal que é o futebol. Também nunca apostou muito na... na formação, também não tem muito... Não há muitos miúdos aqui *pa* formação, na... Portanto...morria mesmo...Sei lá... Acho que morria mesmo, porque... Sinceramente.

Então aqui focando aqui um bocadinho a questão do “Correr em Giesta” há... qual foi a origem

deste projeto, esta ideia, como surgiu, quando surgiu...

Hã... Esta ideia surgiu aí há quatro, cinco anos... *pá* começou-se a ver por outros lados pessoal a correr... Uns corriam em Lisboa à noite, outros que iam não sei quantos todo o dia... E *pá*... aqui também o pessoal começou a mostrar interesse também por começar nessas corridas e... e começou a pouco e pouco... até com poucos há... Ao início eram só três ou quatro pessoas que corriam. Ou dois ou três. Eu sozinho com outro elemento. Muitas provas... mas foi-se juntando mais gente e agora *tá* a ter *pá*... Acho que *tá* a ter uma boa aceitação embora se pudesse... A quantidade de pessoas que há em S. Sebastião podia ser muito mais... Podia mais gente participar...

Então pelo que diz este projeto já existia e foi, então, incluído...

Acho que não era bem um projeto... O pessoal corria só porque juntava-se ao domingo... íamos correr. Não era que houvesse alguma coisa definida como por exemplo agora. Há treinos definidos, **[Hum, hum...]** há dias para fazer um treino, há provas onde se ia... Onde... Era esporadicamente. Apetecia-lhe ir correr e não apetecia, não corria. Não havia aquele compromisso. Acho que não era bem um projeto... *Pá*, o pessoal começou a gostar de correr, e mais gente se começou a juntar **[hum, hum...]** *p'ra, p'ra* correr.

E agora já é de uma forma organizada?

Sim, agora já é uma forma muito mais organizada, já também com o apoio oficial do Grupo Desportivo e a ligação que houve ao Grupo Desportivo agora já mais... muito mais a sério, *né?* Outras... outra...outras...outras facilidades, já com outras coisas que se fazem. Outro tipo de treino também, *né?* **Exato.**

Hã... Em relação às atividades quem é que participa na definição das atividades? Ou seja, quem decide o que se faz, como é que se processa esses... esse momento de decisão do que é que o Grupo vais fazer?

Nas atividades do "Correr em Giesta"? ***De qualquer... Das atividades do Grupo Desportivo. Quem é que decide, como é que se processa este...***

Essa, essa tem sido agora ultimamente uma das grande situações é que não tem havido qualquer decisão para se tomar. Quer dizer... as coisas tem *tado* um pouco paradas e não... Não... Da... da... Daquela vez que houve aquela decisão de se formar... de partir para organização de uma corrida... Houve umas quantas reuniões, a coisa tinha que ser bem organizada, *né?* Houve aquele estabelecimento de primeiro participava-se numa reunião, lançava-se a ideia, depois a partir daí as pessoas apoiavam ou não a ideia. Toda *a gente* apoiou a ideia de organizar uma prova. Mas... Agora não tem havido esse relacionamento entre direção e ideia. Tá uma ideia no ar, sobre uns exercícios para fazer no campo de futebol... Hã... Mas não houve... Houve alguém a propor uma reunião, mas houve logo alguém a também não é necessário uma reunião. Não ando um bocado... As coisas

agora andam um pouco, acho que andam um pouco desorganizadas, não andam muito organizadas. **Também poderá ser reflexo deste momento que vivemos da pandemia muito tempo...** Eu acho... Eu não sei se é isso, se é o pessoal que começa a *tar* farto ou já *tá* há muito tempo nas instituições, começa a *tar*... começa a faltar-lhe também alguma capacidade de... de dinamização das coisas... De inovação *né*? Quanto mais capacidade de inovação tiver mais *gente* tem nas atividades. E se não tiver... Por isso é que ele se anda agora a tentar organizar espaço no campo de futebol com exercícios, com outras coisas, *pa* ver se também há mais *gente* a participar. **Se criam novas dinâmicas.** Novas dinâmicas, *né*? **Ok.** Porque se não houver ninguém aparece

Portanto, e em relação à execução das atividades? Portanto, as atividades são definidas, quem é que as executa? Ou seja, há atividades que são só para os participantes não é? E as pessoas vêm... Mas por exemplo, talvez no caso do “Correr em Giesta” talvez seja preciso alguém a liderar o momento de treino, ou outras atividades que o Grupo possa desenvolver é preciso que alguém prepare as coisas, prepare os espaços... Quem é que executa? Quem é que faz essa preparação das atividades?

Eu acho que quem executa é sempre há... Duas ou três pessoas que *tão* sempre na organização disso, *né*? É quem... quem... Decide por exemplo organizar uma corrida onde vai muita gente... Quer dizer... Quem prepara a deslocação, quem prepara até as próprias inscrições, quem faz a marcação dos almoços... às vezes almoçamos no local, quem faz... três ou quatro pessoas que estão mais diretamente ligadas àquele... àquela área... neste caso a corrida, *né*? Da caminhada outras... São outras pessoas... Neste caso da corrida são sempre três ou quatro pessoas que *tão* mais diretamente... Mais diretamente na...na...no...no... na... na...na cabeça mesmo, em frente, *né*? Esses é que... E depois executam... quer dizer... Comprometem-se e fazem esse tipo de situações. E depois as outras pessoas às vezes quando... E toda a gente nota quando é bem organizado, e bem dinamizado que as pessoas vão. Às vezes nem é mal organizado nem mal dinamizado e depois já não vão. Essa também é uma grande questão! É... o que falávamos aqui há pouco... Se há uma boa dinâmica da organização as pessoas também vêem confiança e aderem nas atividades. Quando é assim, qualquer e digo que já tem acontecido, era *pa* termos participado na corrida do *Tejo* e não... não... não concretizámos porque andou tudo ali de lado para lado e ninguém... Não organizámos bem como devíamos ter organizado... E depois a coisa não... Acabámos por não ir, *né*? Mesmo a nível do grupo do “*Correr em Giesta*”, fomos através de outro grupo mas notou-se que a falta de organização foi muito... Foi o que levou a que não houvesse... E podíamos ter organizado uma boa corrida, *pa* irmos lá! Mas não houve. Essa é uma das questões que... Portanto, há sempre três ou quatro pessoas. Se não houver três ou quatro pessoas que se cheguem à frente e liderem essa questão, não vale a pena. Porque não... A coisa depois não corre bem.

Portanto aqui quem executa as atividades são sempre membros do próprio Grupo?

Sim, sim, sempre, sempre... *Gente* de fora acho que não...

Portanto, falou numa questão importante que é o comprometimento. As pessoas comprometem-se e depois chegam-se à frente entre aspas e tentam assegurar há...

Sim.. Então lá nisso acho que tem sido... O Grupo tem sido... Quando organiza bem isso *atão* as coisas correm bem, quando não há uma boa organização nota-se logo que não... *qua* há logo ali... Mas se não houver alguém que se chegue à frente mesmo e diga sou eu mesmo o líder do grupo, vou participar, eu é que vou comandar! Então não vale a pena! Porque às vezes se começa a espalhar-se as coisas se desse a dar... a dar... por exemplo que opinião tens tu? Que opinião tu queres? Não se gera consenso nenhum às vezes tem alguém que bater. Que dar um murro na mesa; Não! Olha é assim que vamos fazer e pronto. Se correr bem, eu penso que vai correr bem mas... se correr mal da próxima vez terá que se chegar outro à frente. Porque se não assim nunca mais. **Ok**

Agora relativamente ao público alvo. Há... A quem é que se dirigem as atividades, os projetos que o Grupo Desportivo Desenvolve?

Em princípio... Principalmente deviam se dirigir aos sócios mas essencialmente deviam dirigir a toda a população, *né?* Porque o Grupo também é uma instituição de utilidade pública, *né?* Também tem essa matriz, tem esse dever de proporcionar atividades para as outras pessoas, para todas as outras pessoas. A questão às vezes é que ou por mal dinamizada ou por mal organizadas porque às vezes... é como ver o copo meio cheio ou meio vazio, quer dizer, às vezes não percebo se as pessoas não vão porque acham mal organizado, se quem está não organiza bem porque já sabe que pouca gente vai vir... e então não, não, não tá a dar assim tudo o que tem *pa* dar... Mas essencialmente devia ser todo o público pelo menos aqui neste caso do desporto. Um bocadinho de desporto devia ser convocado, e devia ir.

Mas considera que as atividades desportivas do Grupo são aberta à comunidade em geral?

Epá! Há... A ideia é serem abertas à comunidade em geral. Eu acho que sim. Como é que *a gente* traz cá a comunidade em geral é que é a tal história da dinamização. Porque eu acho que... *Pá...* Isso só atinge um certo núcleo... É aquele núcleo que geralmente costuma ir e ninguém se preocupa mais em chamar outro grupo, porque pensamos já aquele à partida se calhar não vem! E fazemos uma ideia errada do que é isso. Não tentamos dinamizar através... De uma outra forma, de... de... Não é de mandar uma mensagem para o telemóvel, nem de, nem de pôr um panfleto... Se calhar até falar com certas pessoas, *epá!* Aquela pessoa já praticou atividade física? Agora não faz, o que se passará? Vamos lá tentar que ele venha e traga algum amigo... Não isso não se faz! Isso não se faz! Aqueles que lá *tão* e pronto esquecemo-nos do resto. Podia ser mais... Podíamos chamar mais *gente*. Há mais *gente* de certeza que... Há... Isto às vezes é questão de provar ou não as coisas, se

não provar nunca chegam a gostar. Essa questão é muito... Dinamização... Por isso é que eu coloco às vezes esta questão: às vezes que está a organizar há... se não sentir... Se não faz uma atividade que sinta que as pessoas também participam, vão participar, quando organiza a próxima, “*epá*, fartei-me aqui *com* preparar e no fim não apareceu ninguém, se calhar as pessoas não estão interessadas nisto!” Às vezes tem-se essa... essa... essa questão. **[Hum, hum...]** Não sabemos bem se as pessoas querem ou não querem, ou se nós é que não dinamizamos ou dinamizamos bem. **Hum, hum...**

Ainda aqui tocando um bocadinho neste ponto do público em geral, da população em geral há... Uma vez que considera que é... que são atividades abertas à comunidade independentemente de se considerar que a adesão pode ou não ser há... a expectável, há... as pessoas podem participar, têm acesso à informação?

Sim têm, têm, penso que sim. Só não têm é motivação para irem. Quem não *tá* habituado a ir... Precisava de outro tipo de motivação. Precisava de outro tipo de... de...de...de...de... De chamariz, de outro tipo de alerta, *né?* Outro tipo de mensagem, *pra* poder vir, *né?* Às vezes as pessoas até pensam se é só aquele grupo, se calhar aquilo não vai correr bem... Vou desafinar lá aquilo que eles fazem... Às vezes tem-se um bocado se calhar essa ideia, penso eu, *né?* Com tanta gente que há, e há tão pouca gente a participar, *né?* Nós não somos propriamente uma freguesia com gente envelhecida. Somos uma freguesia com gente muito jovem. E por vezes há tão pouca gente a participar que... faz pensar isso... Não... não... Nós ainda não chegámos bem... encontrar a forma de tocar, *né?* **[sim]**

Agora aqui relativamente à prática como considera que é a sua relação com os participantes, enquanto dirigente há... que relação acha que tem com... com os participantes?

Eu acho que tenho uma relação boa. Também faço por isso. Quer dizer... Eu tento em qualquer instituição que estou acarinhar as pessoas e sentir... fazer que elas se sintam bem naquilo que estão a fazer... Que se sintam apoiadas naquilo que vão fazer e que não há... Não vai haver problemas porque as coisas estão organizadas, estão preparadas *pa* isso. *Epá*, a experiência que tenho já de tantas dir... dir... dir... De tantas vezes ser dirigente de tantas instituições, eu penso que sim que as pessoas tem uma boa... Sinceramente acho, modéstia à parte, penso uma boa opinião da minha pessoa que nessas coisas onde eu estou *epá* tento organizar bem e que as coisas se cumpram e toda a gente se sintam... Ninguém se sintam há... desprotegido nem fora do grupo, isso *atão*... Com quem participo, gosto que toda a gente se sintam dentro do grupo. Não há ninguém para ficar de fora. Nesse aspeto tenho uma boa imagem minha. Penso eu não sei... **[Hum, hum...]** Se alguém falar mal de mim, fale, mas penso que têm uma boa imagem. **Exatamente.**

Hã... O público alvo participa na definição das atividades que o Grupo desenvolve? Tem alguma interferência?

Eu acho que não. *Epá* eu acho que aí não... Aí é basicamente quem define... Três ou quatro que definem e depois as pessoas *epá*... um ou outro...haverá...às vezes há sempre ou um ou outro que dá uma ideia sobre uma situação qualquer. Isso aí acho que se deve ter sempre em atenção... Ninguém sabe tudo, portanto estamos sempre abertos... Onde estou a organizar *tou* sempre aberto a novas propostas, e aceito muito bem que alguém que venha com uma ideia que acho que dê um bom caminho àquilo que tamos a pensar é sempre de aceitar *né?* Aí não... não vejo... Mas *na* acho que as pessoas *tão* mais para ir gozar e não tanto para usufruir. Não tanto para dar ideias mais para usufruir. *Tou* aqui venha de lá tudo a que tenho direito que eu não me quero mexer mais daqui. Não quero ter mais trabalho.

Hã... E...E... Consegue perceber ou identificar razões para isso acontecer? O facto do grupo... do publico alvo não ser incluído na definição das atividades?

Epá não sei porquê... Acho que é uma forma que as pessoas têm... penso... As pessoas se são convidadas a participar...Já temos organizado eventos nos escuteiros em que as pessoas são convidadas a participar, e depois de se formar um grupo de participantes, elas dão ideias, que quem... quem tava na linha da frente para organizar até... até acha que vem... vem... engrandecer o evento que se vai realizar. Aí sim! De outra forma... Às vezes não os vejo muitas vezes a participar... Vejo mais vezes as pessoas a participar... Neste caso do Grupo Desportivo menos, não as vejo a ser convidadas para tal. Mas nos escuteiros temos uma forma diferente em que as pessoas vão, e muitas participam e ajudam à criação e a que o evento saia muito melhor. Agora no Grupo Desportivo às vezes não... Às vezes. Quase nunca se vê chamar as pessoas! Vê-se há... a direção... Os diretores que organizam e propõem e as pessoas sabendo do evento vão ou não vão. Basicamente será isso.

Relativamente a parcerias, há... Acha que existem...Acha que o Grupo Desportivo tem parcerias? Estabelece parcerias com outras organizações?

Sim estabelece. O Grupo Desportivo estabelece sempre parcerias e pede sempre ajuda naquilo que menos... que menos... capacidade tem ou menos... menos focado está para isso, *né?* Portanto, e nesse caso o Grupo tem feito... Tem feito sempre um bom trabalho, pede sempre ajuda ou por instalações, ou por equipamentos, ou por veículos, ou qualquer coisa. Pede sempre ajuda a quem, a quem pode ajudar na construção das atividades. Isso aí não... Não...Acho que faz bem o seu papel. Não há...Ninguém tem esse... o dom de saber tudo, *né?* **Claro**

Agora aqui relativamente há... à avaliação, ao impacto que as atividades têm na comunidade. Relativamente aos participantes considera que os projetos que o Grupo Desportivo

desenvolve contribuem para melhorar as capacidades individuais dos participantes? (autoestima melhorada, maior confiança, mais participativos na comunidade, sente que as atividades têm esse impacto nos participantes?)

Algumas atividades têm esse impacto, o problema, o problema dessas atividades é que depois ninguém faz uma avaliação. Ninguém faz. Quem prepara uma atividade... Mas depois não se avalia. Primeiro prepara-se uma atividade e não se definem objetivos. Essa é logo a primeira questão que eu acho... Quer dizer... *A gente* queremos chegar aqui àquele sobreiro mas vamos por onde? O objetivo é fazer dez kms antes de lá chegar, ou vamos a direito? Temos que estabelecer um principio! Que é, que objetivo queremos atingir! Isso é a mesma coisa. Nas atividades que o Grupo Desportivo prepara ninguém diz assim: “ nós vamos preparar esta atividade *p’ra* ver se as pessoas ou dançam, ou cantam ou se... se põem aqui a fazer ginástica, ou se vão fazer corrida”. Ninguém se preocupa com isso. Depois de as atividades acontecerem ninguém reúne, e ninguém faz uma avaliação. Olhem lá, conseguimos ou não? O que é que vocês acharam? Aquele elemento fez... o outro não fez... O que é que faltou? Isso é a principal razão que às vezes as coisas não fluem, não saem e depois ninguém sabe nada. Ninguém faz uma avaliação do que se fez. Ninguém faz uma avaliação e portanto as coisas aí...

E acha que essa avaliação não é feita porquê? Porque é que não se faz?

Eu acho que por... pela prática... Prática das instituições... Parece que é uma política das instituições. Quase ninguém faz... A única instituição onde trabalhei... Onde faço voluntariado, que faz a avaliação é os escuteiros. Definem um limite. Chegou aqui, chegou, não chegou... Pessoal gostou ou não gostou? Porquê? Por isto ou por aquilo. O que é que falta criar? Que dinâmicas é que temos que... Que oportunidades educativas é que temos que criar para que as pessoas atinjam aquilo que elas próprias, quando vão para um evento também desejam atingir, não é? Porque se nós... Se elas chegam ali nós levamos-lhe muito tempo a criar a atividade, mas aquilo não resultou... *Epá*, mas aquilo depois não resultou... Aborreceram-se... As pessoas não quiseram vir... Mas ninguém avaliou no final porque é que não resultou. Essa é que é a grande questão! Eu acho que não há política, não há um hábito de avaliar as atividades, de fazer uma avaliação final das atividades. Por isso é que as atividades às vezes, a maior parte, corre muito mal por causa disso. Ninguém avalia! Ninguém se põe a pensar alguma coisa. *Epá*, demorámos tanto tempo a preparar esta atividade, preparamo-la tão bem, os objetivos... se calhar nem os definimos, mas depois ninguém... Nem falámos depois com ninguém. Os participantes também não vamos falar: olha lá, então gostou? Foi assim, então mas esperava mais, esperava menos? Nós depois... Quem está a organizar depois também tem um *feedback* do que faltou para depois na próxima não cometer os mesmos erros. Assim não... Nunca lá chegamos. Não somos capazes de organizar nada com pés e cabeça. A avaliação é fundamental em qualquer... Mesmo na nossa vida. **[Claro]** Chego ao fim do ano e faço uma avaliação do meu

trabalho. O que é que fiz bem, o que fiz mal. Atingi os objetivos, ou não? Propus-me objetivos? Porque se andei a trabalhar sem objetivos... Ficamos na mesma! **[Não há melhoria, não é?]** Ninguém melhora! É uma questão de política. Não há... não há iniciativa de ninguém... Ninguém se propõe com isso. Ninguém... Nem ninguém escreve depois nada disso... Eu próprio *pa* fazer aqui uma atividade.. do... do... Duma corrida que formos a Montemor correr... montes de gente... Do grupo “*Correr em Giesta*” mas ninguém depois no final fez uma atividade... fez um relatório: olha, a atividade correu assim... correu bem, correu... Uma pessoa fez um ponto assim... que... não correu tão bem... Portanto da próxima vez que falarmos com alguém: “gostou ao não?” Normalmente o pessoal vem *pá* aqui todo almoçar... Mas ouve, tudo correu bem? Toda a *gente* gostou? Toda a *gente* manifestou, *teve* contente? *Na* faltou transporte? Era... Precisávamos de levar a bandeira, precisávamos de levar não sei quê... Alguém... Não se fez uma avaliação de nada!

Então, mas enquanto dirigente do Grupo Desportivo, e uma vez que reconhece a importância da avaliação já manifestou, há... a sua opinião relativamente a este aspeto?

Não, não também não me manifestei... Não, também não me manifestei. Também aí sou cúmplice dessa parte... **[Mas porquê?]** Também não faço... Porque é a tal história... Há... É hábito não se fazer no Grupo Desportivo, nos escuteiros por exemplo, existe, é mesmo. Já toda a gente sabe, é prática. Aquilo *tá* ali, toda a gente no final faz uma avaliação da atividade. **[Já está definido.]** Está definido o que é que é! Agora aqui não há... Ninguém faz e, portanto, eu também nisso sou...vou... vou no barco... **[vai na onda]**, Não faço também... Não faço também...

Ainda relativamente aqui aos participantes acha que as atividades promovidas, e desenvolvidas pelo Grupo Desportivo, contribuem para aumentar a participação comunitárias da pessoas? A vida na comunidade, o expressar opinião, um ponto de vista, o... o... ter o sentimento de pertença, o orgulho na terra, há...

Não, esse... esse... esse... Eu acho que esse sentimento... Eu por acaso vivi isto em tempos de crise... Conheço esse sentimento. Por isso mesmo porque... Ou porque as pessoas estão mais dispersas ou porque não há aquela... aquela boa organização das atividades para que se a *gente* possa dizer que de facto somos... somos... somos bairristas e gostamos muito da nossa terra e lutamos por ela. Porque depois também não temos... Por isso temos que ter... De facto temos uma camisola, temos um símbolo, temos um hino... Temos isso tudo que nos une e que nos...e que nos faz mais... bairristas, *né?* Mas *pa* termos... mas *pa* sentirmos isso *pa* até transportarmos isso *p’ra* fora daqui da nossa aldeia, até *pa* manifestarmos mais... mais... exuberantemente... Temos que ter mais atividades em que nos levem a que isso seja... seja... seja sempre vincado, *né?* Por exemplo, *há*... Eu quando comecei a ser dirigente, lá mais *coiso*... Em qualquer atividade que tínhamos cantávamos o hino. Foi sempre uma...uma... uma coisa que nos liga, *né?* Agora... Começaram...nos

escuteiros começámos a cantar o hino. Levámos *pa* lá o hino da Giesteira. O hino começou a folhear nos livros da igreja, quer dizer... As pessoas tem que se... tem que se começar a juntar e... temos que se nos unir por um hino, por uma bandeira, por essas coisas todas. Mas também pelas atividades que se possam fazer em volta disso. Porque se também não houver atividades... Não se cantamos o hino... Não vemos a nossa bandeiras... Não fazemos nada disso. A falta de atividades e dinâmica delas é... Não... não... não causa esse impacto na comunidade. O que é que causava isso antes? Era o futebol. As pessoas não tinham mais nada, só tinham o futebol. Então as pessoas iam atrás do futebol. Corriam! Autocarros e autocarros atrás do futebol! E as pessoas que lá andavam... Os outros a gritarem: Força! Corre! E vais... Nós sentíamo-nos uns autênticos guerreiros, uns autênticos soldados aqui da... da freguesia. Isso é que nos fez... a mim e a muita gente que participou nelas... E que nos fez mais... mais bairristas e termos orgulho na nossa terra e até depois mais tarde, quando deixámos de... de jogar futebol, tornar-me dirigente e fazer aquilo... Proporcionar a outros aquilo que outros me proporcionaram a mim. Mas essa parte... É as atividades é que faz...fazem isso. Quanto mais atividades houver dinamizadas por que instituição seja, mais as pessoas gostam da instituição, mais as pessoas *sintem*... *Hã*... *Sintem*...presas nelas... E *sintem*-se amarradas a ela, *né*? É uma questão... Deveras... Que eu gostava que isso fosse... Portanto, mais iniciativa, mais atividade houvesse que as pessoas gostassem, as pessoas mais... mais.. mais sócios havia de certeza mesmo que as pessoas gostavam mais. Agora se não há! Parado, há poucas... O pessoal pensa assim “o que é que a *gente* anda aqui a fazer, *né*?”. Ao nível desportivo ainda há algumas, mas ao nível... recreativo *né*? Porque há muita gente que pratica desporto, mas há outra gente que nem... nem gosta nada de futebol e podia fazer outras coisas, *né*? Cozinha, *hã*... doçaria... *pá*... o grupo podia promover isso tudo. Há é o facto... De quem está de fora, juntava-se mais e mais tava vivo. Porque... é... é sempre bom a gente ver num cartaz qualquer, *pá*, não sei quê fez-se em S. Sebastião da Giesteira... vai ser feito em S. Sebastião da Giesteira... “Ah, não sei quê... S. Sebastião da Giesteira”... Isto tudo é... depois a gente olha *pá* aquilo e vivemos cá e somos de cá e dizemos: “*epá!*” isto... enche-nos o ego, *né*? A nossa autoestima aí... vai a cima! Sem dúvida nenhuma!

Verdade.

Aqui a última pergunta em relação aos participantes. Considera que as ações desenvolvidas pelo Grupo provocam mudanças ao nível da *hã*... da capacidade de tomada de decisão dos participantes, sendo que os participantes ganham poder e vontade, não é? E querem decidir sobre as coisas, sobre os assuntos que são importantes para si, sobre questões importantes da sua... da sua terra... acha que as ações desenvolvidas pelo Grupo têm este impacto de melhorar a capacidade de tomada de decisão dos participantes, ou não?

Têm... nesse, nesse caso do “*Correr em Giesta*” tenho visto lá muita gente a participar e depois dão

uma...e mete... e toma... toma...toma posição sobre certos assuntos e certas coisas e até... isso tem sido bem visível que as pessoas têm sido... pronto... muito boas nessa parte. Aí essa parte tem funcionado bem. Agora, o que se queria era mais o quê? Era mais de atividades, *né?* *Pa* que as pessoas possam também elas há... manifestar-se mais, *né?* Porque se não houver atividades ninguém se manifesta, *né?* *Tá* tudo parado... isso... não vale a pena. Não há uma atividade de... de... de...de... de cozinha, *pa... pa... pa* maridos desenrascados... Por exemplo, os maridos desenrascados que houvesse lá no Grupo desportivo...se calhar a maior parte manifestava-se: “Ah, sim senhora, aplaudo isso!”, *né?* De facto, se não sei estrear um ovo, há aqui oportunidade *pa* uma pessoa aprender qualquer coisa. Está... pronto... criar... criar essa situação há... obriga também que o grupo crie novas, outras atividades e vá sempre criando, *né?* Porque se não as criar, as pessoas depois não... vão dizer o quê? Ninguém vai dizer nada, *né?* Essa é uma verdade! **Certo.**

Agora relativamente à organização, considera que as ações desenvolvidas pelo Grupo contribuem para melhorar as competências nas estruturas de liderança? Ou seja, as atividades que os Grupo desenvolve melhoram também competências em quem está à frente da organização?

Sim, sim...sem dúvida nenhuma... isso acho que sim. Pouco e pouco vão criando há...a gente faz uma atividade e aquilo não...parece que não corre bem... depois fica também com outra capacidade e com outra autonomia até, acho. Há aí pessoas que mal... mal davam uma... diziam qualquer coisa e agora já são... participam e.. manifestam-se e acho que sim...acho que a autoestima das pessoas... O próprio... leva-as mais a... a poder tomar decisões, a gostar também de participar nas decisões isso... isso é. **Ok.**

Hum... E relativamente à participação comunitária, considera que... as ações desenvolvidas pelo Grupo Desportivo contribuem para que a própria organização , Grupo Desportivo, também aumente a sua participação comunitária? No envolvimento com as outras organizações locais, com a dinâmica que imprime na própria comunidade... sente que as atividades promovidas têm esse impacto? Há... para a própria organização?

Não acho... não acho que tenham assim tanto impacto. Talvez aquela parte do correr em... da corrida mas não há... as outras *epá*, atualmente não tem digo... não tem havido... exceto uma ou outra atividade, do carnaval, *coiso*...que tem algum impacto na comunidade, onde a comunidade se envolve e... e se organiza e participa... *há*... as outras atividades, *epá*... também não as há, não é? Não há! E aquilo que o Grupo faz, não é, *pá*, não... sinto que não é... não é... não... aí há qualquer coisa que não... que me está ainda a falhar, que não conseguimos atingir esse... acho que não...

não... não é... não é muito, não é... o Grupo às vezes pede ajuda numa situação qualquer... e pronto... pontualmente é só isso, não faz muito mais que isso. **[Hum, hum...]** Não sei se respondi diretamente a essa questão... **Sim, sim, sim**

E agora aqui a nossa última questão, Há... Relativamente ainda à organização, considera que as ações desenvolvidas contribuem para um maior reconhecimento por parte dos seus membros e da comunidade no geral? Seja a importância que se atribui à própria organização, como é que as pessoas a reconhecem, não reconhecem, o que é que pode dizer sobre isso?

Não... Isso reconhecem, de facto quando as coisas são bem organizadas, reconhecem. Isso é um facto que toda a gente depois reconhece que as coisas tão... foram bem organizadas, as atividades foram preparadas e que... mesmo... mesmo com alguma... alguma deficiência às vezes, mas isso... tenho constado...que reconhecem, sim senhora! *Hã...* louvam o trabalho e o esforço que cada um fez, e o empenho que cada um tomou para as organizar, isso *atão* aí... não há dúvidas... sinceramente! **Ok.**

Terminámos, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa? Não... **Ok, muito obrigada!** Ora essa, tá tudo?

Entrevista 4

Boa tarde, aproveito para agradecer ter concedido esta entrevista. Há... no mínimo demora 20 cerca de 20 minutos, depende, claro do desenrolar da nossa conversa.

Hã...Pedia então que comesse por dizer o seu nome completo.

Em primeiro lugar, muito boa tarde, é um prazer poder participar há... nesta entrevista, há... o meu nome é Tiago Alexandre da Silva Azinheira.

A sua profissão?

Sou motorista de pesados.

Hã... E onde vive?

Vivo... Numa aldeia, na zona de Évora, de nome S. Sebastião da Giesteira.

Além de ser membro da Associação Juventude Giesteirense, é membro de outras instituições?

Não, de momento não sou. Já pertenci ao Agrupamento de Escuteiros 1121 de S. Sebastião da

Giesteira... só faço parte mesmo da Associação Juventude Giesteirense.

Relativamente à posição que ocupa na... na organização, na AJG, há... é dirigente nesta organização há quanto tempo?

Hã...Sou dirigente desta Associação... como... Presidente da Direção há dois anos... como membro dos órgãos sociais da Associação há... seis anos, salvo erro. **Ok.**

Hã... E qual considera a missão da organização?

Atão, a nossa organização tem como uma das missões promover... a inclusão de todos os jovens da aldeia e da freguesia... há... também... também... uma...também temos muito interesse em fazer parcerias com vários... com as várias entidades existentes na aldeia e na freguesia. Hã...

E estabelecem essas parcerias? Sim, a Associação AJG tem todo o interesse em estabelecer parcerias e temos estabelecido, nomeadamente com... a APIR, o GDUG, há... o Agrupamento de escuteiros...

E que tipo de parcerias são? São parcerias... isto é assim, nós...nós estamos numa aldeia e...uma... um dos nossos principais problemas é conseguir ter público alvo que faça... pronto, que... seja viável executar algumas atividades. Um dos objetivos de fazer parceria é esse. É conseguir abranger um maior público alvo. Outro é também tirar partido um pouco da aprendizagem que o parceiro nos poderá oferecer na preparação das atividades e... e vice versa, nós também podemos... também conseguimos de alguma forma contribuir *pá* aprendizagem de novos parceiros. **Ok.**

Hã... E quais considera serem as suas principais funções na organização?

Hã... As minhas principais funções... há...em concreto são... eu vejo assim... são a de... tentar puxar um pouco pelos jovens de... que fazem parte dos órgãos sociais da Associação, e... com o efeito de avalanche os jovens puxarem... fazerem força *p'ra* que os sócios participem nas atividades e... e...todos os jovens assim o consigam fazer. Hã...Tamos a falar das principais... **[funções]** principais funções, sim. Em concreto é... quer que diga em concreto quais são as minhas funções? De forma geral, já disse que considera ter aqui um papel motivacional de **[sim, um papel...]** da equipa de trabalho. Motivacional e de... por vezes também se calhar não é que... não... não vejamos isso como um... como uma desvantagem, ou como um ponto... um ponto mau. Mas se calhar ás vezes também um pouco o papel de censura, há... algumas situações e algumas...há... formas de ver, de ver as coisas por alguns membros ou... mas pronto, é uma censura que não é muito afincada. **Ok.**

Hã... Agora relativamente aos projetos, às atividades que... que... que.. que têm a decorrer ou já realizaram, há... gostaria que falasse aqui um bocadinho dos que mais... do que já se realizou, ou que está a decorrer e que mais se ajusta à missão da Associação, que falou à pouco?

Então, nós já... já ao longo destes dois anos que *tou* como presidente da direção, e dos seis que estou... que pertencem aos Órgãos Sociais, já desenvolvemos algumas atividades dos mais variados... tipos. Hã... as atividades que até... que até agora, e ao longo destes seis anos conseguimos fazer uma avaliação, até agora mais vão de encontro aos nossos objetivos, há... são sem dúvida, as atividades em que conseguimos puxar pela tradição da aldeia e da região... há...e as atividades que justamente fazemos com algumas... com parcerias, com a APIR e outras entidades que já referi.. há... mas sim, são as atividades em que... que tentamos pegar nas tradições *das gentes e dos costumes* e talvez adaptá-las aos dias de hoje e essas atividades encaixam muito bem nos objetivos da organização.

E então ao pensar esta ideia de recuperar os costumes, os usos há... alguns já algo perdidos no tempo há... qual é que é o objetivo concreto de revitalizar aqui esta parte da tradição, há... da terra e da região, como referiu?

Sim, nós, nós fazemos... nós temos interesse em desenvolver essas atividades principalmente por... por... duas... dois pontos. O primeiro é que queremos mostrar aos mais velhos que estamos interessados em saber como foi o passado... o passado da comunidade, qual foi a... a juventude dos mais velhos. E por outro lado, queremos nós enquanto técnicos da organização, queremos mostrar... mostrar aos jovens também como era... os costumes, as tradições dos seus pais, seus avós, há... de forma a... pronto, consiga haver o convívio intergeracional. ***Hum, hum...***

E relativamente aqui à definição das atividades, quem é que as define? Quem é que decide o que é que a AJG vai desenvolver? Como é que acontece este processo de decisão?

Quem... quem as decide? ***Quem define, quem decide...*** Então, quem as define são os elementos da direção há...mas a decisão nós temos sempre uma Assembleia, pelo menos uma Assembleia Geral Ordinária em que todos os sócios poderão ou não aprovar o plano de atividades anual há...e depois *atão* fica aprovado ou não. ***[Claro]***. Qualquer membro da Direção ou até qualquer sócio tem... pode... pode... sugerir, mostrar-se contra, mostrar-se a favor, somos... *tamos* abertos sempre a opiniões... De qualquer forma, é sempre em Assembleia Geral Ordinária que... que ficam aprovadas ou não as atividades anuais. ***Certo.***

Hã... E estas atividades quando aprovadas, quem é que as executa? No momento de se realizarem quem é que põe em prática, em marcha as atividades definidas?

Tamos a falar de quem...quem *tá* a coordenar as atividades, ou quem *tá* a participar? **Não, quem está a coordenar, quem garante, que aconteça.** Quem garante que aconteça, quem está a coordenar as atividades são... membros dos Órgãos Sociais e, por vezes, sócios que também se mostram disponíveis para colaborar. **Ok.**

Hã...Relativamente ao público alvo, hã... as atividades desenvolvidas pela Associação dirigem-se... a quem?

As atividades... da Associação atualmente, e nós queremos que assim seja, elas dirigem-se... maioritariamente a jovens e sócios da Associação, mas atualmente nós... nós *tamos* a querer... levar as atividades a um ponto em que o público alvo seja a comunidade da aldeia e da freguesia. Hã... e justamente por... por os objetivos que referi... anteriormente.... Convívio intergeracional, de... e do problema que temos de ter poucas pessoas, pouco público alvo se nos virássemos só para jovens ou só para sócios. **Ok.**

Hã...Portanto já disse que neste momento, tendencialmente as atividades são alargadas à comunidade em geral... hã... portanto, qualquer um poderá participar?

Sim. Não. Nem em todas. Nós temos... temos sempre atividades exclusivas *p'ra* sócios hã... por... até porque... os sócios têm um papel muito importante na Associação e têm que ser... vá lá... compensados de alguma forma. Hã... porque a Associação hã... é uma Associação sem...sem fins lucrativos. Não temos... não temos... ultimamente não temos tido apoio monetário de... de parte nenhuma... e... o valor das quotas que os nossos sócios se disponibilizam a pagar é importante para colmatar as despesas que temos com a nossa sede física... algumas deslocações... e tudo mais. Dessa forma mesmo os sócios têm... têm que ser compensados certamente, e nós fazemos algumas atividades exclusivas para sócios, como é o convívio anual de verão, ou o convívio de Natal, por exemplo. **Hum, hum...**

Hã... e como é que as pessoas podem participar nas atividades? Como é que a informação chega às pessoas?

Bom, essa... a informação já chegou às pessoas de várias formas... Hã... ao longo destes seis anos, inicialmente nós enviávamos a informação ao público alvo a divulgar atividades por mensagem SMS e alguns cartazes espalhados pela aldeia, pela freguesia e pelos arredores. Depois deixámos de enviar SMS, optámos só por distribuir cartazes nos pontos...pontos de interesse e nos locais mais visitados da aldeia e da freguesia. Atualmente continuamos a usar à mesma essa forma dos cartazes, mas já menos, e optamos maioritariamente pelas redes sociais. **Ok.**

Hã... Agora aqui concretamente em relação à prática, e... como considera a sua relação com

os participantes das atividades?

Eu considero...que é uma relação boa... há... eu... sinto que...sinto que confiam em mim há... se calhar também porque...espero que não seja porque não têm mais... ninguém melhor, mas... Se calhar também porque já dei algumas provas de que... podem confiar em mim para estar à frente da Associação, isso p'ra mim é... um grande... grande orgulho. ***Portanto, aqui a pergunta seguinte que eu tinha é: como considera que os participantes o vêm a si enquanto dirigente, neste caso presidente, não é? Da organização? Já respondeu aqui um bocadinho, mas podia desenvolver um bocadinho mais...***

Sim, eu...quer dizer às vezes até acredito que eles me vejam um pouco... como... quase o mau da fita, porque...nós... nós sabemos é uma Associação de jovens tudo bem... nós tamos...é uma coisa... é uma organização legal e fazemos tudo legalmente mas de uma forma descontraída...Hã... eu por vezes não tolero... muita descontração ou descontração a mais *pa*... ou seja, quando sinto que se deve *tar* a trabalhar a sério e falar a sério, há... se calhar, há alguns elementos que não... não gostariam mais de *tar*... mais na galhofa, vá...porque somos... somos jovens e alguns bem novos... há... e depois às vezes se calhar tenho... corto as pernas *p'ra* isso, mas... mas depois no fundo... há... até gostam da minha maneira de ser assim, porque sinto-me acarinhado depois por eles. ***Ok.***

Hã... Vamos entrar agora aqui, já no último ponto desta entrevistas... E vamos falar aqui um bocadinho sobre a avaliação, sobre o impacto que se considera que as atividades há... têm nos participantes.

Aqui agora relativamente aos participantes considera que as atividades desenvolvidas contribuem para melhorar as capacidades individuais dos participantes? Portanto, sente que os participantes há... Têm mais confiança, mais autoestima, mais vontade de participar...

Hã... Nós tentamos que assim seja. Nós tentamos que assim seja. Hã... Mas como... como já disse, mas...vivemos num... isto é... é meio rural, uma aldeia rural e... há.. os hábitos que são criados na comunidade e mesmo pela comunidade jovem, são hábitos às vezes um pouco difíceis de... de deixar, o que nos torna depois...ainda mais... torna ainda mais difícil realizar as atividades que gostaríamos *pa* desenvolver a... as características e desenvolver as aptidões de cada um... cada um participante tem de desenvolver as atividades... de qualquer forma, nós tentamos sempre fazer atividades em que por exemplo, *tou-me* agora a lembrar de atividades mais do cariz físico, de atividades físicas... há... temos aqui muitos jovens que... praticam desporto, e nós fazemos atividades exatamente desse cariz de forma a que o jovem se sinta mais motivado a participar e aumente a sua autoestima e assim consiga ver a... a Associação como a sua Associação. Hã... eu ia pedir que repetisse outra vez a pergunta. ***Hã... Tava aqui... Aqui a questão era se as atividades promovidas pela... pela Associação se contribuem para ,melhorar competências individuais***

dos participantes, mas também, e já respondeu um bocadinho, posso já dizer, também a questão de aumentar a participação comunitária. Já respondeu um bocadinho, a questão de ser um intuito há... melhorar a participação, embora tendo em conta que isto é uma realidade... estamos a falar de uma aldeia rural com todas as dificuldades de público alvo, não é?

Sim, na parte de desenvolver competências e como falei à pouco do nosso objetivo da inclusão de todos os jovens há... nós temos certas atividades em que, nomeadamente os convívios, as ações de serviço, em que cada participante tem um papel fundamental na atividade... Dessa forma, todos os participantes poderão aumentar a sua autoestima vendo que até... aquele participante se calhar mais sedentário, que tá mais em casa e, se calhar o grupo de amigos não é assim tão grande... nas nossas atividades consegue ver o seu papel valorizado e... pronto, dessa forma consegue aumentar... aumentar a sua autoestima, a sua à vontade pa... conviver socialmente com outros... com outros jovens e... da mesma forma que... nós nos órgãos...os membros dos órgãos sociais... criámos um hábito de *tar* cada dois em dois anos puxar sempre por jovens mais novos pa fazerem parte da direção ou dos órgãos sociais da Associação. Dessa forma também pa que consigamos que os jovens aumentem o seu sentido de responsabilidade e... pronto, que sejam preparados pa no futuro mais ou menos próximo serem eles a... estar à frente da organização. ***Hum, hum...***

Hã... Ainda aqui relativamente aos participantes, considera ainda que as atividades desenvolvidas pela AJG provocam mudanças há... nomeadamente no que respeita à capacidade de tomada de decisão? Sendo que os participantes tornam-se pessoas mais intervenientes e com capacidade e vontade de querer decidir sobre assuntos importantes da sua vida, sobre questões relevantes da sua comunidade. Considera que as atividades têm esse impacto nos participantes?

Sim, considero. Considero... há...primeiramente porque muitas das nossas atividades dão a conhecer aos participantes se calhar alguns factos que desconheciam e... e dessa, dessa forma a... acho...acho que conseguimos, conseguimos... chegar... Tem que repetir outra vez a pergunta. ***Hã... estávamos a falar do impacto que as atividades, ou se as atividades desenvolvidas têm impacto nos participantes, ao nível da tomada de decisão. Tava a dizer que abordam temas e questões há... hum... questões que estão presentes na realidade e que acabam também por... por trazer à tona se calhar alguns assuntos que se calhar as pessoas nem tinham assim tanto conhecimento.***

Sim, nomeadamente as nossas atividades de... em que puxamos pela...pelas... pelas tradições e promovemos o convívio entre... entre... entre os participantes há... se as nossas atividades há... promovem a capacidade de... de decisão e de afirmação dos... dos participantes que delas fazem

parte há... eu acho que sim, eu acho que sim, porque as nossas atividades são sempre... são sempre muito descontraídas em que cada um tem a sua oportunidade de... de brilhar, vá... há... e sempre com um pensamento de inclusão. Eu acho que ninguém sai a perder, só sai a ganhar quem participa nas nossas atividades. **Certo.**

Agora aqui há... relativamente à organização, considera que as atividades desenvolvidas contribuem para melhorar as competências nas estruturas de liderança? Ou seja, neste caso se as atividades que se desenvolvem também desenvolvem ou promovem a melhoria de competências em quem está à frente da... da organização?

Aí talvez seja em quem mais promove esse tipo de... seja mesmo em quem tá à frente da organização, porque... somos... somos jovens, alguns mais adultos, outros, menos... mais jovens... em que veem aos seus ombros uma associação... que...atualmente ... à volta de oitenta e qualquer coisa sócios que... sócios esses que estão sempre à espera do que é que vem a seguir e o que é que vamos fazer... e os jovens veem...veem o seu sentido de responsabilidade ser muito afinado com a participação na... na organização, fazendo parte da direção ou dos órgãos sociais. **[Hum, hum]** Podemos... podemos dizer que... vá lá, participar...fazer parte da direção de uma Associação de Jovens é talvez preparar os jovens *pó* futuro e até alguns *pó* seu mercado de trabalho, né? **Certo.**

Aqui ainda relativamente à organização, considera que as atividades que... que a AJG desenvolve contribuem para melhorar a participação comunitária, mas aqui da própria organização, ou seja, há... a colaboração com outras organizações, a dinâmica que acaba por imprimir aqui também à comunidade... Considera que...que há uma melhoria neste aspeto?

Hã... Sim, ou seja, a forma como a comunidade vê a Associação, será isso? Não sei se *tou*... **Hã... essa era a próxima questão... aqui queria... o que pretendia era mesmo a questão de... de como é que a própria organização cresce? Não é? Se cresce, se não cresce? Se a própria organização se vê aqui também mais envolvida na vida da própria comunidade. Seja com a participação dos sócios, ou seja, com outros fatores que... que possam influenciar.** Hum, hum... há... a Associação em relação ao crescimento... a Associação já teve altos, já teve baixos... há... Atualmente eu acho que *tamos*... há... A Associação cresceu muito em relação a... a... aos seus órgãos sociais, à sua direção, nos últimos anos há... mas tal... talvez... isto tudo... eu... creio que estamos num meio rural... talvez a participação dos... dos sócios e dos jovens não tenha acompanhado o crescimento, não digo em quantidade de pessoas, mas o crescimento em maturidade, dos participantes dos órgãos sociais e técnicos da organização. Hã... porque na minha opinião há... nesta aldeia há um dos hábitos... e é muito difícil de... de tirar, é o hábito, aliás, há mais que um: há o hábito do café, há o hábito do sofá... isso há em todo o lado, mas aqui como somos

poucos ainda mais... mais se nota e é muito difícil atualmente tirar os jovens dos sofás e dos computadores e dos cafés... E daí... não... se calhar a participação de... dos sócios não tenha, não é que... não é má porque participam, mas não acompanhou a maturidade, o crescimento da maturidade de... da organização em si. **Ok.**

Agora aqui a nossa última questão, há... relativamente à organização ainda há... considera que as atividades que a Associação desenvolve promovem um maior reconhecimento, aqui então a questão do reconhecimento por parte dos sócios e por parte também da comunidade em geral, ou seja, a importância que a organização adquire aqui no meio em que se insere?

Bem, da parte dos sócios eu não tenho... a mais pequena dúvida que... que sim. Que... que eles veem a Associação como... que têm muita consideração pela Associação. Em relação ao resto da comunidade tem sido um pouco difícil conquistar a comunidade porque... *p'ra* já, a comunidade é um tanto ou quanto... mais conservadora e... e acaba por vezes se calhar até pensam que o que vem dos jovens... não... não deve... não deve ser coisa boa, há... mas pronto, sempre há quem participe e vão... vão passando a mensagem e ... até vão cada vez nos dando mais valor... O que para nós é... é muito bom e é um orgulho. Mas gostaríamos de ser... de ser melhor aceites na comunidade há... do que somos. Nós fizemos um... há cerca de quatro anos talvez e... sempre com o objetivo de fazer algo pela comunidade, de melhorar a freguesia, de fazer alguma coisa por nós mesmos. Fizemos uma coisa que nos deu... que nos deu muita visibilidade na aldeia e na freguesia e... tem muita consideração por parte da comunidade. Foi a nossa sede física, nós... há... somos todos habitantes de S. Sebastião da Giesteira desde pequenos e existiam uns tanques... aliás umas casas de banho públicas que entretanto haviam sido abandonadas e deixadas ao “*Deus – dará*” e depois foram vandalizadas e há coisa de seis anos talvez, há... nós... nós decidimos... o grupo que na altura estava na frente da organização decidiu que queria fazer algo por aquele espaço e até porque a Associação precisava de uma sede física. Há... Demos os passos que tínhamos a dar, falámos com o presidente da Junta, Câmara Municipal de Évora, e conseguimos que... a Câmara nos cedesse... nos cedesse o espaço físico dessas casas de banho públicas há... vandalizadas. Nós com os nossos braços, as nossas mãos, a ajuda dos sócios, muita ajuda dos sócios conseguimos de umas casas de banho a cair... vandalizadas, conseguimos erguer a nossa sede física que atualmente é onde fazemos as nossas reuniões e... e onde qualquer sócio pode ir, pode... pode visitar há... e pronto, é *p'ra* nós um grande orgulho e tenho a certeza que... *pá* comunidade em geral também o é e... sim, aqui sim, senti que... fomos... Nos deram importância, à Associação tal qual como anteriormente a Associação ofereceu os ar condicionados à escola... Sim, regra geral há... há sempre exceções, mas isso sempre haverá... regra geral, acho que... que a Associação tem uma boa aceitação na comunidade há... e que a comunidade regra geral... a comunidade acha a Associação uma mais

valia *pá* a aldeia e *pá* freguesia. **Ok.**

Não tenho mais questões a acrescentar, quero agradecer-lhe mais uma vez, não sei se gostaria também de acrescentar alguma coisa...

Eu o que gostaria de acrescentar era só dizer que... há...o facto de... de estarmos num... num... eu *tou-me* a repetir sempre, mas eu vou... tenho que dizer mais uma vez, o facto de estarmos num meio rural e... e ainda que pensem o contrário, há... nós não estamos esquecidos. Toda a gente sabe que... que existem aldeias no meio rural. Não estamos esquecidos mas...falta-nos... falta-nos muita coisa... Falta-nos... falta-nos meios, falta-nos... bem... falta-nos condições *pa* aumentarmos a comunidade na nossa... nossa aldeia, nossa freguesia há... portanto, eu gosto muito de... de *tar* à frente da Associação, sempre foi um... um dos meus objetivos enquanto jovem há... mas gostava de... e isto partilho com os meus colegas e agora como, como um desabafo, a parte de, de termos pouca participação nas nossas atividades por vezes tira-nos um pouco... não nos tira a vontade, a vontade temos sempre, mas deixa-nos às vezes... achamos injusto, por vezes tem, portanto a preparação de atividades, e depois porque não há pessoas... Há pouca participação há... talvez se houvesse... se houvessem mais condições *pa*... *p'ra* jovens virem morar *pá* nossa aldeia, talvez conseguisse... aumentar o nosso público alvo tal como aumentava de outras organizações, isso seria uma mais valia. Infelizmente não... não há condições há... e apesar... além de não virem jovens viver *p'ra* nossa aldeia... alguns saem e vão morar para a cidade, outros... entre meios urbanos.

Considera então que um dos fatores aqui também para a fraca adesão às atividades é também o facto de talvez... estarmos aqui num meio onde a população é maioritariamente envelhecida, não é? Sim, sim, isto não é... não é... isto... nós não vemos isto de forma alguma como uma desculpa [**Claro, claro**] para, para não fazermos, há... mas pronto, sim, a população é maioritariamente... tá envelhecida, mas pronto, ainda se calhar ainda mais faz sentido a existência desta organização e... e de ela ficar assim bem, bem vincada na comunidade, porque se calhar se não houvesse esta organização ainda menos jovens e mais envelhecida era a comunidade. **Certo.**
Ok, mais uma vez obrigada. Obrigado eu.

Entrevista 5

Boa tarde, quero começar por agradecer ter cedido... ter mostrado disponibilidade para responder a esta entrevista. Começava então por lhe perguntar o nome, idade, nome completo...

Boa tarde, sou o Ricardo, tenho 29 anos. Ah, nome completo: Ricardo Miguel Bate-pé Sobral Pendrelco.

Onde vive? Em S. Sebastião da Giesteira desde que nasci.

E além de ser membro aqui da Associação Juventude Giesteirense, é membro de mais alguma instituição?

Sim, sou membro de uma instituição aqui da aldeia, que é a Associação de Proteção dos Idosos e Reformados. *Hum, hum... Ok.*

Hã... Relativamente à posição que ocupa na AJG, é dirigente desta organização há quanto tempo?

Desde junho/julho de 2012. Portanto, mais ou menos há oito anos. **Certo.**

E qual considera ser a principal missão desta Associação?

A principal missão é no sentido de criar condições e atividades para que os jovens da aldeia se sintam bem, se sintam integrados, convivam uns com os outros, mas pronto... não propriamente só p'ós jovens, mas também p'ró resto da população. *Hum, hum...*

E quais são as suas principais funções nesta organização?

Hã... Pronto, a minha principal função desde o momento em que entrei p'á Associação é tesoureiro. Mas pronto, tirando isso que... que é uma coisa pronto, só mesmo eu é que faço, também nas atividades e em todos os projetos... nós dividimos as... dividimos as... **[as tarefas]** as tarefas, as responsabilidades, sempre em tudo.

Hã... E agora aqui relativamente à questão das atividades e também das tarefas que acabou aqui por referir já, hã.. Já referiu que as atividades são dirigidas principalmente aos jovens, não é? [sim, sim, sim] Como uma Associação juvenil que é, mas também são dirigidas à comunidade em geral. Hã... podia salientar algumas atividades assim mais importantes e que considere que se ajustam plenamente à missão que referiu da organização?

Pronto, nós... nós todos os anos fazemos um plano de atividades, pronto... há umas que são mais atividades tradicionais, por exemplo, a festa do trabalhador, um baile da pinha, um convívio... convívio de sócios da Associação que também pode integrar alguns não sócios, e depois temos atividades mais esporádicas que tentamos alterar alguma coisa todos os anos... Damos apoio a algumas instituições aqui da aldeia... Pronto, tudo na ordem de integrar os jovens e de tentar fazer

com que se sintam melhor no âmbito da comunidade, aqui da aldeia. **Hum, hum... Hã... Referiu aqui o dia do trabalhador, o baile da pinha hã...portanto são... são... são atividades hã... mais antigas, digamos assim [sim] que a Associação de Jovens tem tentado recuperar. Quer... abordar... aprofundar aqui um bocadinho mais esta questão?** Sim, nós desde que entrámos hã... pensámos logo em trazer algumas tradições hã... pronto, p'ros tempos de hoje, hã... com os costumes que já... que já eram feitos antigamente. Fizemos um desfile com trajes tradicionais, hã... em relação ao baile da pinha, também temos uma pinha em que depois vão abrir as fitas e... pronto, todos esses aspetos mais tradicionais que hoje já não vimos em muitos sítios, voltámos... voltámos a trazer aqui p'ra nossa, pá nossa aldeia. **Hum, hum...**

E aqui ainda relativamente hã... às atividades, quem é que define as atividades? Quem é que decide o que se faz? Como se faz? Como é que este processo se desenrola?

Pronto, este processo... nós antes de fazermos o plano de atividades temos uma reunião ou várias, pronto, em que cada um traz... traz as suas ideias e depois entre todos numa reunião, decidimos em quais atividades devemos apostar, quais é que devemos repetir relativamente ao anterior, o que é que devemos fazer de novo, porque também se torna um bocado difícil de ano para ano hã... pronto, chegar, fazer, motivar os jovens a participar nas atividades. É esse o nosso principal problema. **Hum, hum...**

Hã... E relativamente à execução das atividades, quem é que põe em prática as atividades que são planeadas?

Ah, basicamente todos os órgãos sociais, todas as pessoas, até com a ajuda de alguns sócios muitas vezes, a ajuda de alguns sócios e pessoas externas também à Associação, nos ajudam, nos apoiam, em termos de transportes hã... cartazes, muitas coisas. **Hum, hum...**

Hã... Aqui relativamente hã... já referiu que as atividades se destinam aos jovens e população em geral, mas como é que... tanto os sócios como a comunidade podem participar? Como é que têm conhecimento?

Pronto, nós temos uma página de *Facebook*, onde divulgamos todas as atividades, com alguma antecedência, vamos criando eventos, colocamos cartazes em todos os locais, pronto, públicos e... e alguns privados, como... pronto, todos os cafés e... e todas as mercearias da aldeia hã... mandamos algumas mensagens também entre nós, e pronto e depois... no boca a boca vamos avisando as pessoas [**Hum, hum...**] e incentivá-las a participar. **Ok.**

Agora, aqui relativamente à prática hã... como considera a sua relação com os sócios e os

participantes das atividades no geral?

Eu acho que a relação é muito boa. Hã... quando conseguimos trazer... pronto, mais pessoas *p'rás* atividades acho que isso é bom, e neste momento temos uma boa relação. Pronto, não só falando dos órgãos sociais e dos sócios, mas conseguimos sempre trazer mais pessoas até... até de fora da aldeia, e da aldeia pessoas que... algumas vezes, muitas vezes não participam nas atividades, acho que conseguimos incentivar **[Hum, hum...]** as pessoas a fazer alguma coisa.

E como considera que os participantes o veem a si enquanto dirigente desta organização?

Hã.. Eu acho.. eu acho que os participantes nos veem como alguém que... como é que eu hei-de dizer? Como alguém que, pronto, tenta fazer algo... por... pelos jovens, pelos jovens da aldeia. Basicamente é isso, *na sei...* **Hum, hum... Ok.**

Portanto, considera que... que reconhecem o esforço e o empenho... Sim, sim, exatamente, reconhecem o esforço que nós fazemos, todas as reuniões... desde a preparação das atividades, as deslocações, tudo isso acho que... somos reconhecidos por isso.

E aqui o público alvo das... das... das vossas atividades participa na definição das atividades a desenvolver?

Sim, nós muitas vezes damos essa hipótese, até já fizemos acho que uma vez ou duas hã... um género de um inquérito aos sócios a perguntar sobre... sobre algumas atividades ou sobre sugestões, e nas Assembleias Gerais pedimos sempre aos sócios que estão presentes o que é que pensam e o que é que... o que é que sugerem de atividades que nós possamos realizar no...no ano.

Hã... Aqui relativamente às parcerias, existem parcerias? Como é que se estabelecem? Que tipo de parcerias são?

Parcerias, parcerias oficiais... em... que estejam escritas, não temos nenhuma. Mas depois no desenvolver das atividades e no decorrer do ano, vamos... pronto, pedindo alguma ajuda e vamos também colaborar com as entidades da nossa aldeia, algumas externas **[Hum, hum...]** nomeadamente mais relacionado com os transportes, com logísticas... com espaços para realizar as atividades. Pronto, tudo nesse sentido, mais ou menos.

Então fala que não têm protocolo de parceiros, não é? Mas se calhar falamos aqui em redes de cooperação [sim, sim, basicamente] nomeadamente aqui com as instituições locais, é isso?

Ah, que eu me esqueci... o único protocolo que temos é com a Câmara onde, pronto, onde temos a nossa sede, que temos um espaço público que nos está cedido e... pronto, *tá* cedido indefinidamente em que nós só temos que mostrar que estamos a utilizá-lo, e *tá*-nos cedido já desde 2013, salvo erro.

Hum, hum... E foi cedido por que motivo? Era... não tinha uso? Pronto, o espaço era umas

casas de banho públicas que *tavam* ao abandono e que já tinham sido vandalizadas, e nós pensámos como, nem sequer tínhamos um local físico para nos reunir, alterávamos entre... entre as nossas casas, dos órgãos sociais, dos membros, há... e pensámos em reabilitar aquele espaço e conseguimos fazer com a ajuda de muitos sócios e... e de outras pessoas fazer tudo pelos nossos meios e neste momento temos uma sede. Pronto, um espaço que foi cedido pela Câmara, mas que...que nós reabilitámos. **Hum, hum... Ok.**

Hã... Agora relativamente aqui ao aspeto da avaliação do impacto que as atividades têm tanto nos participantes, como... como na organização, começava aqui por... por questionar, há... se relativamente aos participantes, se considera que as atividades desenvolvidas, contribuem para melhorar as capacidades individuais dos participantes, neste caso podemos falar, por exemplo, de confiança, autoestima, há... uma maior participação, vontade de participar?

Sim, eu acho que sim, acho que todas as atividades, pronto, só o facto de promoverem o convívio, a maioria delas, vão... vão provocar uma confiança e uma autoestima nas pessoas que pronto, que nós admiramos muito. Hã... Eu acho que agora neste momento pronto, a aldeia também não tem muitos jovens e é... é um grande problema cativar os jovens a participar nas atividades, mesmo nós depois já não sabemos... todos os anos fazemos algumas atividades que vêm dos anos anteriores, mas depois vão surgindo sempre outras e às vezes não têm alguma adesão, por exemplo, quando é alguma festa ou algo assim do género as pessoas aparecem, mas quando... quando é... quando se trata, por exemplo de um debate sobre algum... algum tema da atualidade, as pessoas simplesmente não aparecem. **Hum, hum...**

Ainda... ainda respeitante aos participantes , considera que as atividades desenvolvidas pela Associação há... aumentam a participação comunitária? Se as pessoas participam mais, vivem mais a vida na comunidade? Expressam as suas opiniões, pontos de vista há... trabalha-se aqui um bocadinho também a questão do sentimento de pertença, a identificação com o... com as outras pessoas?

Sim, essa pergunta vai um bocado no sentido... pronto, vai no sentido da anterior. **Hum, hum...** Eu acho que... que as pessoas que participam nas atividades sentem-se mais integradas na comunidade, pronto, podem expressar a sua opinião, o seu ponto de vista, mas acho que sentem-se mais integradas na comunidade e na aldeia pronto, ou *tando* a ajudar... pronto, é isso! **Hum, hum...**

E ao nível da capacidade de tomada de decisão? Sentem enquanto membros desta organização que as atividades que promovem dotam os participantes de... uma maior capacidade de decidir, de serem ativos e preocupados com a realidade, com os 'problemas da

comunidade e... e conscientes da situação que vivem e com vontade de decidir e de trabalhar essas questões?

Sim, isso depende muito das atividades... das atividades que falámos, né? Por exemplo, atividades assim mais... viradas *pó* cultural, um debate, pronto eu dou exemplo de um debate que fizemos com um documentário sobre homossexualidade, há... pronto. Há... Levava as pessoas a participarem mais, a falarem e não *tarem* fechados. Eu acho que isso tudo, provoca algumas mudanças ao nível da capacidade de tomada de decisão das pessoas, e principalmente dos jovens que ainda têm muito que aprender. ***Hum, hum... Ok.***

Agora vou colocar-lhe algumas questões relativamente à organização.

Considera que as atividades desenvolvidas contribuem para melhorar competências nas estruturas de liderança? De quem está à frente?

Sim, eu acho que sim. O facto de pertencermos à organização por si já é bom e já aumenta a nossa autoestima. E depois saber que estamos a incentivar outras pessoas a participar e a virem ter junto de nós, e... e pedirem algumas opiniões, o que é que nós fazemos... Eu acho que isso tudo é bom para a aldeia, para os jovens e para toda a comunidade mesmo.

Hã... E relativamente à participação comunitária, considera que a organização também goza de uma... de uma participação comunitária melhorada, através das atividades que desenvolvem? Nomeadamente através hã... das redes de parceria, ou das redes de cooperação que se possam estabelecer, da forma como a organização também consegue dinamizar aqui o espaço.

Sim, eu acho que aqui... nós temos aqui muitos espaços hã... em que podemos tirar partido e... e promover toda a comunidade a participar. ***Hã... Estamos a falar da questão da participação comunitária, da própria organização ver-se mais interventiva na comunidade em que se insere, não em concreto os dirigentes, mas a própria organização ver-se mais interventiva, mais viva, digamos assim.***

Era esse um dos nossos principais objetivos, desde o início que entrámos para a Associação... era ver, não só o público jovem, mas... mas toda a aldeia hã... pronto, pronto tornámo-nos mais interventivos, a fazer algo pelos jovens e nem só, melhorar o seu estilo de vida, a sua participação, o convívio e tudo isso acho que... acho que melhora a nossa comunidade, a nossa aldeia. ***Hum, hum...***

E agora aqui a última questão. Ainda relativamente à organização, considera que as atividades que a Associação desenvolve, contribuem para que haja, que exista um maior reconhecimento

por parte tanto dos membros como da comunidade, relativamente à organização? Ou seja, a organização é mais reconhecida e valorizada através das atividades que promove?

Sim, é. Por exemplo, nós entrámos para esta Associação há cerca de oito anos e sentíamos que pronto, não havia nenhuma... havia neste caso mas *tava... já tava* muito saturada... fazia poucas atividades e nós tentámos pegar nesta Associação praticamente já do zero e... tentámos fazer com que ela fosse mais importante na nossa aldeia e atrair... e atrair os jovens a participar e... ***Neste caso, então considera que... que há reconhecimento por parte da comunidade?***

Sim, acho que é um reconhecimento não só por parte da comunidade, mas das outras entidades mesmo, também da freguesia, da própria freguesia há muita... muito reconhecimento, e da Câmara Municipal de Évora também. Acho que... que somos bastante reconhecidos, até já fomos bastante elogiados nesse aspeto. ***Ok.***

Então terminamos aqui, agradeço a sua colaboração. Não sei se quer acrescentar alguma coisa.

Não, acho que *tá* tudo, não me esqueci assim propriamente de nada. ***Ok, muito obrigada.***

De nada.

Entrevista 6

Boa tarde, quero começar por agradecer ter... ter-se disponibilizado para ceder esta entrevista, e vamos... vamos lá começar.

Começava por pedir que me dissesse o seu nome completo.

Sim, o meu completo é Vera Lúcia Casaca Eustáquio.

Idade? 33 anos.

Profissão? Assistente Social. Técnica Superior de Serviço Social, sim.

Hã... Onde vive? Alcáçovas.

É membro de alguma instituição?

Não, não. ***Não.***

Relativamente aqui à posição que ocupa na APIR hã... há quanto tempo é técnica nesta organização?

Hã... há dois anos.

Hã... E que cargo ocupa?

Técn... há... Diretora técnica das duas respostas: Centro Comunitário e ATL... CATL

E o que... o que nos pode dizer relativamente à missão da organização?

Tão, em relação à... à missão é muito dar aqui resposta à comunidade. Há... Somos uma freguesia muito rural, rural pronto, de... que... que tem muitos idosos e acabamos por também dar resposta a toda a comunidade, principalmente a idosos, neste caso através do Centro Comunitário e ATL que abrimos então resposta para as crianças e jovens da freguesia.

Hum, hum...Hã... e quais são as suas principais funções nesta organização?

Tenho o apoio há... apoio social em termos de centro comunitário em que faço os atendimentos, o acompanhamento social, a articulação com as outras entidades competentes. Há... P'rá além dos atendimentos também com outros.... Com os pais neste caso da outra valência.... resposta social de...de CATL. Há... E... pronto e... a dinamização de atividades, de projetos, tudo essa.... Tudo essa parte de... de...de promover aqui atividades também *deiam* resposta também aqui à... à freguesia e à população, né? Em base. **Hum, hum...**

Então e agora relativamente a estes projetos e ações que... que referia há... quais são aqueles que considera que me melhor se ajustam à missão da...da organização?

Nós temos aqui ateliês... há... pronto, que... que já estavam a ser desenvolvidos na altura que... que eu entrei pá aqui para... *p'ra... p'ra* Associação. Há... No sentido também de...de valorizar aquilo que é feito há... pelas idosas, *o saber fazer* também aqui acaba por...por dar-nos aqui há... alguma importância, né? No sentido também de potenciar aqui as... as tarefas e tudo aquilo que... que é feito por... por as.... *P'ro,p'ro,p'ro,p'ro*... pelas próprias pessoas. Por exemplo, temos aqui o ateliê de costura, temos também, a participação dos idosos em... nas... nas piscinas, portanto na... na parte da... da hidroginástica, temos aqui também há... há... a ginástica que acaba também por... por ajudar aqui no envelhecimento da população, no sentido também de promover-mos aqui um envelhecimento ativo há... da *po...do... dos jov... dos idosos* que nós temos aqui. **Hum, hum...**

E relativamente à definição das atividades, há...quem é que decide o que se faz? Como é que este processo acontece?

Pronto, nós temos uma equipa técnica, portanto acabamos também por trabalhar muito em equipa e acabamos por definir as atividades e também dinamizá-las sempre no sentido também de trabalharmos todos em conjunto há... para darmos também resposta há... à comunidade e... e mesmo também à instituição, né? **Exato.**

Portanto há... referiu que a questão das atividades são... são...são decididas... são definidas, digamos definidas e não decididas, são definidas em equipa técnica, não é? Que depois passamos à Direção que dá... que aprova ou não as atividades e nós depois dinamizamos as atividades.

Mas relativamente à execução das atividades é também a equipa técnica que tem esse papel? Ou há há... participação dos membros da Direção da Associação?

Hã... Pronto, algumas atividades específicas somos nós, equipa técnica que definimos as atividades e realizamo-las, hã... sempre que há também necessidade de envolvermos aqui a Direção, hã... temos abertura p'ra isso e eles também acabam por colaborar em todas as... as atividades que são... que são definidas e executadas na instituição. **Hum, hum...**

E agora aqui relativamente ao público alvo, já percebemos que... que as atividades são muito direcionadas para a população idosa [idosa] há... mas eu agora perguntava se... se.. se trabalham só com a população idosa há... se trabalham com outro tipo de público, como é que... quem é que pode participar? Como é que podem participar?

Pronto, nós aqui temos uma Associação que também vive hã... dos sócios, né? Dos associados aqui à instituição. Se bem que qualquer... ou qualquer... hã... pessoa pode se dirigir aqui à Associação e nós ajudamos, quer... através de... de requerimentos da Segurança Social, que nós fazemos muito esse apoio social. Hã... Quer também outro tipo de pessoas, temos aqui outras pessoas sem ser idosos que... que acabam por... por achar aqui hã... a Associação como um... um potenciador também de... de resolução dos problemas. Hã... Portanto, acabamos também por dar a toda a comunidade, não é necessariamente ser... sócio para se dirigir à Associação e nós resolvemos o problema. Portanto, acabamos também por participar, por... por deixar participar todo o tipo de... de pessoa.

Hã... Portanto, não está apenas dirigido ao público idoso?

Não. Até porque ago.. com... também com a... a abertura do CATL que foi também na altura que... que eu entrei para a Associação que nós hã... fizemos o projeto do CATL, também acabámos por também hã... trabalhar muito aqui com os pais, com a população mais jovens, os pais de 30, 40... na faixa etária dos 30, 40 anos, portanto, acabamos por também hã... agora conseguirmos captar outro tipo de público e... temos também crianças que acabam por também utilizar a Associação, por exemplo, no espaço que nós temos, o espaço dos computadores... hã... portanto acaba por ser... por... por... ser...muito abrangente a nossa intervenção . **Hum.**

Então pelo que me diz há... pode considerar-se que aqui há... a transferência desta resposta social p'ra Associação foi aqui como que uma lufada de ar fresco que permitiu aqui uma certa

revitalização [sim] dos utilizadores desta Associação?

Sim, sim, sim, sim. **Certo.**

Agora aqui relativamente à prática, eu perguntava-lhe: como considera que é a sua relação com os utilizadores, com os participantes das atividades? Como é que acha que...

Olhe, eu acho que é boa pelo feedback que nós temos tido, até porque há... acabamos por... por atender aqui muitas pessoas e as pessoas por diversos motivos, às vezes nem tem a ver com... com o trabalho em si, acabam por... por se dirigir aqui à Associação no sentido também de nos verem como... alguém que facilita aqui um bocadinho há... o problema e as questões que...que... que se vão... que se vão deparando com...com a realidade e com... com... com o dia a dia das pessoas. Portanto acabo...acho que... que é uma boa relação que nós... que nós temos... quero eu, quer toda... a equipa que... que aqui trabalha. **Hum, hum... Ok.**

E agora pergunto-lhe se o público alvo participa na definição das atividades que a Associação desenvolve?

Participa na definição...há... sim, nós vamos também de encontro aqui... com um bocadinho... com aquilo que nos vão *dit...* dizendo... e que nos vão...e que vai surgindo, *né?* Há... sentimos necessidade mais de trabalhar ou intervir numa área acabamos por também... há... fazê-lo, *né?* Tendo em conta também a *ati...* a atitude deles, a necessidade, aquilo que eles nos vão transmitir diariamente. **[Hum, hum]** Sim, sim.

Portanto, a participação há... do público alvo nas atividades passa muito pela avaliação há... [pelo feedback que nos vão dando, né?, acaba por ser...] Mas já durante o decorrer das atividades ou antes? Portanto, há aqui uma, uma proximidade... Antes, antes. Há aqui uma proximidade que nos permite isso mesmo. Nós irmos de encontro àquilo que eles necessitam há... e procurando sempre dar resposta e... ir ao de encontro aos interesses que eles também têm. **Hum, hum... Certo.**

Hã... Relativamente a parcerias. A Associação estabelece parcerias? Quais?

Sim, sim. Nós temos a Junta de Freguesia aqui da... de S. Sebastião, temos também a Associação de Jovens aqui há... de S. Sebastião. Temos os escuteiros também. Para além destas temos autarquia, escola, há... depois temos outras entidades mais competentes, mais específicas, mais especializadas. Temos a... *art...* Fazemos articulação e parceria com Intervenção Precoce, há... Segurança Social, portanto acabamos por ter aqui muito... com a Segurança há...Escola Segura, portanto acabamos por ter aqui várias parcerias... **[Uma rede de contactos]** Sim, sim.

Mas... Perguntava-lhe agora relativamente há... mais concretamente a esta... a estes parceiros locais, que tipo de parcerias estabelecem?

Pronto, nós conseguimos fazer muitos projetos em parceria aqui, por exemplo com a escola, como temos também aqui o ATL, acabamos por conseguir há... fazer projetos em conjunto. Depois temos aqui também a participação sempre da Junta de Freguesia, que também ajuda-nos aqui na dinamização das atividades há... e na execução das mesmas. Portanto, acabamos por... conseguir sempre fazer aqui um trabalho muito... há... muito complementar, *né?* Porque acabamos, por também há... conseguir há... fazer outro tipo de coisas que sozinhos também não conseguiríamos se calhar fazer. Há...Portanto, eu acho que é uma boa.... Uma boa parceria... uma boa oportunidade que nós temos também, o que também fa... o que também tem a ver também com... com a proximidade que nós temos também há... tendo em conta que é uma freguesia pequena e acabamos por também conseguir esta... esta proximidade, quer com a autarquia, quer com a Junta de Freguesia, com a escola... há... de forma também a que isto também há...se valorize mais também as... as freguesias rurais. *Hum, hum...*

Aqui agora relativamente à avaliação das atividades, já falámos das atividades, quem executa, quem participa... [Hum, hum...] Agora aqui no processo de avaliação, eu perguntava-lhe se... se considera que os projetos e as atividades desenvolvidas pela Associação se contribuem para melhorar as competências individuais dos participantes?

Sim, porque se não... se não fosse desta forma... se não fosse através da Associação a maior parte das pessoas não tinha oportunidade de frequentar as atividades que frequentam, de ser valorizado o trabalho que elas fazem... Por exemplo, *tou* aqui a lembrar-me do atelier de costura, se elas não viessem *p'rá* aqui fazer a costura nunca ninguém... até porque nós depois expomos esses trabalhos em algumas atividades que nós fazemos, também não conseguiriam também há... demonstrar aquilo que fazem, *né?* O que de melhor sabem fazer. Portanto, acho que sim que através de... outra forma não conseguiam há... não se conseguiam valorizar, e nós não conseguíamos também, há... ganhar aqui um bocadinho de autoestima por parte das pessoas, *né?*

Hã... E ainda relativamente aos participantes, considera que as atividades desenvolvidas, há... promovem uma maior participação comunitária? Ou seja seja, há mais participação do público alvo na comunidade, mais facilidade em expressar a sua opinião, o seu ponto de vista, há também aqui um maior sentimento de pertença, de identificação social?

Elas acabam... Porque se acaba por valorizar um bocadinho aquilo que é feito... cá... Cá na... na freguesia e acaba por também ser valorizado então assim todo o trabalho que é feito aqui e... e a sua própria terra, como eles costumam dizer. Portanto, acho que sim, que valoriza bastante.

Ainda... ainda relativamente aqui aos participantes perguntava-lhe agora se acha que... que

as atividades desenvolvidas se provocam mudanças ao nível da capacidade de tomada de decisão do público alvo?

Tomada de decisão... hã...sim... ***[de questões importantes da comunidade, do dia a dia...]*** Sim, acho que sim...Que noto... No sentido em que... Hã... As pessoas acabam também por... por sentir que nós aqui acabamos por também hã... Potenciar aquilo que elas sabem fazer e aquilo que... hã...podem fazer. Por exemplo, nós acabamos por ajudar aqui muito no apoio, por exemplo, hã... social, mas nós não... não... não fazemos *p'las* pessoas. Tentamos que seja a própria pessoa a valoriza-se, a fazer, a resolver hã... acabamos por ser aqui um impulsionador, mas não...hã... na forma de resolução definitiva do problema. Portanto, acabamos por também dar aqui algumas competências *p'ra* que elas próprias consigam resolver o problema.***[Hum, hum...]*** Sempre com a nossa colaboração e sempre com o nossa...Hã... Retaguarda, mas acabamos por também tentar que seja a própria pessoa a arranjar mecanismos para resolução das suas próprias... Hã...dúvidas... problemas...***Hum, hum... Ok.***

Hã... Agora relativamente à organização, considera que os projetos desenvolvidos pela Associação contribuem para melhorar as competências hã... por um lado do pessoal técnico, não é, uma vez que esta Associação tem uma equipa técnica, mas também nas estruturas de liderança, neste caso na direção? Considera que as atividade promovem também esta melhoria em quem está diretamente relacionado ...

Sim, apesar de a freguesia ser... ser muito hã... envelhecida, *né?* E... acabamos por ter aqui também algumas... alguns obstáculos, hã...Porque a maior parte das pessoas está a trabalhar durante o dia e acabamos por *tar* aqui muito só com a *po...* o público hã... o público idoso, *né?* Os idosos, mas acabamos também por conseguir fazer umas *coi...* um trabalho mais direcionado hã...para... *p'ra* população que... com que trabalhamos. De facto, poderíamos, se calhar, pensar noutros... noutros projetos e noutras atividades, mas que também sabemos que a população nem sempre é recetiva nesse sentido. Isto porquê? Porque como... como hã... envelhecida que é... população envelhecida que é, por vezes nem sempre hã... estão recetivos a determinadas atividades. Hã... Portanto, também temos que ter aqui alguma... alguma cautela com... com o tipo de atividades e com o tipo de... de... de situações que nós queremos também aqui fomentar. Mas acho que sim. Sim que há um reconhecimento, sim.

Hã... E ainda relativamente à organização [Hum, hum...] considera que as atividades desenvolvidas melhoram a participação comunitária, neste caso da própria organização? A... a própria organização através das atividades que desenvolve vê-se mais inserida na comunidade, no re... na... na interação com outras associações também... Sente que as

atividades têm esse... essa... a capacidade [Sim. Sim, porque nós aqui...] **de impulsionar a Associação?**

Sim, sim porque aqui acabamos só... ser nós, Associação, sempre como impulsionadores de algumas atividades que são promovidas. Tirando aqui a Associação, se calhar, de Jovens que também dinamiza aqui algumas atividades, nós somos o principal há...potenciador de atividades. Se algumas atividades são aqui feitas em S. Sebastião, são feitas também por nós. Sempre com alguma parceria, é facto, por exemplo, da Junta de Freguesia, mas nós... somos nós que impulsionamos as atividades, somos nós que... que dinamizamos e que pensamos nas atividades, apesar de depois termos algumas parcerias... Somos nós que... que temos esse papel fundamental aqui na... na... na Associação. Na Associação e na freguesia, porque acabamos por também ser aqui um... um elemento potenciador, acho eu, de... Impulsionador de atividades... Tudo o que... nós conseguimos fazer... é para a freguesia e a freguesia vê isso. Nota isso, que... que se não for, por exemplo, a APIR não serão feitas as... excursões que... anualmente serão... são feitas... Portanto, somos nós aqui que acabamos por... por dar resposta muito nesse sentido à população. **Hum, hum...**

Portanto, já entrou aqui um bocadinho na minha questão seguinte... Já percebi que então considera que há um reconhecimento por parte da comunidade do papel [Sim. Sim.] **que a Associação tem aqui na aldeia.**

Sim. Sim...Até porque nós acabamos por... por dar aqui resposta há... em diversas áreas. Nós em termos sociais... também em termos... em termos de também ATL acabamos por dar aqui outra resposta aos pais que... que se não fosse o ATL também... e aqui a Associação não...não teriam resposta, os pais... destes...destas crianças poucas que são mas que também são... são crianças e que também precisam de ter um espaço há... de bem estar e de... e de desenvolvimento. Portanto, acabamos por ser nós aqui muito o impulsionador e conseguimos aqui há... abranger e... definir muitos grupos há... alvos... Temos as crianças, temos os idosos, temos a... Portanto, a po...a população acaba por nos... recorrer muitas vezes a nós e por achar isso, por reconhecer que nós temos aqui um trabalho... há... reconhecido e que valorizado porque acabamos por dar aqui várias... vários apoios, não é? **Hum, hum...**

Certo. Terminámos a nossa entrevista. Agradeço uma vez mais. Não sei se quer acrescentar alguma coisa.

Acho que está tudo.

Então pronto, muito obrigada.

Bom trabalho e obrigada.